

ESCOLA DE HUMANIDADES  
MESTRADO EM TEORIA DA LITERATURA

MANUELA RODRIGUES FURTADO

**A VIAGEM NA LITERATURA DE CAROLA SAAVEDRA –  
FLORES AZUIS E PAISAGEM COM DROMEDÁRIO**

Porto Alegre  
2020

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

Manuela Rodrigues Furtado

A VIAGEM NA LITERATURA DE CAROLA SAAVEDRA –  
*FLORES AZUIS E PAISAGEM COM DROMEDÁRIO*

Dissertação apresentada como  
requisito parcial para obtenção do  
grau de Mestre em Letras – área de  
concentração – Teoria da Literatura.

Prof. Dr. Pedro Theobald

Orientador

Porto Alegre, 2020

## **AGRADECIMENTOS**

A meus pais, que sempre me acompanharam nas decisivas viagens de minha vida e me ensinaram a ser forte e a resistir às terríveis tempestades e a contorná-las com amor e coragem.

Às minhas tias, que me servem de inspiração para seguir viajando e crescer, me superando e resistindo às noites escuras com muita luz.

A minha grande amiga Ingborg Bornholdt, que me transmite a fé na vida e em mim mesma para que sublime o viajar entre mundos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Agradeço-lhe pelo apoio e fomento desta dissertação.

“Esta, porém, é a minha doutrina: quem quiser um dia aprender a voar deve primeiro aprender a ficar de pé e a caminhar e correr e escalar e dançar: não se pode aprender a voar voando!” (NIETZSCHE, 2017, p.230)

## RESUMO

Esta dissertação visa a discutir e refletir sobre o tema viagem a partir de dois conceitos: o deslocamento e o despaisamento. A viagem é vista como uma ação, um processo, uma jornada que se dá por duas vias, a física e a metafórica. Trata-se aqui de compreender tais conceitos com base em ideias dos teóricos Michael Onfray, Renato Modernell e Alain de Botton, principalmente. Parte-se de termos como espaço e tempo, dimensão e intervalo; é apresentado ainda um terceiro entendimento, o do processo de individuação. Este comporta as forças afetivas e efetivas – emocionais e morais – das experiências vividas pelo indivíduo na viagem da vida, no constructo de sua subjetivação. Assim, tomada como ação que exige uma locomoção – o sair de um lugar para outro – e um translocamento – uma mudança de contexto –, a viagem é abordada como o viver de uma experiência que não somente nos desloca, mas também nos permeia na jornada da vida e nos transforma. Nossas vivências e os sentimentos nelas compreendidos, nossas escolhas e atitudes éticas e morais, nos transformam a cada passo, como seres históricos, sociais e culturais que somos, em constante experimentação e ressignificação de nossos olhares e de nossas perspectivas. Os conceitos são usados para a análise de dois romances de Carola Saavedra – *Flores azuis* (2008) e *Paisagem com dromedário* (2010). São referidos também os estudos de Aleida Assmann com relação a memória, recordação e lembrança. A viagem é analisada, identificada e explorada como processo físico e metafórico.

**Palavras-chave:** Literatura de viagem. Viagem metafórica. Literatura brasileira contemporânea. Carola Saavedra.

## ABSTRACT

The present master's dissertation aims to discuss and reflect on the theme of travel based on two main concepts: displacement and "dépaysement" (disorientation). A trip is seen as an action, a process, a journey that takes two paths, the physical and the metaphorical. This is about understanding concepts based on the ideas of theorists Michael Onfray, Renato Modernell and Alain de Botton, mainly. We start from terms such as space and time, dimension and interval. A third understanding is that of the individuation process. This includes the affective and effective forces - emotional and moral - of the experiences lived by the individual in the journey of life, in the construct of his subjectivation. Thus, taken as an action that requires locomotion - moving from one place to another - and a translocation - a change of context - the trip is approached as the living of an experience that not only displaces us but also permeates us on the journey of life and transforms us. Our experiences and feelings, our choices and ethical and moral attitudes, transform us at every step, as historical, social and cultural beings that we are, in constant experimentation and resignification of our eyes and perspectives. The concepts are used for the analysis of two novels by Carola Saavedra – *Flores azuis* [Blue Flowers], (2008) and *Paisagem com dromedário* [Dromedary Landscape], (2010). Aleida Assmann's studies on memory and recollection are also mentioned. Travel is analyzed, identified and explored as a physical and metaphorical process.

**Keywords:** Travel literature. Metaphorical journey. Contemporary Brazilian Literature. Carola Saavedra

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. VIAGEM .....</b>	<b>12</b>
<b>3 VIAGEM COMO CONHECIMENTO DO MUNDO EXTERNO E COMO METÁFORA DE AUTOCONHECIMENTO .....</b>	<b>23</b>
<b>4 MEMÓRIA .....</b>	<b>46</b>
<b>5 CAROLA SAAVEDRA E A LITERATURA .....</b>	<b>53</b>
<b>6 O TEMA DA VIAGEM NA LITERATURA DE CAROLA SAAVEDRA .....</b>	<b>56</b>
<b>6.1 PAISAGEM COM DROMEDÁRIO .....</b>	<b>57</b>
<b>6. 2 FLORES AZUIS .....</b>	<b>74</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>105</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>108</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A viagem é nome que nos endereça instantaneamente ao tema movimento; este vocábulo imediatamente ao ser pronunciado, ou mesmo lido, nos remete a ações temporais e espaciais. Viajar é o verbo latente do deslocamento, das transformações ocorridas em intervalos de tempo e dentro de espaços dimensionais. Viajar leva-nos a percorrer diferentes lugares e a permear outros e novos contextos.

Existem inúmeros e distintos meios que nos convidam e nos permitem a realização da jornada: objetos, conceitos, paisagens, sensações, contextos, paragens e passagens, matérias de revistas ou crônicas editoriais, uma coluna de jornal ou uma sessão de fotos, o obituário ou cartas de amor, fragrâncias preferidas ou repugnantes, odores da infância ou daquele momento naquele lugar, uma atividade, uma habilidade, a prática de um ofício, a arquitetura de um edifício, um castelo, um templo ou uma fachada, pontes, fontes, cataratas, o canto de um pássaro, a entonação de um idioma, uma palavra, um abraço; o próprio corpo, a própria mente; todas propostas irrecusáveis para que participemos da experiência de viajar. Aceitemos o desafio e arisquemo-nos na empreitada.

Viagem é também então o experimentar e, por que não, o transcender de uma vivência para além da própria experiência. Quero dizer, quando viajamos de um lugar a outro, percorremos uma distância física, correto. Contudo, simultaneamente, vivemos esse deslocamento, de maneira a nos permitirmos o desenlace de novas perspectivas internas. Quando nos locomovemos, afastando-nos geográfica e fisicamente de um local e de seu contexto, todavia, nosso corpo, estruturalmente formado de ossos, músculos e artérias, protegido por nosso órgão maior que é nossa pele, sensacionamos algo que não pode ser visto, mas é vivo e dinâmico dentro de nosso cérebro e estará resguardado em nossa memória e impresso para sempre em nossa subjetividade. Nossas ações, nossas convicções, nossas sensações, as relações que construímos a partir de tudo isso, e as significações que nos moldam, marcam nossa identidade individual. Impulsionados pelo ânimo, o destino escolhido, o processo de viver a experiência, todo esse conjunto desenha e delinea a obra de nossa individuação.

Viajar é também armazenamento, recordação, lembrança. A memória permite-nos reviver momentos do passado. Acontecimentos anteriores intensos quase nunca

são apagados, por vezes podem ser esquecidos ou ficarem escondidos em algum recanto da mente. Nossas lembranças são o nosso acesso a esses recônditos. Podemos, e somos de fato, de vez em quando, atingidos surpreendentemente por gatilhos ou pontes que nos elevam a outro tempo, a outro espaço. Recordar é, por conseguinte, uma atitude de viajante. Que se constitui em um presente a partir de intensas vivências passadas. Somos seres histórica e geneticamente propensos ao deslocamento, ao despaisamento. Seres que constroem hábitos, fortificadores de costumes, somos como terra fértil, criadores de fortes e profundas raízes sociais e culturais. Mas acima de tudo, somos seres inquietos, curiosos, perambulantes. Somos também sazonais, cíclicos no sentido de nos encontrarmos e conflitar-mos constantemente com a necessidade de mudança, de transformação, de novidade. Nossa espécie se adapta ao ambiente, às eras e suas características, às épocas e suas evoluções, às catástrofes e às ilusões. Não nos acomodamos, ajustamo-nos, moldamo-nos pela permanência da vida, que siga fluida, que siga potente, que siga mutante – externa e internamente. Enfrentamos batalhas e crises por todos os cantos do planeta, e deparamo-nos com nossos medos e paixões diariamente, onde quer que estejamos, faça o clima que fizer. Ao conquistarmos territórios, ao sobrevivermos ao longo de tantos séculos, somos o exemplo vivo de que viajar é uma ação de transformação, de exploração, de construção. Transformar é também criar, explorar é também fantasiar, ações intrínsecas e responsáveis pela construção da subjetividade do indivíduo. Viajar é transpor fronteiras dentro e fora de nós. A viagem é tanto uma realidade quanto uma metáfora.

O registro de um processo de viagem, sua expressividade como testemunho da experiência vivida neste deslocamento físico e mental, é também prática bem antiga de nossa civilização. Assim, existem as cartas, os relatos e, por fim e nada menos importante, a literatura de viagem como um gênero literário que ocupa um certo espaço restrito nas prateleiras de bibliotecas, livrarias e revistarias; bem como, podem cartas e relatos – em um outro estilo – ser encontrados nas estantes virtuais, *blogs*, *instagrams* e outras mídias digitais e redes sociais que se dedicam ao tema de forma específica e exclusiva, ou o exploram de algum modo ou ângulo interdisciplinar – desde a gastronomia ou a história. Em esmagadora maioria, o gênero literatura de viagem tem como característica a descrição de locais visitados e a comprovação de outras culturas e hábitos, combinados à narrativa das sensações e novidades

experimentadas nesse deslocamento. Em bastante menor proporção, encara-se a questão da viagem como uma experiência emocional ou subjetiva. O objeto explorado destas escritas é o fato, o acontecimento visível da experiência de viajar. Quando muito, opiniões a respeito do local ou da vivência encontram-se expressas nos papéis, folhetos e telas digitais. A jornada do processo de individuação passa bastante despercebida e batida quando o gênero literário atende por viagem.

Foi assim, do mergulho de cabeça nesta reflexão e da imersão de leituras, questionamentos e discussões, que optei por permear e percorrer o tema da literatura de viagem desde uma outra perspectiva, desde um outro ponto de vista. Desde uma posicionamento que entende o viajar e a viagem como uma metáfora para a construção de nossa subjetividade e de nossa identidade, como aventura metafórica, subjetiva e de construção identitária. Tendo encontrado um alicerce teórico apropriado – por meio de indicações e pesquisas, tratei de encontrar e explorar uma obra literária que tratasse justamente o tema da individuação – mesmo que disfarçadamente, dedicando-me a uma leitura minuciosa na busca – e no encontro – de um romance que descreve o processo subjetivo a partir de um acontecimento concreto.

Alain de Botton e Renato Modernell me propiciaram um arranque teórico consistente e de credibilidade, no sentido de que ambos são viajantes e escritores dedicados a temas que abrangem o cotidiano de forma filosófica. Estes autores levam, em sua bagagem bibliográfica, uma escrita autoral que abarca o jornalismo, a história e a literatura. Alain de Botton fundou na cidade de Londres uma escola que foca a educação através da experiência como elemento fundante e desenvolvedor do ser desde a tenra idade. E Renato de Modernell é vencedor de alguns prêmios literários, entre eles dois Prêmios Jabuti no Brasil.

Carl Jung e Donald Winnicott brindaram-me conteúdo psicanalítico teórico de peso no que tange ao campo da subjetividade. Ambos os teóricos desenvolveram muitas pesquisas e produziram vasto material teórico a partir destas práticas, desenvolvendo conceitos psicanalíticos de profunda importância para diferentes disciplinas, tanto na área das Humanas como também para a Saúde. Conceitos estes que me possibilitaram o entendimento e aprofundamento de questões extremamente complexas, tesouros deste trabalho dissertativo.

Aleida Assmann, antropóloga social, é uma filósofa e professora que se dedicou aos estudos referentes à memória cultural. Entendendo o indivíduo como ente social, e que uma sociedade está constituída e existe tão somente por causa de seus cidadãos, debruçei-me na leitura desta teórica na busca de uma compreensão melhor de como a memória trabalha no sentido de partícipe da construção de identidade, tanto na sociedade como do indivíduo que a sistematiza. Alcancei, a partir desta leitura, abraçar e compreender a importância extrema dessa peça – a memória – na construção da subjetividade humana, um dispositivo potente e de enorme força e influência no que aqui apresentamos como viagem metafórica.

Assim, em um primeiro momento desta dissertação, trago os conceitos de viajar e de viagem descritos pelos dicionários Houaiss e Aurélio para então, e a partir dessas descrições, propor um olhar mais abrangente dos significados dos vocábulos. Para tanto reconheço três literaturas de viagem de diferentes épocas, trazendo suas narrativas como exemplo da questão – com relatos de viagem tanto física quanto metafórica. Sigo o diálogo abrindo espaço para um conceito importantíssimo no que diz respeito à subjetivação e aos relatos: a memória. Parto então para um a questão da escrita como reforço memorialístico, registro e marca de expressão da subjetividade; analiso ainda de forma breve o tema memória como parte imponente do processo de individuação e no desenvolver da subjetividade. Em seguida, na terceira e última parte deste trabalho, comento duas obras da escritora Carola Saavedra desde uma perspectiva prático-teórico-reflexiva que enxerga a literatura como processo de viagem subjetivo. Esmiúço o estudo e análise da obra literária trazendo os personagens do romance como sujeitos em processo construtivo de viagem identitária. Arremato esta dissertação analisando brevemente como escrita e tempo permeiam a questão do processo de construção de subjetividade e da viagem identitária.

## 2. VIAGEM

Quando penso viagem, quando me indago sobre a experiência de viajar; ou quando me deparo com alguém que pretende viajar, *instintivamente* as curiosidades que se apresentam em minha mente são as seguintes: para onde? quando? por quanto tempo? Assim, entendo que viagem está diretamente ligada às questões do espaço e do tempo, isto é, lugar e período. Pluralizando, relaciono viagem com dimensões e intervalos.

A etimologia da palavra viagem é latina [*viaticum*]. Conceituando o termo substantivo feminino viagem [do prov. *viatge*.] temos, segundo o Novo Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio, a seguinte definição: “ato de ir de um a outro lugar relativamente afastados” (1975, p.1470). No Dicionário Online de Português Houaiss, temos as seguintes definições para o significado do termo viagem: “1. ação de se deslocar de um lugar para outro, geralmente, percorrendo uma longa distância; jornada. 2. espaço que é percorrido ou que se pretende percorrer; percurso; 3. deslocamento em que uma pessoa fica durante um tempo no local de destino para trabalho ou turismo” (VIAGEM, 2019). O dicionário Houaiss online traz ainda o significado do termo no sentido figurado: “experiência capaz de alterar as percepções sensoriais, provocada pelo consumo de entorpecentes e/ou pela ação de alucinógenos; barato”. De forma semelhante, o Pequeno Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa impresso (2015, p. 968) apresenta a seguinte definição do termo: “1. deslocamento que se faz para ir de um lugar a outro relativamente distante; 2. experiência alucinógena provocada pela ingestão de entorpecente”. Este último traz ainda uma terceira definição *p.ext.infrm* (por extensão linguagem informal): “experiência intensa que proporciona forte emoção, prazer”. (2015, p. 968).

Podemos, a partir dessas informações, concluir que o significado do termo viagem está, de fato, em seu conceito e significação em dicionários, ligado a tempo e espaço. Nas definições do termo acima descritas podemos ainda encontrar os seguintes vocábulos relacionados a ele: lugar, distância, percurso, deslocamento. E, em seu sentido figurativo, temos também os termos experiência e percepções em sua conceituação. Finalmente, em uma conotação informal chegamos também a palavras que estão relacionadas à viagem: experiência e emoção.

Utilizando os mesmo dicionários, Aurélio e Houaiss, como referência para encontrar definições, agora do verbo viajar, temos: “1.(*int*). fazer viagem ou viagens; 2.(*T.d.*) andar por; percorrer, correr.” (1975, p.1470). Já o Dicionário Online de Português Houaiss enumera as seguintes acepções, classificando e apresentando em primeiro lugar o verbo quando intransitivo: “1.realizar uma viagem, sair de um lugar para outro; 2. ir de um lugar para outro. [Figurado] Estar sob o efeito de alguma substância alucinógena”. (VIAJAR, 2019). Em seguida, listando as acepções do verbo quando classificado como transitivo direto e indireto: “3.movimentar-se por, passar por um caminho, estrada, percurso; 4.percorrer; visitar certos locais no decorrer do caminho”. De forma semelhante o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa tem as seguintes definições para o verbo: “1.fazer uma viagem ou viagens; 2.partir de viagem; 3.transitar por (um caminho, estrada etc.) 4.passar por, ao longo de (lugar ou lugares) viajando; percorrer, visitar”. O mesmo dicionário inclui também o sentido figurado: “sofrer alucinação sob o efeito de alguma droga alucinógena”. (VIAJAR, 2019).

Noto então que, nos dicionários brasileiros de língua portuguesa, o substantivo feminino viagem e o ato de viajar têm seus conceitos diretamente ligados à questão do deslocamento físico, do acontecimento da mudança de um espaço para outro. O significado do substantivo feminino viagem e o do verbo viajar são limitados pela questão do traslado, dos atos de ir e vir em uma jornada, do evento de cumprir um percurso. O homem que viaja, que empreende uma viagem, tem nesta ação, fundamentalmente, o acontecimento de alterar sua localidade; sua situação de origem é modificada em direção a um destino, visando, por exemplo, trabalho e turismo, como descrito acima; quem sabe focando lazer ou experiência. Temos aqui a questão do(s) espaço(s) e, conseqüentemente, do tempo necessário e gasto para tal movimentação.

Como sinônimo de viagem, encontro, no Dicionário de Sinônimos e Antônimos Houaiss, os seguintes verbetes: 1. **jornada**: excursão, gira, passeio, peregrinação, viajada; 2. **locomoção**; 3. **percurso**: caminho, carreira, curso, itinerário, rota, roteiro, trajeto. Bem como para o verbo viajar, tem-se: 1. **partir**: sair; 2. **percorrer**: andar, atravessar, bater, correr, cortar, cruzar, cursar, mover-se, passar, transitar.

Ampliando a revisão do conceito de viagem para além dos dicionários, que trazem o significado e etimologia do termo, realizo um breve recorrido em bibliotecas

e livrarias buscando publicações sobre viagens. Constato que, em sua grande maioria, as obras literárias que se referem ou estão relacionadas às viagens, também desenvolvem seu enredo em torno do tema deslocamento, na especificidade de um percurso, sua datação de partida e chegada, uma jornada física, isto é, de fato, a narrativa é da realidade externa. As obras descrevem o traslado de determinado personagem, bem como sua jornada a certo destino. A literatura de viagem encontra-se então muito relacionada aos relatos, contendo em sua narrativa descrições espaciais, de locais e regiões visitadas por viajantes, sempre datando tais acontecimentos, contextualizando o acontecimento de viajar no tempo e no espaço.

Um livro importante para a historiografia mundial, livro registro com o mote viagem, é o de Marco Polo, datado de 1299. Nele, Marco Polo narra sua longa epopeia pelas terras longínquas do Oriente, que dura mais de duas décadas – 24 anos de empreitada. Somente em 1439, no entanto, com a invenção da imprensa por Gutenberg, é que se alcança a distribuição e difusão desse relato.

O entendimento do conceito de literatura de viagem como sendo um relato de viagem, na literatura brasileira, por exemplo, segue um padrão de escrita narrativo descritivo, advindo dos tempos da colonização portuguesa em território brasileiro. O primeiro registro, o reconhecimento de nossas terras brasileiras identificadas na historiografia, se dá através de uma carta testemunho referente à chegada dos lusitanos em nosso território: a carta de Pero Vaz de Caminha, também conhecida como Carta a el-Rei Dom Manoel. Diz Silvio Castro (1996), filósofo e doutor em Letras, em seu livro *A carta de Pero Vaz Caminha*:

A estrutura compositiva é extremamente clara. A Carta começa com o típico processo epistolar; depois dos primeiros parágrafos, tal convenção se transforma num diário atípico. Depois de haver inaugurado um diálogo ideal com o destinatário privilegiado da Carta, o Rei, D. Manuel, Caminha endereça seu texto a um amplo campo narrativo. Ele conta nos mínimos detalhes a viagem de Pedro Álvares Cabral. (CASTRO, 1996, p. 13)

Importante notar que a *Carta de Caminha* é considerada o primeiro documento redigido no Brasil e, por esse motivo, é o marco literário do País.

Um século após a impressão da obra de Marco Polo, no ano de 1542, o espanhol Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, escreve, edita e publica o seu livro de

viagem, onde descreve sua trágica experiência de naufrágio, em consequência de uma tempestade, durante a viagem de navio a caminho do Mundo Novo. O título do livro publicado é *Naufrágio*.

Na obra de Alexandre Baguet intitulada *Viagem ao Rio Grande do Sul* (1977), o autor descreve sua viagem por algumas cidades da província, tais como Rio Grande, Rio Pardo e, inclusive, a capital Porto Alegre. A convite da corte portuguesa, no ano de 1845, Baguet percorre as terras gaúchas, conhecendo os hábitos locais, nossas paisagens e nossa cultura. No prefácio da edição traduzida para o português de 1996, escreve Luiz Antônio de Assis Brasil, no texto introdutório intitulado “O olhar do outro sobre nós”, que muitas personalidades europeias visitaram o estado do Rio Grande do Sul no século XIX. Personalidades como Auguste de Saint-Hilaire e Arsène Isabelle, que vinham para nosso estado com objetivos muito específicos, de curiosidade científica ou quase científica. Numa época em que estudar a natureza era um dos intuítos dos viajantes, segundo Assis Brasil, eles

observaram nossa paisagem, nossos hábitos culturais, nossa economia e política [...] encantando-se com tudo que enxergavam, depois, dando livre trânsito às suas veleidades literárias, deram ao público obras em que contavam tais experiências. (ASSIS BRASIL, 1997, p.8)

Temos no livro as datas e locais especificados, a disposição do viajante autor a enfrentar dificuldades sem conta para viver intensamente a viagem e o contexto histórico evidenciado no depoimento. Fragmentos descritos de uma longa viagem, um registro descritivo e mnemônico, uma literatura de elementos e características históricos.

Vale notar que os relatos de viagem eram produzidos por padres e sacerdotes, exploradores e aventureiros, militares e agentes civis, cientistas e colonizadores.

Contudo esse tipo de literatura se expande e se incrementa, bem como o próprio ato de viajar, durante os próximos séculos. As alegorias e as metáforas, bem como as descrições e vivências, assumem novos e distintos estilos narrativos. No compartilhamento da experiência em forma de relato, vão somando-se questões mais emblemáticas e simbólicas, e a viagem incorpora-se à inspiração de escritores, na sedução de leitores. São experiências de vida, passadas de pessoa para pessoa, fonte de entusiasmo para a narrativa, descritas e delineadas no papel. Roland Barthes

declara (apud BRITO): “Escrever é sacudir o sendo do mundo [...] sem dúvida que há um ser transhistórico da literatura” (2007, p.10).

Já no século XIX, um personagem da história da literatura que realizou viagens e as transpôs à sua literatura foi Xavier de Maistre (1763 – 1852). O militar francês descreveu e compartilhou suas experiências com o leitor, seus deslocamentos físicos – situações objetivas – e sua “jornada aérea” – a subjetividade afetada pela vivência, em duas obras conhecidas: *Viagem ao redor do meu Quarto* e sua sequência, *Expedição Noturna ao redor do meu quarto*.

De Maistre abandonou seu país de origem, Saboia, pois não admitia a anexação desta à França. Guerreou na Itália e no Cáucaso, conquistando a posição de general. Viajou por muitos países, mudando-se constantemente. Empreendeu viagens a favor de uma causa ou então em razão da fuga, escondendo-se do inimigo. Em seu livro *Viagem ao redor do meu quarto*, Xavier introduz uma nova maneira de viajar, um outro mundo possível a ser explorado, uma outra forma de explorar o mundo, o mundo hermético vivido e experimentado desde seu próprio quarto. Em verdade a obra relata-nos os quarenta e dois dias que passou detido na fortaleza de Piemonte, na cidade metropolitana de Turim, norte da Itália. Confessa-nos, sutilmente, o motivo de seu relato, no capítulo XXIX do livro:

Não desejava, pelas melhores coisas do mundo, que me suspeitassem de ter empreendido esta viagem só por não saber o que fazer, e forçado de qualquer maneira pelas circunstâncias: garanto, e juro, por tudo que me é sagrado, que já tinha a intenção de empreendê-la, muito antes do episódio que me fez perder a liberdade durante quarenta e dois dias. Tal reclusão forçada foi apenas a ocasião para eu me pôr a caminho mais cedo. (MAISTRE, 1998, p. 63)

De Maistre nos transmite desde este ambiente de uma peça, a partir de seus afazeres diários, os seus enfrentamentos físicos e emocionais, sensações e filosofias, agraciando-nos com sua personalidade e saberes irônicos. Do passeio desde o interior da habitação, nos permite conhecer o que ele vê, mas indo mais além, oferece-nos o seu olhar, seu pensamento e suas vivências nas pequenas coisas, nas profundas reflexões; motivos, motor e transporte, de sua viagem. Xavier celebra uma nova maneira de viajar, introduzindo sua ideia fascinante: uma viagem sem custos, sem incômodos, sem ter de separar roupas, objetos pessoais e demais acessórios ou utensílios, sem ter de fazer malas; sem roteiro, sem método e sem restrições, sem

temer a intempérie do clima ou das estações, sem nem sequer inquietar-se com o passar das horas. Vestindo pijamas e roupão, escreve:

Coragem, pois, partamos. [...] dignai-vos acompanhar-me na minha viagem; seguiremos por pequenas jornadas, rindo ao longo do caminho, dos viajantes que viram Roma e Paris; obstáculo algum poderá deter-nos; e, entregando-nos jovialmente à imaginação, a seguiremos por toda parte, por onde lhes aprouver conduzir-nos. (MAISTRE, 1998, p. 21)

Começa por descrever-nos o quarto, suas dimensões em detalhes e as minúcias da decoração. Descreve sua cama como um sepulcro ou um trono, sobre retratos e seus reflexos, sobre as gavetas que guardam maços de cartas e memórias espalhadas, o voo de um inseto como gatilho para o explorar da existência – a natureza e seus mistérios, as posturas e profundezas de um quadro que apresenta silêncio e solidão, o espelho como objeto que “revela ao viajante sedentário mil reflexões interessantes, mil observações” (MAISTRE, 1998, p. 58). O espaço varia muito pouco – ou quase nada –, porém o narrador percorre léguas e dá voltas e voltas e sempre retorna e recomeça. É um processo de tomada de consciência através da literatura, é um trilhar de mil atalhos no percurso de uma única estrada. Apresenta-nos sua *pet* Rosina e seu mordomo Joannette (um nome que dá o que pensar, (ser) um estorvo constante difícil de ignorar). Em um deslocamento imaginário, quase surreal, medita sobre a dualidade humana, sobre a amizade e o luto, sobre curiosas e sinuosas relações familiares e as desproporcionadas e inconvenientes máscaras sociais, vai “recebendo lições de filosofia e identidade do meu criado e do meu cão” (MAISTRE, 1998, p. 62). Em uma metáfora lindamente construída a partir de uma flor seca de carnaval, flerta com o leitor, conta-nos de como se apaixonou, iludiu-se, se deixou enganar e foi rejeitado, ofendido. Dedica capítulos ao amor, à distante irmã, aos falecidos, à pobreza e à moralidade.

Não sei por que isto me acontece; há algum tempo, os meus capítulos acabam sempre num tom sinistro. Debalde, ao começá-los, fixo o meu olhar em algum objeto agradável, debalde embarco tranquilo, no meio da calmaria; logo se levanta uma borrasca que me faz soçobrar. Para acabar com esta agitação, que não me deixa ser dono de minhas ideias, e para sossegar as batidas de meu coração, que tantas imagens enternecedoras agitaram, não vejo outro remédio senão uma dissertação. Sim, quero por este pedaço de gelo sobre meu coração. (MAISTRE, 1998, p. 54).

De Maistre também exercia a pintura e discerne sobre as artes – seus processos de criação e execução, em especial a música. Dedicou um capítulo a compará-las, elogiando o ritmo, a harmonia e os compassos do artista músico; da exigência de gosto que há de se ter para compor. Em contrapartida o pintor deve ter cabeça pensante. Estará ele se autoelogiando? Sua capacidade e habilidade artísticas de pincelar, tanto em tela quanto nas folhas? Fato é que Xavier de Maistre desvelou sua batalha interna através da escrita, na criação de uma obra que explorou e expurgou suas certezas e decepções, sua alma experimentada na caminhada da vida: “A minha alma é aberta a quaisquer ideias, gostos e sentimentos; recebe avidamente tudo o que lhe oferece! ... Por que havia ela de rejeitar os gozos dispersos pelo caminho tão difícil da vida?” (MAISTRE, 1998, p. 24).

Maistre tem o leitor como partícipe da obra, convida-o frequentemente com verbos no imperativo, citando referências interessantes, prometendo-lhe coisas como “um diálogo entre a minha alma e a *outra*” (MAISTRE, 1998, p. 74). Esta *outra* de que ele fala é a besta, criatura fardo que carregamos, pois que é nosso próprio corpo, nossa mais preciosa e cruel bagagem na viagem terrena da existência. Termina sua jornada em uma viagem imaginária à sua biblioteca, onde diz encontrar nos romances “a virtude, a bondade, o desinteresse que nunca vi reunidos no mundo real onde existo” (MAISTRE, 1998, p. 74). Encerra sua viagem com a seguinte declaração:

Delicioso país da imaginação, ó tu, que o Ser benfazejo por excelência entregou aos homens para os consolar da realidade, devo deixar-te. É hoje que certas pessoas de quem dependo pretendem restituir-me à liberdade. Como se me tivessem tirado! Como se estivesse em suas mãos o poder de arrebatar-me de mim, e de me impedir de percorrer à minha vontade o vasto espaço diante de mim! Proibiram-me de percorrer uma cidade, um ponto; mas deixaram-me o universo inteiro: a imensidão e a eternidade estão às minhas ordens. (MAISTRE, 1998, p. 96-97).

A alma e a besta, a imensidão e a eternidade, consciência e sonho, identidade e corpo, subjetividade e sujeito, assuntos e questões, temas imbricados, passageiros de um só lugar, em um espaço e em um só tempo. Cada corpo e suas limitações, vivos em possibilidades infinitas de sensações e vivências. Veja-se, paredes ou estradas não contêm nem retêm a finitude ética de nossas ações, nossa subjetividade, e muito menos nossas infinitas intenções, poeira e tijolos de nossa identidade.

Na sequente obra, *Expedição Noturna ao redor do meu quarto*, o autor explora uma noite de insônia, viajando até a janela, pendurando-se ao parapeito para contemplar as estrelas e ouvir a voz de sua amada no quarto ao lado. Fala-nos do tempo, do governo, da morte, dos sonhos, do destino. Passeamos com o escritor durante algumas horas, imersos em recordações, alucinações notívagas e delírios existenciais. Diz ele que, ao estar preparando-se para deitar em chambre e pantufas, e tomando as devidas precauções para não ser perturbado em seu descanso, dentro da ordem desorganizada de seu quarto, bate a cabeça em uma quina. É este trauma que o convida – e a nós também – para esta empreitada, “acidente que me sucedeu como uma descoberta preciosa, de que os poetas deverão fazer largo uso” (MAISTRE, 1998, p. 122). Será o susto? O encontro? O trauma como bilhete de embarque.

Ambas as obras usam de situações e objetos reais e concretos no intuito de divagar sobre questões internas e íntimas. O mundo externo objetivo como pretexto para um deslocamento único, profundo, subjetivo. Um novo método para “um viajante aéreo como eu” (MAISTRE, 1998, p. 130), um viajante que transcende a si mesmo, que deixa sua “besta” à mercê da “alma”, vagando pelo universo à procura de algo dentro de si. O viajante aéreo, interno, sentimental.

No século XVIII, o escritor irlandês Laurence Sterne, um dos tantos tuberculosos da literatura universal, escreveu alguns romances e um relato de viagem. Sabe-se que adquiriu a enfermidade devido à vida boêmia e agitada que levava e, dominado por uma personalidade inquieta, começou a escrever romances no intento de animar seu corpo debilitado e apaziguar sua alma sensível. Sua última obra, *Sentimental Journey through France and Italy*, escrita em 1768, narra sua viagem à França e à Itália, países para onde se dirigiu à procura de repouso – uma sugestão médica, aceita por Sterne. A narrativa desta obra é um relato deste retiro em busca de tranquilidade em um cotidiano mais sereno. Conta-nos então sobre sua decisão de viajar em direção a terras francesas e italianas, descreve as vestimentas que levou em sua mala, as refeições que fez a bordo do paquebote e suas sensações durante o traslado marítimo. Em terra firme, relata-nos seus passeios pelos parques, as compras, os encontros, as curiosidades culturais e as mudanças de seu estado de ânimo durante a jornada. No prefácio da obra o autor traz o seguinte pensamento: “Os desocupados deixam o país de origem e viajam por uma ou várias razões, que podem

ser resultado de uma dessas causas gerais” (STERNE, 2008, P.30)<sup>1</sup>. Razões “em geral” que, segundo ele, procedem de três causas possíveis: doença do corpo, imbecilidade da mente e necessidade inevitável. As duas primeiras categorias fazem referência a todos aqueles que viajam levados por seu orgulho, curiosidade, vaidade ou melancolia, bem como por motivos carregados destas características combinadas infinitamente. A terceira categoria refere-se aos viajantes peregrinos, aos que viajam por motivo profissional (clérigos e juizes) e também aos delinquentes (jovens obedientes a pais e/ou tutores, que não têm a capacidade de decidirem por si mesmos). Sterne abre espaço, então, para uma quarta categoria e menciona aqueles viajantes que viajam sem outro intuito que não gastar tempo e dinheiro, são os “simplesmente viajantes”, ou – o que eu entendo por – turistas (STERNE, 1768).

Além de categorizar os viajantes, o autor os caracteriza como viajantes ociosos, curiosos, embusteiros, vaidosos, melancólicos, traidores, inocentes, desafortunados; e é então que finalmente nos introduz o viajante sentimental. Este viajante é aquele com o qual ele se identifica, e mais, diz ser uma categoria criada para ele mesmo, pois, apesar da doença, é a paixão pelo sentimento vivido nas experiências de uma viagem que o desloca ao estrangeiro. Sterne diz que este tipo de viajante, o sentimental, se desloca à procura de conhecimento e regozijo.

Conhecimento e progresso são adquiridos navegando e viajando com tal intenção; agora se o conhecimento é útil e o progresso, real é uma questão de sorte – e mesmo quando o aventureiro tem sucesso, a reserva obtida deve ser usada com cautela e comedimento para que se converta em lucro – mas, como as possibilidades seguem espantosamente na outra direção, tanto no que diz respeito à obtenção quanto a utilização, sou da opinião de Que o homem agiria de maneira mais sensata se pudesse se convencer de viver contente sem o conhecimento estrangeiro nem o progresso estrangeiro [...] (STERNE, 2008, p. 33)<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> “Your idle people that leave their native country and go abroad for some reason or reasons that may be derived from one of these general causes”. (STERNE, 2006, p.14)

<sup>2</sup> Knowledge and improvements are to be got by sailing and posting for that purpose; but whether useful knowledge and real improvements, is all a lottery – and even where the adventurer is successful, the acquired stock must be used with caution and sobriety to turn any profit – but as the chances run prodigiously the other way both as to the acquisition and application, I am of opinion, That a man would act as wisely, if he could prevail upon himself, to live contented without foreign knowledge or foreign improvements [...]. (STERNE, 2006, p. 16-17)

Sterne termina seu prefácio citando Sancho Pança e Dom Quixote, dizendo que há homens, que por desagradáveis, deveriam viajar dentro de sua própria casa e poupar os demais de sua presença inútil e de suas loucuras desnecessárias. Após sua introdução conceitual, segue a narrativa com histórias e anedotas, fazendo sempre observações pessoais a respeito do que ocorre e do que vê e vivencia. Descreve as paisagens, o trânsito, as vivências diárias; faz comentários dos lugares por onde passa, das pessoas com quem dialoga, do jeito e dos gestos que presencia em cada passeio. De tudo que prova ele nos proporciona uma experiência narrativa, em um tom humorístico e irônico, excêntrico até. Usa palavras como: voz interior, destino, “eivar o espírito”, o prezar da experimentação e da consciência disto (STERNE, 1768). Trago aqui mais um trecho de sua obra tão peculiar:

É suficiente para o meu leitor, se ele mesmo já esteve na condição de viajante, que com exame e reflexão da questão ele possa definir seu próprio lugar e classe na lista – isto representará um passo na direção do autoconhecimento; já que é grande a probabilidade de ele conservar matizes e imagens do que experimentou ou fez até o momento. (STERNE, 2008, p. 32)<sup>3</sup>

Sterne faz um convite ao leitor. Sem imperativos verbais, disfarçada e distintamente, ele propõe que o indivíduo olhe para si e decifre-se. Se leia e se compreenda na reflexão, na tomada de consciência de seus atos, em suas atitudes morais, através das experiências sensoriais empreendidas em viagem externa. Ele nos incita a uma viagem interna, sentimental e íntima.

Victor Guerra, psicólogo e psicanalista uruguaio, diz que o ritmo e a palavra são parte central na formação da subjetividade, na constituição do sujeito. Que as palavras impregnadas de sensorialidade, carregadas de emoções, permitem ao sujeito a construção de seu próprio “corpo”. Interpreto que as palavras e seu ritmo permitem a elaboração de uma territorialidade através do corpo, como objeto da subjetividade. E o indivíduo pode então encontrar-se na escrita, e a exploração desse meio – o papel e o lápis, tornam-se a voz desse corpo vivente e experimental. A tinta no papel permite uma descoberta de signos, de significantes, um corpo que se mapeia em palavras, comunicando, expressando tudo aquilo que se constitui nele. Cada um, cada ser

---

<sup>3</sup> It is sufficient for my reader; if he has been a traveller himself, that with study and reflection hereupon he may be able to determine his own place and rank in the catalogue – it will be one step towards knowing himself; as it is great odds, but he retains some tincture and resemblance, of what he imbibed or carried out, to the present hour. (STERNE, 2006, p. 16)

delimitando seu próprio continente, desenhando suas fronteiras, seus limites, escrevendo sua história a próprio punho e existindo através do olhar de quem o lê, o vê, o (re)conhece e interpreta. “O início do contato humano e da subjetivação alude a um encontro que parte do corpo, da experiência sensorial [...] que abrem caminho à emergência da palavra”. (GUERRA, 2014 [s.p.] )

Entendo que escritores, viajantes, cientistas, missionários, através de suas cartas testemunhos, missivas e relatórios, não só relataram descobertas e revelações de momentos e “pedaços” da história, mas, principalmente, através de viagens territoriais e deslocamentos físicos, exploraram, desenvolveram e expuseram suas vivências, seus olhares, seus entendimentos, suas visões de mundo e de vida.

Os dois escritores acima referenciados, De Maistre e Sterne, nos apresentam a viagem como algo que vai além do concreto, que vai além das paredes e das fronteiras, de um quarto ou de um continente. Suas obras desbravam territórios na busca e no encontro de nada mais nada menos do que seus próprios corpos, suas próprias consciências. E a escrita de seus romances fecha – ou abre – suas experiências de viagem como algo a ser comunicado, refletido nas palavras, ganhando corpo e voz, seguindo curso no olhar de quem os lê. Ambos comungam na ideia, e junto com eles Guerra, no discurso de que viajar é traslado mas também é processo. Todos eles direcionam seus olhares pensantes à compreensão, ou pelo menos ao questionamento, do ser como indivíduo que força riscos e traços para o seu autoconhecimento e desenvolvimento como pessoa.

### **3 VIAGEM COMO CONHECIMENTO DO MUNDO EXTERNO E COMO METÁFORA DE AUTOCONHECIMENTO**

Viajar porta um valor arquetípico, primordial. É ação que carrega consigo sentidos e significações, representativa de um conhecimento vivo que atravessa gerações. Na história da civilização a viagem acompanha o homem como ato que é, de deslocamento, dinamismo e mudança, abarcando o experimento de ideias e a descoberta das coisas existentes e das experiências potentes. A viagem e o ato de viajar são matrizes para expressão e desenvolvimento, concreto e efetivo, tanto da sociedade, como do próprio ser humano, partícipe do ambiente social, como indivíduo mutante e criativo que é, sensível e inconstante.

Diz Edvaldo Pereira Lima: “As viagens... são uma força que move homens e mulheres de todos os tempos e de todas as partes a saírem de sua zona de conforto para arriscar-se na experiência do diferente, do estranho, do novo” (2011, p.11). E mais adiante o autor, no que se refere aos viajantes que abraçam as possibilidades e riscos de uma viagem e sua força dispositiva, completa:

Viajantes desse quilate são movidos mais do que pela simples curiosidade. São impelidos por um movimento psíquico, profundo... Suas histórias são impulsionadas pelo motor interno da expansão da consciência, que alarga o alcance da noção de quem somos, de quem é o outro, do que é o mundo, do que compõe esse oceano de diversidades de múltiplos níveis e dimensões onde estamos inexoravelmente imersos, como partículas supostamente inteligentes do grande mistério da existência. (LIMA, 2011, p. 11)

Também Michel Onfray traz a perspectiva de que a viagem vai muito além de um deslocamento. Segundo o autor: “A riqueza de uma viagem requer, a montante, a densidade de uma preparação – assim como as experiências espirituais convidam a alma à abertura, ao acolhimento de uma verdade capaz de fundir” (2009, p.25).

Normalmente, quando se fala em viagem, a primeira referência que fazemos é com relação ao deslocamento, com uma força motora de translocação. Porém entendo que o primeiro passo a ser dado na viagem é o aceite. É dizer “sim, aceito” para o deleite e desfrute das possibilidades, dificuldades e maravilhas que nos esperam na jornada. Há viajantes que desconsideram ou pulam essa etapa e, de fato, a viagem é boicotada já antes mesmo da partida.

Nosso primeiro aceite é o próprio nascimento. O poeta e filósofo medieval Ibn al-Arabi (*apud* MODERNELL, 2011, p.25) já afirmara que a origem da existência é o movimento. Somos paridos, gerados e preparados para este deslocamento original, para o trânsito entre ambientes que proporcionam nosso desenvolvimento físico e psíquico, estrutural e emocional. Somos seres caracterizados e destinados a mover-nos pelos mundos – exterior e interior, vivendo de uma forma semelhante à energia que move o mundo, emergindo do útero à superfície, das profundezas à realidade.

Carl Gustav Jung desenvolve em suas reflexões teóricas o conceito de *anima*; segundo ele: “uma instância que engendra sentimentos espontâneos, os quais exercem uma influência sobre o entendimento do homem” (JUNG, 1978, p. 351). O autor defende que é o *ânima* o próprio arquétipo da vida, que se apodera do homem, fazendo-o dominar a vida através de um entendimento motivado por esta sensação imponderada, animada. Interpreto, a partir desse conceito, que a vida é espontaneidade vivida, conscientizada na razão, isto é, somos experimento e sua significação. “No decurso do processo de individuação, a alma se associa à consciência do eu [...]” (JUNG, 1978, p.352). Entendamos o conceito de individuação desenvolvido pelo psiquiatra Jung através da explanação de sua discípula Marie-Louise von Franz, segundo a qual

[...] o processo natural da vida da alma tem um sentido, uma finalidade, um objetivo; a experiência da unidade ocorre simultaneamente com a realização desta; a nossa totalidade vai se realizando de maneira relativa e parcial e o Centro é, ao mesmo tempo, sempre algo que nos transcende. É isto que Jung chamou de experiência do Si-mesmo. Este Si-mesmo não é apenas um fim, mas também o princípio de toda a vida; é um processo que se desenvolve no tempo, ao qual deu o nome de “processo de Individuação”. (FRANZ, 1984, p.7)

Podemos distinguir aqui os vocábulos processo, alma, sentido, experiência, realização, vida, tempo. Individuação constitui, então, um processo cíclico e vital do ser, que supõe movimento e finalidade. A noção de outra terminologia surge, o Si-mesmo: “sujeito e objeto [...] o indivíduo não apenas pelo que ele pensa, mas principalmente pelo que ele é” (FRANZ, 1984, p. 10). A noção do Si-mesmo supõe termos a consciência de sermos nós mesmos: o confronto perene da vida, uma situação conflitante, um infinito conflito entre o mundo interno e a realidade externa, entre ser e saber(-se); mas também a união do querer e poder, da *ânima* e do arbítrio.

Se é inerente ao homem o conhecer-se a si mesmo, igualmente é inerente a ele o desejo de conhecimento.

“A única maneira de poder efetivamente é querer, e a única maneira de querer é fazer” diz André Comte-Sponville (2001). Se entendermos que o desejo é o que impulsiona nossa vontade, é nossa vontade de viajar um querer saber, conhecer e ser. Um obter-se a si mesmo. Poder viajar é desejar a viagem, fazer a viagem é mergulhar em sua realização.

Assim, vivemos a luta interna em um cenário externo, motivados pelo desejo. O desejo de viajar tem origem nessa água que, fecundada, germina e, “na evidência dos elementos, o desejo se mexe, se dilata, se estende, se distende e modifica seus volumes” (ONFRAY, 2009, p.9); bem como aquela âlma que toma corpo, resultando em capacidades desenvolvidas, no movimento e na dinâmica das habilidades da existência do ser. Sponville, em sua obra *A felicidade desesperadamente* (2001), cita constantemente o pensador Baruch Spinoza, este que tem em sua filosofia o desejo como potência: é potência de existir, potência de agir, potência de gozar e de regozijar o viver (COMTE-SPONVILLE, 2001, p.76).

“O prazer que extraímos de viagens depende mais da disposição mental com que viajamos do que do destino para o qual viajamos” (ONFRAY, 2009, p. 260). Apreendo que a âlma é então a principal fonte motivadora para o encontro com o desconhecido, com o estranho, com o novo. Em nossa jornada, as percepções e perspectivas fundam-se em um estado de espírito, antes de tudo:

Somos inundados de conselhos sobre os lugares *aonde* devemos ir, mas ouvimos pouquíssimos sobre o *por que* e *como* deveríamos ir – se bem que a arte de viajar pareça sustentar naturalmente uma série de perguntas nem tão simples nem tão triviais, e cujo estudo poderia contribuir modestamente para a compreensão do que os filósofos gregos denominaram pelo belo termo de *endaimonia* ou desabrochar humano. (BOTTON, 2003, p. 17)

Vivemos prolongada época de depressão e ansiedade, de angústia e desamparo. Presenciamos, desde o século passado, uma crise mundial de valores e de conceitos e de termos em (re)visão. Debatem-se a sangue quente questões sociais e religiosas, pré-conceitos de gênero e de raça, de tolerâncias culturais e os

problemas do convívio global; discussões e polêmicas eclodem por todos os cantos do planeta, notícias e reivindicações espalham-se nas redes e pela mídia, tomando espaço, adquirindo e procurando sentidos nos discursos dados por atletas e artistas em olimpíadas continentais ou campeonatos regionais, por políticos e sociólogos em palanques de comitê, nas cimeiras e reuniões de cúpula. Tudo ao mesmo tempo e agora. De hora em hora confrontamos a global guerra iminente e a ilusão na esperança de paz. Marie Louise von Franz (Munique 1915 – 1998), psicoterapeuta e pesquisadora, fiel colaboradora de Carl G. Jung – assistiu-o em seus trabalhos e no desenvolvimento de conceitos como o de Individualização –, dizia que “uma das graves causas do desemparo interior do homem de nosso tempo é a ignorância que ele tem de si mesmo.” (FRANZ, 1984, p. 8). Diz ela que o “Brasil se abriu, sensibilizou e engajou mais na realidade social, também é fato que nestes últimos anos houve uma abertura à realidade vivida e à interioridade” (FRANZ, 1984, p. 9). Fala Marie Louise von Franz de uma interioridade que está nos estudos de Jung, que repensa e defende a noção do Si-mesmo – uma ciência da alma, onde sujeito e objeto não existem apenas em suas relações, em suas interações, mas no que eles representam e são juntos, a cada vivência, em toda experiência. “O Si-mesmo é também relação com os outros homens, e ninguém pode ter uma ligação com estes se não a tiver consigo mesmo” (FRANZ, 1984, p. 10). Da mesma forma que esses teóricos estudiosos, penso que o crescimento não tem um objetivo, um alvo; o crescimento e desenvolvimento interno do indivíduo se dão justamente no processo, no percurso de enfrentamento dos acontecimentos e das dificuldades que vão surgindo, nas aberturas e nos riscos da viagem subjetiva. No prefácio de seu livro, Franz relata:

Carl Gustav Jung abriu-nos portas novas para o nosso interior. A alma humana tornou a ser uma realidade viva. A sua experiência, as suas observações e estudos conduzidos em várias direções permitiram-lhe constatar que existe no ser humano uma tendência inata, natural e espontânea a encontrar seu Centro, sua unidade. Assim, impunham-se naturalmente várias constatações. (FRANZ, 1986, p. 7).

O que a pesquisadora e psicoterapeuta nos traz é que nasce na linha junguiana uma nova visão de experiência de vida. Uma dimensão sociocultural do indivíduo pelas experiências que este vive no caminho de sua vida, desde o mais profundo de sua existência. Um sentido na vida no sentido de ser. Penso que o aceite, o primeiro passo, para o olhar profundo dessa vida interior é extremamente banalizado e

superficial nos dias atuais. Vejo que existe uma indução, inclusive, ao desvio deste caminho, ou até mesmo, e por que não dizer, a intenção de sua anulação, na prática dos programas sociais e sistemas de ensino – e também em algumas teorias e discursos. Constantemente somos impulsionados a desviar nosso olhar, a ver um mundo plano e revolto, através de noticiosos e títulos distorcidos – assinalo aqui as *fake news*, tão recorrentes. Ou seja, constantemente somos convidados a participar de atos e fatos críticos apenas de forma leviana, confrontamos a vida e a morte diariamente sem nos aprofundarmos no significado de viver e morrer. Torna-se mais complexo assimilar tanta informação e mudanças sociais e mundiais, de maneira construtiva, se não temos tempo e nem acesso a pensamentos profundos, enraizados, detalhados, claros. Torna-se difícil desenvolver um pensamento crítico, tanto sobre nós mesmos e nosso mundo interno em movimento quanto algo a respeito da realidade externa e dessa sociedade cansada em que vivemos. Carecemos de meios e mestres que nos conduzam à nossa interioridade. No contexto em que vivemos, o homem é um hesitante: vê tudo que passa, e não olha o que acontece.

O mundo se oferece a nós, para que o apreendamos através de nossos sentidos. Quando percebemos o que existe e o que está a nossa volta, é então que iniciamos nossa jornada de vida, nossa viagem ao conhecimento do que existe e daquilo que somos. Mas ver e olhar, quer seja para dentro ou para fora, são atitudes verbais bastante distintas. Ambas as palavras encontram-se em um mesmo campo semântico, porém exigem diferentes entendimentos e requerem outra amplitude no campo da significação.

O ver, em geral, conota no vidente uma certa discrição e passividade ou, ao menos, alguma reserva. Nele um olho dócil, quase desatento, parece deslizar sobre as coisas; e as espelha e registra, reflete e grava. [...] Com o olhar é diferente. Ele remete, de imediato, à atividade e às virtudes do sujeito, e atesta a cada passo nesta ação a espessura de sua interioridade. Ele perscruta e investiga, indaga a partir e para além do visto. (CARDOSO, 1988, p. 348)

A visão do objeto impõe-se, deita-se sobre ele e o calcula, o mede, o dimensiona. O que se vê é algo concreto, maciço e permanente, com acabamento e findo ali mesmo, na ação do ver. O sujeito que vê encontra-se em posição passiva, vidente apenas de algo imposto, ali colocado ou situado. O olhar exige mais do vivente. O olhar permeia o objeto, depara-se não com limites mas sim com lacunas,

espaços a pedir preenchimento interativo: sujeito-objeto; inter e extra-mundo, realidade e reflexão. O ver limita-se a uma ação e a um significado, o olhar busca significação e exige crise – no bom sentido do termo, no sentido de encontro e reconfiguração. O ver age e afirma, o olhar pensa e interroga. Pode que para alguns – e por motivos que aqui não cabe discutir, como por exemplo, o sistema educativo nacional – ver seja o suficiente. Enfrentar a realidade é simplesmente vivê-la, sem confronto, rodear o que nela se apresenta, sem permeá-la. Contudo, trago aqui a realidade como potência, como dispositivo para o envolvimento e experimento de atividades que representam conhecimento de si e do mundo. Penso a subjetividade como substância pensante e viva, dinâmica e transformadora. Na realidade, então, encontram-se entrelaçados ao mundo fragmentado e possível tal como ele é as possibilidades infinitas do indivíduo de construir-se como sujeito, do aflorar para sua individuação. A visão ingênua e o olhar inquiridor: “pois dobra-se, de um lado a percepção da soberania do mundo e, de outro, tudo se concede aos poderes do sujeito” (CARDOSO, 1988, p. 348). O mundo, objeto refletido no olhar e vivido em pensamento, é suporte para a unidade de um sujeito, único, total e inteiro. Sua identidade é quem comanda, dirige, guia as associações e as relações do ele vive tanto interna quanto externamente, ressignificando-se. Minha proposta vai em direção ao olhar à viagem metafórica, interna, simbólica e ressignificativa. Proponho o entender de um deslocamento subjetivo, e o olhar para uma identidade em construção e desenvolvimento.

Verifiquemos então que, assim tomadas, as viagens revelam inequívoco parentesco com a atividade do olhar. [...] As viagens, na verdade, parecem ampliar – intensificar e prolongar – o mesmo movimento que cotidianamente verificamos no exercício do olhar... Como se, em ocasiões privilegiadas, os olhos arrebatassem todo o corpo na sua empresa de exploração da alteridade, no seu intuito de investigar e compreender (CARDOSO, 1988, p.358).

Penso que assim como o substantivo masculino homem resulta em definições variadas, resguardando a significação de distintas estirpes humanas e suas características significativas, o conceito viagem também merece melhor atenção e ampliação de seu significante. Afirmar que o termo viagem está definido de maneira tão limitada ao trânsito físico, ou à ingestão de alucinógenos, é uma contrafação. Cito Cardoso na justificativa a respeito da questão:

Acreditamos que as viagens indicam sempre viagens locais [...] Mesmo os dicionários buscam circunscrevê-las desse modo. Apresentam-nas todos como deslocamentos [...] como restrição propriamente definidora, a exigência de que envolvem lugares afastados. Ou seja: mudança de lugar, mas entre lugares distantes. Ora, podemos observar que esta definição não só nos dá precária retaguarda para a investigação e denúncia dos simulacros como nos enreda em pendências mais intrincadas. (CARDOSO, 1998, p.352)

Vimos no início do primeiro capítulo deste trabalho, que segundo os dicionários referenciados, a definição de viagem está direta e restritamente ligada à locomoção, em percorrer distâncias entre lugares. Sérgio Cardoso traz em seu texto a seguinte problemática: o que é a distância? O que significa algo estar distante? O oposto de distanciamento é proximidade? Cercania(s)? O historiador responde que para que exista a distância há que se ter horizonte, inclusão de espaços entre pontos, envolvimento de grandezas, podendo também a distância demarcar arredores físicos, fronteiras, áreas, delimitações. Mas antes de tudo, necessariamente, é preciso que haja continuidade, um contínuo simultâneo de concretudes, a permanência de uma duração aplicada a uma extensão. E que estas extensões nos são apresentadas em forma de sucessões: um metro mais outro, uma estação após a outra, as escalas, os portos; de parada em parada, a continuidade, as extensões contínuas, uma consequência da outra. Assim, a distância resulta de um somatório de ligações, onde faz-se existir um contínuo movimento, uma corrente onde um elo está ligado a outro. Distância também abrange relação, passagem, comunicação.

No contato e na relação com a arte literária, como forma expressiva e comunicativa, cabe analisar as narrativas como cúmplices dessas viagens subjetivas, reformuladoras. O livro como registro é como bilhete de passagem para um mergulhar na vivência de forma intensa, na experiência profunda e densa.

Viajar é uma redescoberta de si, do ser portador de singular identidade e particular subjetividade. Viajar é então proporcionar e propiciar um reconhecimento do terreno próprio em que se pisa – de seu próprio corpo, um reaprender a mover-se, um redesenhar as próprias fronteiras e reescrever sua própria história. É a gênese do próprio universo do indivíduo criador de si mesmo em constante variação.

“Nós mesmos, eis a grande questão da viagem. Nós mesmos e nada mais. Ou pouco mais”, diz Onfray (2009, p. 75). Em constante busca, o indivíduo é incapaz de

ultrapassar a identidade que o contém. Esta que é flutuante, porém seu ponto de referência é fixo: o eu, e o corpo seu epicentro. “No centro da viagem não há outra referência senão o eu. [...] E o epicentro dessa identidade é o corpo, a carne do viajante: [...] seus alimentos, seu sono” (ONFRAY, 2009. p. 78). O mundo está organizado de maneira a proporcionar o sucesso da experiência do processo de viajar, do enfrentamento de uma jornada na busca de si. “Nem recusa nem celebração de si, mas sábio desvio pelo mundo para chegar a um justo conhecimento da identidade íntima” (ONFRAY, 2000, p. 78). A consciência da circunstância de percepção de mundo para a realização da transformação e construção da subjetividade, diz Onfray, que se dá por meio de um corpo que sente e sofre, essência do ser que cresce no processo de deslocamento da viagem. “Viajar conduz inexoravelmente à subjetividade” (ONFRAY, 2009, p. 81).

O homem deve à sua essência sua própria verdade e liberdade de pensamento na busca por (auto)conhecimento. “As viagens são parteiras do pensamento”, diz Onfray (2009, p.66). Como tais, são proporcionadoras e parteiras de conhecimento, revelando tesouros enriquecedores de vida, nas descobertas de lugares, nas sensações e nos vislumbres, das reflexões introspectivas, dos diálogos internos ou com outros e, por que não, de trato com as paisagens ou os contextos que nos cercam e possibilitam essa vivência e esse enriquecimento interior.

Ainda sobre o pensamento, cito Botton, que a respeito da atividade do pensamento nos diz:

O pensamento melhora quando se atribuem outras tarefas a partes da mente; quando elas são encarregadas de ouvir música ou de acompanhar uma fileira de árvores. A música, ou a paisagem, distrai por um tempo aquele setor nervoso, crítico e prático da mente que tem uma tendência a se trancar, quando percebe que algo difícil está vindo à tona na consciência, e que foge apavorado das lembranças, anseios, ideias introspectivas ou originais [...]. (BOTTON, 2003, p. 66)

A viagem subjetiva começa quando são abertas as razões e os caminhos escondidos no corpo. A riqueza da viagem está nesta abertura que requer um visto, uma permissão de si para si, na iniciativa de experiências que serão vividas pelo corpo, guardadas na memória; recordações e lembranças vívidas na mente e no coração. “Para que tenha sentido, a viagem deve passar por um trabalho de contração, de compreensão”, defende Onfray (2009, p.95). Uma densidade de sentimentos e

sensações é acionada desde a preparação, no acaso que se abre para verdades concretas e emocionais. Uma percepção extra-sensorial da alma para necessidades naturais, suscitando regozijo superficial, cultural e espiritual. “Na viagem descobre-se aquilo de que se é portador. O vazio do viajante gera a vacuidade da viagem; sua riqueza produz a excelência dela.” (ONFRAY, 2009, p. 26)

Jamais prontos, contudo animados e motivados, agora sim, que destino nos espera? Que norte nos guia? A qual direção lançamo-nos? O que buscamos neste impulso? O que nos impele a viajar? Uma imagem, um livro, um ritmo, uma história, uma foto, uma canção? Uma proposta, um convite, uma visão que nos desperta, uma palavra que nos acende, uma melodia que nos inquieta. Indagações ou certezas, o mistério ou a clarividência. Muitos são os estímulos que nos propiciam o início a uma jornada, a seguir caminhando, passo a passo, rumo a um destino.

A destinação de uma viagem não cessa de coincidir com o núcleo do ser e da identidade, impossível de romper. Por trás do arsenal toponímico dos mapas geográficos se ocultam inacreditáveis variações sobre o tema da subjetividade. (ONFRAY, 2009, p. 79)

Da inércia passamos ao estender-se, ao dilatar-se. Quando nos possibilitamos e proporcionamo-nos a jornada, o processo, a viagem, estamos adentrando terreno oculto, permitindo que nossa identidade se distenda, se perca e esvazie-se para então novamente conter, encontrar e preencher nossa subjetividade. O anônimo que desbordaremos, saindo de uma situação *still* – estática, fixada –, nos permitirá um despaisamento.<sup>4</sup>

Ao viajar deparamo-nos com e enfrentamos o desconhecido, o estranhamento, assentimos a ressignificação do Si-mesmo, de crenças e de hábitos, e lubrificamos as visões opacas, tudo isso possibilitado na abertura das frestas de nossas percepções. Concedemo-nos a maravilhosa hesitação das certezas, ao desbravar novas paisagens, perpassando o estranho fora e dentro de nós. Despaisy é desterrar o si mesmo, o simbólico em nós e as percepções já instituídas ou petrificadas em nossa consciência. É a partir do mesmo material do qual somos constituídos, a partir de

---

<sup>4</sup> Despaisy é uma expressão que vem do francês “*dépaysement*”. Faz referência ao que sentimos quando estamos fora do nosso país; mais amplamente, à sensação trazida por uma mudança de ambiente e hábitos.

nossa essência constitutiva, que nos entendemos capazes de criar novos moldes, sentir novas texturas, experimentar novas formulações. É arejar a própria identidade. O núcleo central do homem e sua expressão mais íntima se revela e se lacuna no processo da jornada. Há quem viaje por terrenos exóticos, se desloque no sentido de conhecer continentes e países extremamente estranhos, cruze oceanos e se coloque frente às mais inusitadas situações físicas e culturais, vive o infamiliar ao extremo, porém de maneira absolutamente superficial. Há pessoas que viajam para a Coreia, Tailândia, ou Porto Príncipe, e não vão além das portas do alojamento. Encerram-se em jardins particulares e não transcendem no sentido de permitir-se o viajar simbólico, ressignificativo. Também há os que vão a Paris ou Buenos Aires e sequer pisam os corredores do hotel, permanecendo em seus quartos, assistindo televisão ou canais de *streaming* – futebol ou noticioso. Em um relato recente ouvi de uma viajante: “Vou fazer uma viagem nada especial: cinco dias em Cartagena de las Indias, conhecendo pequenos *pueblitos* no roteiro dos pequenos passeios diários, finalizando a viagem passando uma semana a bordo de um cruzeiro pelo Caribe”. Por outro lado, há viajantes que são capazes de viver experiências profundas e absolutamente transformadoras de si, mesmo não indo além dos limites de sua cidade, permanecendo em sua região, ou até mesmo dentro de suas próprias casas – ou quartos. Pessoas que, deitadas em uma rede ou atiradas no sofá de sua sala, ao ler um livro bom o suficiente para permitir-lhes o deslocamento, experimentam e vivem, mergulham em um total despaisamento mental. Vivem em sua essência uma transposição anímica, translocando suas energias na vivência da abertura para uma experiência inovadora. São indivíduos dotados de uma força motora espontânea, dispostos ao experimento da vida. Posso ver nos parques e nas praças as feições das pessoas que, ao ler as páginas de um caderno ou escutando de olhos fechados alguma música ou estação de rádio, são tomadas de profunda emoção; pessoas capazes de viver uma brincadeira com seus filhos ou uma folia com seus mascotes de maneira transcendental, como algo que os transporte para além daquele tempo e espaço no qual seus pés se apoiam: suas mentes viajam. O despaisamento não é ser testemunho do anômalo e do atípico, mas sim o desenquadrar um campo interno, privado; o desterramento que só um viajante sentimental é capaz de cavar e enfrentar. É a consciência da possibilidade de percorrer distâncias embrenhado em sua subjetividade.

Também elas [as viagens] – como exercícios do olhar – têm origem nas brechas de sentido. Se o viajante fura o horizonte da proximidade e transpõe os limites de seu mundo para fincar a atenção mais além – no que não se deixa ver mas apenas adivinhar ou entrever –, é sempre pelos vãos do próprio mundo que ele penetra, na medida em que surgem brechas na sua evidência, abrindo passagens na paisagem ou contornando desníveis e vazios. A viagem, então, como olhar, vazando por esses poros, temporaliza a realidade reempreendendo a busca de sentido. (CARDOSO, 1988, p. 359)

Assim, marcado de uma interioridade espacial e temporal, o ser que se abre, se permite e aceita transportar-se, mais do que ser transportado, conhece o estranho dentro de si mesmo. Sua vivência não é simplesmente alienar-se do já conhecido, o afastamento de um cotidiano monótono e repetitivo; mas sim uma abertura de fronteiras e dimensões, um desbloqueamento de habitações internas na exploração de corredores, portas e janelas singulares, de porões, sótãos e coberturas pessoais. Este tipo de viajante “experimenta a vertigem da desestruturação” (CARDOSO, 1988, p. 359). O estranho numa viagem é também o outro local, a outra cultura, a relação e a comunicação, a troca gerada a partir deste encontro em outro espaço em e por determinado tempo. Mas é a flagrante fragilidade de si mesmo o desafio maior, o desarraigamento do sujeito de si, o enfrentamento de uma reflexão a partir da relação e do cuidado de si mesmo, dessa troca comunicativa subjetiva. São visíveis e determinantes as demarcações e limites diários que enfrentamos e encobrimos, é no palimpsesto inscrito de nossos dias que nos acomodamos, assentados em uma moral e éticas latentes. Cabe a cada um, vivos em personalidade, a abertura, a aceitação e a decolagem em direção ao incógnito, ao enigmático, ao invisível encontrado (ou existente) em nós.

Quando buscamos um destino e nos preparamos para o ato de viajar, já estamos nos preparando, já estamos vivendo um processo. Um processo de esvaziamento, de desocupação, de despejo. Nos encontramos em um estado de abertura, que antes exige um desprendimento para obtenção ou apreensão de algo diferente, desconhecido, incógnito que virá. A viagem é, sim, aquisição de cultura, de conhecimento de bens. Mas antes de tudo é abdicar do que somos e conhecemos todos os dias, é lançar mão – por um período de tempo – de hábitos, de costumes diários, do nosso cotidiano e de nossa rotina. É disso que se trata; viajar é colocar nosso ser interno, que conhecemos e “controlamos” até então, em uma vivência

externa da qual não sabemos nada; é confrontar o desconhecido. Consentimos e nos alimentamos de experimentos e experiências, provando e enriquecendo essa identidade que construímos dia a dia durante toda nossa vida, consolidando-a, fortalecendo aquilo de que somos feitos: nossos desejos, nossa ânsima, nossa identidade subjetiva. “Meu corpo e minha mente haveriam de se revelar cúmplices temperamentais na missão de apreciar o meu destino” (BOTTON, 2003, p.29). O corpo é a morada de nossa vivência, é nele e através dele que experimentamos as sensações, é ele o laboratório de nossos sentimentos. É o corpo a locomotiva que conduz a nossa existência na viagem da vida. Nele, está e funciona o sistema que regula e comanda essa morada: a mente, ela que normatiza e atualiza o funcionamento do corpo. Ambos, mente e corpo, permitem nossa locomoção, nosso deslocamento, são eles os grandes patrocinadores do empreendimento da viagem em direção ao nosso destino, seja este escolhido em um mapa ou descoberto em aventuras.

Quando o estranhamento, o despaisamento e o deslocamento se efetuam e se realizam, têm-se uma produção de causas e efeitos, de afetos que se potencializam, na concretização de uma evolução psíquica a partir de uma realidade vivida na experiência do mundo. “O viajante recusa o tempo social, coletivo e coercitivo, em favor de um tempo singular feito de durações subjetivas e de instantes festivos buscados e desejados” (ONFRAY, 2009, p.15). Extraio desta citação a ideia de que cada indivíduo carrega dentro de si um ritmo próprio, um andamento físico e emocional único e particular; esse compasso é o que dá harmonia à sua “morada”. Na comunhão do corpo e da mente, estando ambos em boas condições de viagem, isto é, abertos e disponíveis a uma transformação, o destino, mesmo que incerto, será alcançado pelo viajante. Seja na realização de um traslado físico, geográfico, seja em uma vivência da subjetivação da identidade. Renato Modernell traz em seu livro, *Em Trânsito: um ensaio sobre narrativas de viagem*, o conceito de individuação do psiquiatra Jung, concebendo uma explicação para este acontecimento:

Tal ampliação da consciência faz o indivíduo dar mais importância a vozes interiores – pressentimentos, convicções, intuições, impulsos, *insights* etc. – do que às condutas impostas pelo meio social. A jornada da individuação é longa, solitária e traiçoeira. Ao cumpri-la, segundo Jung, enfrentamos psicologicamente os mesmos desafios previstos em rituais de iniciação de povos antigos. Em numerosas culturas, a ideia de

viagem traz embutida a premissa do amadurecimento psíquico.  
(MODERNELL, 2011. p. 25)

De fato, a individuação é um processo pelo qual passa a consciência de um indivíduo. Um processo de diferenciação ou individualização da própria consciência em relação à consciência dos outros, onde o foco principal é o conhecimento de si, tornando o indivíduo, ele mesmo, uma unidade autônoma e independente. A Consciência e a Individuação caminham juntas, passo a passo, na realização de um autoconhecimento, no desenvolvimento de uma personalidade.

Somos produtos do convívio e da sociedade, do ambiente e do meio, somos o resultado do nosso entorno e da forma de como interagimos com ele. Somos consequência do nosso olhar que pensa. Na apreensão de nossos sentidos somos frutos de nossas visões de mundo. Os ensinamentos formais e informais dos quais nos alimentamos e que certamente nos enriquecem e nos caracterizam, não nos definem totalmente. O viajante então é um ente que desdenha limites e fronteiras preestabelecidas, estejam elas desenhadas nos mapas, nos roteiros dos panfletos, transcritas nos livros de história ou como for. Para uma criatura que desbrava, o homogêneo e o contínuo são apenas preceitos. Em sua compleição, o viajante está atento para algo que acontece entre o lá e o cá, entre todo o caminhar que leva desde um ponto a outro – o de saída e de chegada. Existe uma atração magnética entre a viagem e o viajante. Sua disposição, como diz Sérgio Cardoso (1998, p.347), se traduz em “fé perceptiva”, impelindo-o a aventurar-se no cimélio que é sua subjetividade. Com o corpo, seu veículo automotivo, experimenta a vida, e seu combustível são os sentimentos, as emoções. A leitura é bilhete premiado para tal caça ao tesouro. Completando a ideia citada acima, “O papel instrui as emoções, ativa as sensações e amplia a possibilidade próxima das percepções preparadas” (ONFRAY, 2009, p.25). Somos indivíduos em constante busca, eternamente insatisfeitos, curiosos; insuficientes nas nossas relações diárias, nos nossos hábitos cotidianos e nos costumes de nossa cultura, nos desestabilizamos e voltamos a encontrar nosso prumo, por meio de jornadas, processos e viagens. “O errante cultiva o paradoxo da forte individualidade e sabe se opor, de maneira rebelde às leis coletivas”, escreve Onfray (2009, p.14) e pontua: “A arte da viagem induz a uma ética lúdica, uma declaração de guerra ao espaço quadriculado e à cronometragem da existência”

(ONFRAY, 2009, p.14). O indivíduo viajante vive em deslocamento, transitando através dele mesmo em contato com o seu redor, percorrendo um eterno caminho de construção subjetiva.

O indivíduo desenvolve sua identidade, sua individualidade, em um processo que envolve outros e novos e mais processos, continuamente, pois encontra-se inserido em uma sociedade vestida e nutrida de sua respectiva e singular cultura. Esta que igualmente o nutre, acolhe e forja. Entretanto, no trajeto da construção da identidade, nos é exigida, constantemente, a abdicação da verdade que se sabe e se conhece sobre si, a eterna exigência da vida de sermos outra pessoa sendo cada vez mais de nós mesmos. “Sonhar uma destinação é obedecer à ordem que pronuncia, dentro de nós, uma voz estrangeira” (ONFRAY, 2009, p. 21). É um caminho arduo, porém fértil, se desfrutarmos do ambiente que reconhece nossas mudanças. Nós e o ambiente, o corpo e a mente. Faço minhas as palavras de Botton: “Uma quantidade de ansiedades gira pelo consciente.” (2009, p.22)

“A viagem começa [...] na claridade de razões antes entendidas no corpo”, defende Onfray (2009, p.25). O interno e o externo trabalhando juntos na transformação do ser, em uma jornada subjetiva. A viagem é jornada, constituinte de provas e desafios, tanto nos mapas da mente como nas aventuras do corpo. “O melhor aspecto das viagens: a expectativa”, diz Botton (2009, p. 35). Enfrentamos já de início a resistência em aceitar esse processo, em sair de uma inércia, arriscando o aniquilamento de certezas incrustadas em nossa raiz identitária, porto seguro de nossa psique. Entre tantos caminhos e roteiros, o viajante também assume papéis e personagens. Ele é artista. O viajante é artista de si mesmo e carrega e leva um compromisso de construção de si, de criação de si. Assim, recriar-se é, dentro desse compromisso, com tamanha responsabilidade, transbordar-se de expectativas provocadas por probabilidades remotas e possibilidades plausíveis, por fascínios, sustos e surpresas em uma viagem sublime e transcendente experimentada ao longo da vida. Diz Onfray (2009, p.9): “cada um se descobre nômade ou sedentário, amante de fluxos, transportes, deslocamentos ou apaixonado por estatismo, imobilidade e raízes”. O viajante vive uma situação especial oposta à do homem enraizado; “Os pastores percorrem [...], os camponeses se instalam” (ONFRAY, 2009, p.10), afirma o autor. É o pastor que percorre vastos prados em contraste com o camponês que se

instala em campo fértil. O então nômade desprende-se da raiz de quem é para abrir asas e alçar voo, liberando-se no que pode vir a ser. Como diz Botton,

Não sou mais moderno do que sou antigo. Mais francês do que chinês. E a ideia de uma terra natal, ou seja, esse imperativo de que se viva num pedaço de território assinalado em vermelho ou azul no mapa e que se sinta ódio pelos outros pedaços verdes ou pretos, sempre me pareceu de mentalidade tacanha, limitada e de uma profunda tolice. No fundo, sou irmão de tudo que vive, da girafa e do crocodilo tanto quanto de outros homens.

Todos nós, sem que escolhêssemos, fomos, ao nascer, soprados pelo vento para um país, mas, como Flaubert, na idade adulta dispomos da liberdade para recriar na imaginação nossa própria identidade em harmonia com alianças que realmente fazemos. (BOTTON, 2003. p.108)

Gerados por nossos pais, crescidos e educados neste ou naquele ambiente, viventes em tal cultura, demarcados por nosso entorno, incluídos e envolvidos em horizonte pitoresco. Nós e o cenário onde atuaremos nossa vida ininterruptamente até o ato de nossa morte. Entre o ponto de partida e o destino, o percurso. A distância que em sendo física é visível, mensurável, calculável, e principalmente: concreta. Chegando a um “destino”, pronto, chegamos! Agendamos visitas, marcamos pontos de encontro, reservamos restaurantes e mesas, nos organizamos para ver espetáculos ou qualquer coisa que nos interesse: hora e endereços citados. Porém, na vida não sabemos onde está este segundo ponto, sentimos que chegamos, temos a sensação de que em tal momento aprendemos a lição, de que com isso ou aquilo entendemos o motivo de um aprendizado. O espaço é uma grandeza percebida e variável; o tempo é impreciso, imprevisível e impenetrável – no sentido de vivência e experimento das sensações. No percurso de nossa subjetividade não ligamos dois pontos – ou quantos forem, os relacionamos, os comunicamos um com o outro. A relação da distância envolve tempo, movimento, empreendimento de condições, numa contínua sucessão de pontos. Falando de maneira metafórica, nossa identidade é feita do tipo de caneta que usamos, a espessura de sua ponta, a cor da tinta, a textura do papel, a velocidade com que escrevemos ou desenhamos, na intenção de nossas interjeições, na força do ponto final. Viajar é habitar esse mundo intermediário – entre o A e o B, a saída e a chegada –, obedecendo a leis próprias, sem regência predefinida ou delimitada, ignorando nossas relações habituais. Esse lugar de

extraterritorialidade, que não é nem aqui nem lá, todavia, é essa passagem. Vem-se de, vai-se para. Diz Michel Onfray em seu livro *Teoria da viagem*:

No entremeio, quando os referenciais de civilização desaparecem [...] se experimenta essa subjetividade radical que dá impulso a lógicas desconhecidas de cada um. [...] Entre o lugar deixado e a terra que se pisa ao chegar, trazido sobre a água, nos ares ou deslocando-se numa translação que isola do chão, o viajante descobre algumas novidades metafísicas: as alegrias da comunidade pontualmente realizada na insignificância vivida em cada um, a prática da duração como um escoar assombroso, a impressão de habitar um local inteiramente produzido pela velocidade do deslocamento. É nessa espera mágica que a viagem solidamente se inicia. (ONFRAY, 2009. p. 38)

A vontade de mudança, de colocar-se em trânsito, tendo como objetivo o deslocamento de si, e o desejo de forjar-se, exige abertura, abraçar o desconhecido a partir de tantas novidades, quiçá fazer escolhas e tomar posições. Somos também nossas escolhas. No processo de viajar, o indivíduo se vê, se coloca frente a bifurcações e encruzilhadas e é então “obrigado” a tomar outras decisões: para onde, quando, com quem, para ver o que, para que, instalar-se onde, fazendo o quê; o que pretende, em que hemisfério, em que condições, gastando quanto, por quanto tempo, de que tempo dispõe. Toda essa potência imaginativa revertida para uma realização efetiva e afetiva, viver um processo de deslocamento; uma jornada de progresso em direção à experimentação, na concretização da constituição do si e para si. Independência, individualidade, identidade, estão supostas no traslado. Mas como calcular essa distância? Que distância é essa? Ora, podemos calcular e entender o grau da distância que nos compete viajar ao olhar bem, no sentido de empreender uma distância vivendo o passo a passo, onde cada movimento é verdadeiramente vivido em sucessão, em uma unidade contínua de compasso do andar (físico e emocional). Se olharmos para trás ou para dentro de nós veremos vários pontos conectados, é a consecutividade dos locais por onde andamos, ou dos elementos que nos compõem, os determinantes da extensão de nosso sujeito. Somos o composto de nossos movimentos e sentimentos, alicerçados pelo tempo e espaço. Somos o algo em alguém, somos a infinita aceitação de seguir.

Contudo, somos tomados de uma permissão consciente, conscientes da nossa travessia árdua e prazerosa; aceites de nossa abertura para mudanças e transformações prováveis e possíveis, cientes de que sofreremos um traslado, de

que nos deslocaremos entre mundos dentro e fora de nós, entendemos e compreendemos então que a viagem é algo exercitado e experimentado pelo corpo e na mente. Em Onfray (2009) podemos identificar a alusão aos diferentes meios possíveis de transporte na realização de uma viagem: por água, por terra ou no ar. Acredito que são nossas particularidades identitárias que verdadeiramente determinam a necessidade e desejo da viagem, nossos anseios são determinantes do meio de transporte que vamos tomar. Existe um elemento para cada temperamento, cada um assenta uma energia, uma vitalidade do qual é fabricado. Nossa essência locomotiva transitória é reflexo de nossa identidade subjetiva, somos escolhidos e acolhidos pelos meios que nos levam, que nos transportam:

Não escolhemos os lugares de predileção, somos requisitados por eles. No registro elementar dos filósofos pré-socráticos, cada um pode descobrir-se portador de uma paixão pela água, pela terra ou pelo ar – já o fogo circula no corpo mesmo do viajante. (ONFRAY, 2009, p.20)

A destinação da viagem é uma ordem obedecida que nos fala desde dentro, uma voz de ritmo único e próprio. O nosso corpo é um meio, um fio ou elo condutor de sensações e significações. Nosso corpo fala, comunica-se conosco durante todo o processo, é ele quem mostra o caminho e o destino, se toleramos e suportamos o peso e os riscos da viagem. Ele é força e debilidade, é nosso mais puro e essencial meio de transporte na empreitada da vida. Caminhar, nadar, correr, alimentar-se bem, com que frequência e quantidade, a qualidade e horas de sono de que podemos desfrutar quando propícias e o quanto alcançamos suportar quando falhas e deficientes, em que condições nos alimentamos e dormimos, o clima, a situação e condições do meio; estamos seguros dos perigos externos, de riscos naturais ou do próprio ataque de outro ser humano? Estamos expostos, somos reservados, estaremos bem cuidados, quem sabe mal acompanhados? O contexto em que está inserido o corpo, o que ele nos diz, o que nos exige, a que demanda obedecemos na expectativa do alcance de um objetivo? Como tratamos nosso corpo para que nos leve e para que cheguemos sãos e salvos e preenchidos, de conhecimento, carregados de vivência efetiva e afetiva, ao nosso destino? Como atuamos e que comportamento assumimos para que nossa façanha se concretize de modo a nos beneficiar, para que aproveitemos nosso rumo ao conhecimento e desenvolvimento daquele lugar que agora habita em nós? O corpo e a mente são cúmplices na missão

de construção dessa identidade jamais totalitária e eternamente germinativa. Como diz Onfray,

A soltura do corpo é necessária ao exercício da viagem. Pois a carne deve se colocar à disposição do mundo, registrar suas menores variações, partir em busca do menor detalhe perceptível por uma pele, um sensor olfativo, uma parcela do cérebro projetada pelo nervo óptico, uma superfície tátil, papilas, um pavilhão auditivo e sua cóclea. A alma material deve partir ao encontro do mundo que se manifesta de maneira atômica, em virtude do modo de propagação iminente dos simulacros. (ONFRAY, 2009, p. 63)

Onfray defende esta ideia de que o corpo dilata-se e modifica seus volumes, liquidificado em mapas e topografias. Escreve: “O desejo de viajar tem sua origem nessa água lustral, tépida, ele se alimenta estranhamente dessa superfície metafísica e dessa ontologia germinativa” (2009, p.9). Entendo a relação que o autor fez desde o mundo aquático do útero, de quando submersos nessa água vital, nós vivemos algo único e lúdico, podemos dizer, pois mergulhados neste pequeno recinto já existe algo, uma energia, uma essência de viajante que se cria e se desenvolve dentro de nós, criaturas do universo. Podemos viajar, explorar e imaginar, desde este pequeno espaço, o que está acontecendo com o nosso corpo, para que e como nos afeta o externo, a troca e relação interna e externa. Nosso corpo em sua primeira essência, tomando forma, já conectado e comunicando-se com o que nos rodeia. Nós humanos e o nosso contexto primário. Sentimos, como salienta Onfray,

o gosto pelo movimento, a paixão pela mudança, o desejo ardoroso de mobilidade, a incapacidade visceral de comunhão gregária, a vontade de independência, o culto à liberdade e a paixão pela improvisação de seus menores atos e gestos; ele (o viajante) ama seu capricho mais do que a sociedade na qual vive à maneira de um estrangeiro. (ONFRAY, 2009, p.13)

Esse é o viajante para Onfray. A transformação de um estado natural ou do estado presente do indivíduo na busca por um desenvolver, um deslocar-se. Perder-se para encontrar-se. Sabemos então que sem o reconhecimento do corpo há o perigo de extravio da alma.

Ouvir realmente dispostos a escutar, olhar com uma mirada mais intensa, degustar com atenção, ver através, sentir a todo vapor e em cada poro, registrar tudo quanto se pode e mais que o de costume; tudo na potência de produzir, uma anotação,

um rascunho, um esboço; traços e linhas. “O viajante não poderia dispensar um suporte para fixar os abalos consubstanciais do deslocamento” (ONFRAY, 2009, p. 49). Fixar com auxílio das técnicas de que dispomos, com vontade e a bel-prazer: pincéis ou canetas, câmeras ou telas, nas notas e acordes, em um instrumento musical, nas folhas de um caderno, nos efeitos de um celular, nas aplicabilidades ou aplicativos possíveis e disponíveis, o essencial é efetuar o registro do feito, é deixar afetar-se de fato e transbordar na estética das artes o instante do aprendizado da viagem.

Todo viajante merece e deveria dedicar-se e possibilitar-se o registro de sua vivência, singular e sublime, deste processo de deslocamento que é a jornada; não importando se é uma viagem longa ou curta, próxima ou longínqua, se cruzaremos o planeta em 180 dias ou nos acomodaremos em nosso próprio quarto por algumas horas. Pergunta-nos Onfray (2009, p. 35): “Em que momento começa realmente a viagem?” E também nos responde em seguida: “É quando giramos a chave”. Extraio daqui o entendimento de que a viagem começa quando agimos conformes e atuantes de que estamos vivendo algo que nos exige abertura, ação, registro. Envolver-se com e no acontecimento, responsáveis e ativos.

Assim, disposto, esse viajante tocado pela graça põe seu corpo à disposição do inefável e do indizível que, metamorfoseados em impulsos e emoções, se transformam em sentido e resultam em palavras, imagens, ícones, desenhos, cores e traços, em rastros que transfiguram a efervescência de uma experiência em incandescência expressiva. (ONFRAY, 2009, p. 63)

Desde a minha perspectiva e experiência, reconheço nos textos uma magnificência da vida. Aprecio a literatura como arte que é, e compreendo a escritura como uma necessidade comunicativa expressiva – também possível de ser artística. Na obra organizada por José Domingos de Brito intitulada *Por que escrevo?* muitos autores responderam a tal pergunta. Em suas respostas podem ser acessados alguns dos motivos que levam o ser humano a escrever. Diz Juan Gelman, em seu testemunho: “Escrevo para entender o que está acontecendo” (BRITO, 2007, p. 132). Para nos entendermos, para nos decifrarmos. A escrita como ponte, uma ponte expressiva e de expressão entre mundos, que interliga o ser interno com o ambiente exterior, permitindo mais do que uma conexão, mas uma troca, uma fluidez de informações e sentimentos. Claro está que para saber escrever é preciso aprender a

ler, e ler o máximo possível para a obtenção de uma boa escrita. O bom escritor é um ótimo leitor. Declara Moacyr Scliar: “Eu lia para aprender a viver, para saber o que fazer. [...] Assim, quando comecei a escrever é porque lia” (2007, p. 170).

A leitura é uma viagem, esplêndida, magnânima, um exercício que exige dedicação, tempo, interesse, entrega. Falo da leitura apaixonada, que gesta a escrita. A leitura que alimenta a alma leitora, fonte de energia para a produção da escritura e reprodução narrativa. Onfray faz referência a um tipo de escritor e escrita específicos:

Pois o poeta, mais que qualquer outro, instala seu corpo subjetivo exatamente no lugar frequentado por sua consciência e sua sensibilidade. Todas as suas emoções, sensações, percepções, todas as suas histórias singulares amadurecem em sua alma fantasiosa e que um dia resultam num texto curto que oferece a quintessência de sinestésias fantásticas: sentir cores, degustar perfumes, tocar sons, ouvir temperaturas, ver ruídos.

Praticar esses exercícios confirma que viajar supõe o desregramento de todos os sentidos, para depois reativá-los e recapitulá-los no verbo. (ONFRAY, 2009, p. 29-30)

O viajante é artista e, portanto, ser de potência criativa e produtora. Não há que ser poeta, podendo florescer e exercitar-se o dom das artes pela pintura, escultura, nas pautas musicais, nos palcos ornamentais, nas instalações ou performances, em narrativas longas ou curtas – em postais, cartas ou em versos. Atenhamo-nos à escrita, deixemos em foco e iluminadas as linhas e as palavras. Compartilhar a experiência da jornada através da escrita é tão antigo quanto a própria viagem. Está nas narrativas épicas, nos testemunhos da Bíblia, nas conquistas e descobertas da história, registrando o desenvolvimento do ser como indivíduo social, cultural e histórico que é, na memória da civilização. Declara Brito no prefácio do livro que organizou: “Talvez, na escrita, o ser humano tenha sentido, pela primeira vez, o espetáculo da transcendência” (2007, p.9). A narrativa de viagem está no imaginário de todos os povos, de todas as épocas, sua força sublime está nos trabalhos do herói, nos tempos entre costuras, nos conflitos bélicos, nas sofreguidões das personagens. Está nos livros sagrados, nas mitologias, nas fábulas, nos contos infantis, nas loucuras de amor e morte.

Donald Winnicott (1975), pediatra e psicanalista inglês, traz o conceito de Fenômeno Transicional, que diz respeito a uma dimensão do viver que não depende nem da realidade interna, nem da realidade externa; mais propriamente, é o espaço

em que ambas as realidades se encontram e ao mesmo mantêm separadas o interior do exterior, o fora do dentro, o objetivo do subjetivo. Winnicott emprega diferentes termos para se referir a essa dimensão, um deles é o de localização da experiência cultural. É aqui, neste espaço, que está localizada a cultura, o ser, a criatividade. Falarei mais sobre este autor adiante.

Segundo Jan Abram, psicanalista pesquisadora e estudiosa das teorias e ideias de Winnicott (2000), nos conceitos psicanalíticos de diferentes correntes, como a freudiana e a kleiniana, entende-se que no desenvolvimento do ser, desde o princípio, existe a necessidade da criação de uma “ponte” que ligue o interno e o externo da criatura. Essa ponte está impregnada de significado e é símbolo da ligação entre os dois ambientes, é um terceiro espaço, um espaço intermediário que permite o diálogo entre mundos, tornando possível, aceitável – e quem sabe prazerosa – a convivência entre indivíduos, dando significado à própria vida, à própria existência.

Esta área intermediária é uma área de experimentação, de significação, de criatividade. Quando aprendemos a caminhar por nossas próprias pernas, quer dizer que estamos preparados como sujeitos para percorrermos um caminho que nos leva até certo objeto. Percorrermos um espaço – longo e físico como um corredor ou curto e subjetivo como a reprodução de um som – que nos levará a atingir nosso objetivo de contato. São as relações de nosso mundo interno com o mundo externo que conectam as realidades separadas: o eu e o outro. Através da internalidade experimentamos as possíveis existências de uma externalização. O indivíduo a partir do momento em que nasce já começa a constituir-se como sujeito, sua subjetividade, o seu Eu, desenvolve-se porque existe tudo que é não-Eu. A membrana divisória entre o Eu e o mundo é tênue e movediça; e o corpo joga importante papel nessa relação que se constitui, se desenvolve, se relaciona e evolui. As fronteiras, os limites do corpo e da mente, devem ser reconhecíveis, isto é, devem ser facilitadoras de conhecimento, e de reconhecimento do que é cada coisa, cada lado, cada vida – ao mesmo tempo que as conecta e as vincula. É este o espaço onde se semeia e de onde brotam as relações e os fenômenos transicionais: entre o que é real e o que é possível, entre o objeto e o sujeito, entre o que é apresentado e o que é percebido, entre realidade e imaginário – ou criativo. É neste espaço onde se dá o processo de maturação do indivíduo, na diluição dos extremos, em sua compreensão e apreensão de sentido de si e do(s) outro(s); é na externalidade do mundo que reside a evolução

da capacidade de simbolização do ser, onde sua individuação, em constante contato social e cultural, ganha raízes para se firmar e conquistar asas para poder voar.

À medida que crescemos, envelhecemos e nos deslocamos na viagem da vida, mais diversificados são os caminhos, distintas as possibilidades, mais diversas as dúvidas, e incertas as constatações. Onfray diz que “A curiosidade poderia ser descrita como algo composto de encadeamentos de pequenas perguntas que se expandem, às vezes cobrindo enormes distâncias,” (2009, p.129). Extraio daqui a ideia de que nossa curiosidade, despertada na infância, é composta por um encadeamento de pequenas perguntas, estimuladas pelo meio ou por referências que se propagam e alastram. Questões diretas e importantes como saber se o bem e o mal existem, por que às vezes faz frio e às vezes calor, o porquê do vento e da chuva, de por que uns são meninos e outros meninas e de onde viemos, de por que nos encontramos alegres ou tristes, do porquê do pranto e do (sor)riso. Outras indagações são mais complexas e profundas como, por exemplo, quem sou eu? Quem é você? Quem somos? Para onde vamos? Por que existimos? Existe o destino? Cobrindo enormes distâncias, esses questionamentos nos chegam à vida adulta, abrangendo agora um mundo diferente, que nada tem de fantasioso e lúdico, senão que tem muito mais de real e sólido, por vezes fabuloso e tantas outras vezes cruel. Contudo, somos guiados por nossas perguntas e feitos de nossas escolhas. Ao relacionar viagem/ cultura/ conhecimento, encontro em Botton palavras que, na busca do conhecimento, do mundo cultural (externo) e do conhecimento de si próprio (interno) parecem expressar a dimensão da importância do viajar:

Infelizmente para o viajante, a maioria dos objetos não traz afixada a pergunta que irá gerar a empolgação que eles merecem. Geralmente não há absolutamente nada fixado; ou, se houver, geralmente será a informação errada. (BOTTON, 2003, p. 133)

Não basta deixar-se mover pelas perguntas, pelas indagações. Não se faz suficiente sermos curiosos. É preciso persistência e uma pitada de desequilíbrio na disciplina, ser resiliente quando das frustrações. É indispensável tomar as rédeas da subjetividade com pulsos firmes, honrar a responsabilidade que se exige viver neste mundo perigoso e maravilhoso.

“Depois do tempo ascendente do desejo, depois do tempo excitante do acontecimento, chega o momento do retorno” (ONFRAY, 2009, p.85), regresso este que dá sentido ao deslocamento. Na chegada, uma verdadeira relação íntima, o despertar da inteligência: a memória. Como as raízes que adquirem significado quando brota a flor ao fim da estação. O apaziguamento da partida com sua reta final: uma fábrica de lembranças.

Toda essa construção envolvendo passado e presente é indubitavelmente parte e preparação para um futuro. Conforme Onfray, “Toda diversidade vista do céu consiste numa engenhosa arte de elementos combinatórios que permitem uma verdadeira decifração do mundo” (2009, p. 103). Amplio essa ideia entendendo que toda essa atividade de experiências e experimentos consiste em um trabalho combinatório de vivências, em uma habilidade em lidar com elementos reais e naturais, na qualidade de decifração do mundo. Ao compasso da ideia de Onfray (2009), de que, a partir do que experimentamos – e do que somos constituídos –, vislumbramos um futuro ao qual queremos pertencer, vivemos um presente denso, nem sempre coerente, na busca de uma consistência preenchedora de nossa subjetividade, identitária e mnemônica.

## 4 MEMÓRIA

As informações nos darão as pistas, as setas indicarão o caminho, a viagem nos proporcionará a estrada, o trajeto a ser seguido e traçado. Porém há placas um tanto ilegíveis, muitas geram dúvida ou um complicado de informações entrecruzadas, alguma que outra aparece certa, e sempre está aquela que indica o retorno.

A memória é um tipo de arte que dá sentido à viagem, exigindo de nós atenção, fruição, compreensão de tudo que vemos e somos nesse mundo no qual estamos construindo, a partir da vivência “de fora” e da experimentação “de dentro”, e vice-versa. Essa troca, essa negociação, do que é real e concreto com o que fica e ficará retido em nossa memória, é que se fará lembrança. A memória é igualmente construção, uma obra de arte impalpável, em nenhum momento extremamente nítida, sempre e eternamente diluída, que vem e vai, e se espalha e se entranha; marca imbricada em nossa individualidade, mancha irremovível de nossa identidade. “A memória precisa ser trabalhada, exercitada, solicitada, precisa se querer, caso contrário perece, morre, seca, encarquilhada sobre si mesma”, escreve Onfray (2009, p.96).

Na obra de Botton (2003) lê-se a seguinte citação de Nietzsche:

Quando observamos como algumas pessoas sabem gerir suas experiências – suas experiências insignificantes, do dia-a-dia – de tal modo que elas se tornem um solo árvore que produz frutos três vezes ao ano, enquanto outras – e como essas são numerosas! – são arrebatadas pelas grossas ondas do destino, pelas correntes mais multifacetadas dos tempos e das nações, e ainda assim estão sempre à tona, como uma rolha de cortiça, acabamos sendo tentados a dividir a humanidade numa minoria (ínfima) dos que sabem extrair muito do pouco e uma maioria dos que sabem extrair pouco de muito. (BOTTON, 2003, p.268)

Parece, então, que tanto a memória quanto a lembrança exigem de nós atenção e cuidado. Precisamos, é fato sabido, exercitar a memória, sempre, para que ela se mantenha ativa, animada, e não atrofie. A memória requer trabalho, manutenção. Algo que pode ser alcançado com jogos, com exercícios de memorização e de concentração (quebra-cabeças, xadrez, caça-palavras). A memória pode ser testada, cobrada, manipulada. Já a lembrança cobra ânimo a partir de uma

experiência vivida através dos sentidos – e não só os cinco (olfato, tato, paladar, audição e visão) mas de um outro sentido, o de conexão deles com a mente. A lembrança é ativada por um assunto, uma foto, um perfume, um gosto, mas é ativada. Ela não obedece a comandos ou lógicas, a lembrança é evocada e é pessoal e intransferível, depende não de um corpo e um cérebro, mas do corpo e de suas experiências. A memória é um registro, atividade inerente a todo e qualquer ser humano; a lembrança é uma marca fixada na subjetividade da criatura. A lembrança está ligada à memória, mas a memória não traz lembranças. Não podemos atacar as lembranças, elas estão imbricadas na identidade do ser. São produzidas aleatoriamente, involuntariamente, são consequência de uma crise ou trauma (no sentido de marco transformatório). Já a memória pode ser afetada propositalmente e está situada em uma zona específica cerebral. Analisando a memória como algo físico e manipulável, poderíamos chegar a pensar que vivemos tempos de boicote à memória, já que na sociedade atual tudo pode ser guardado e “salvo” em dispositivos digitais, arquivos e pastas de programas de computador, e até na “nuvem”, zipados e armazenados em codificações e codificadores diversos, em formatos que se multiplicam como vírus em um sistema tecnológico quase indecifrável, ou, pelo menos, realisticamente acessível e compreensível somente para alguns poucos. A geração atual que se cria e está se criando pelos dispositivos eletrônicos e pela fibra ótica, que interage com o mundo digital através de redes superficiais, tem muito espaço para aplicar e pouco tempo para viver a memória. Tudo muito volátil, descartável, virtual. Mas a vida sabe o que faz, a natureza é potente e sábia. E as lembranças não se borram, nem se apagam, nem se perdem.

A memorização se efetua segundo o princípio de uma melodia, de uma retomada, de um tema obstinado, de uma variação, de uma fuga, de um contraponto. [...] A lembrança nasce dessas operações de cristalização e de fechamento, de endurecimento da matéria outrora macia e maleável. (ONFRAY, 2009, p. 98)

As lembranças não nos deixam. Podem esconder-se em algum canto da memória, mas estão lá, nos detalhes, nas ideias, nos conceitos e ideologias e imagens mentais que abraçamos, mesmo que inconscientemente. Tudo que experimentamos é usufruído no corpo e, seguindo a ideia de Onfray “[...] descobrimos, sustentamos, alimentamos o desejo, depois o usufruímos, ele nos constrói tanto quanto o construímos” (2009, p.32). E segue dizendo que o desejo da mente pela viagem é a

solicitação de uma experiência na verificação da nossa existência real e factual de um espaço desejado, que se fará remanescente na nossa memória e imbricada em nossa subjetividade radical, que dá impulso a lógicas desconhecidas rumo ao reconhecimento e desenvolvimento de cada um. “Toda viagem vela e desvela uma reminiscência” (ONFRAY, 2009, p.32). Visualizemos a memória como uma concha, a lembrança como a pérola (ou pérolas) produzida, e os textos, um colar feito desta concreção nacarada.

Segundo Onfray, “Ler um poema permite chegar ao imaginário de uma subjetividade que recebe a infusão do lugar. Daí as colisões intelectuais, elipses espirituais e mentais, os feixes afetivos que solicitam a alma, incitam e excitam os sentidos” (2009, p.30). Apreendo que a memória é a genuína responsável por esta excitação dos sentidos e incitação da alma na produção de um registro que é a quintessência da viagem e do viajante. O recordar da viagem é o processo de voltar ao coração e revivê-lo.

Viajar é uma intimação a funcionar sensualmente por inteiro. Emoção, afeição, entusiasmo, espanto, interrogação, surpresa, alegria e estupefação: tudo se mistura no exercício do belo e do sublime, do despaisamento e da diferença.

Registrar, portanto. Registrar aquilo que, no desenvolvimento temporal e fluido do tempo real, produz sentido e quintessência à viagem. Inscrever, marcar na fita da cronologia durações magníficas, instantes que reúnem e resumem a ideia e depois sintetizam o espírito do deslocamento. (ONFRAY, 2009, p. 50)

Toda essa vivência e suas informações nunca são retidas totalmente. Mas a memória, na apreensão da experiência, organiza-se quando dominada por um registro, um desenho ou uma carta, por exemplo, fotos ou quem sabe até por narrativas. Na disposição e exposição do ser, os sentidos são ampliados e merecem ser explorados e sugados ao máximo, na expressão do vivido feito obra, de arte, preferencialmente.

A memória funciona assim: extrai da imensidão longa e lenta do diverso os pontos de referência vivos e densos que ajudarão a cristalizar, constituir e endurecer as lembranças. Eis aí a matéria da recordação: o que acompanha o espírito. [...] Nessa ordem de ideias, memória deve ser trabalhada e talhada como uma gema bruta. (ONFRAY, 2009, p. 50)

Em seu livro *Espaços da recordação*, Aleida Assmann (2011), logo na introdução, nos fala do caráter retrospectivo da lembrança, dizendo que ela se baseia numa experiência já consolidada no passado, acionada em nossa memória. Óbvio, porém não tão simples, a memória é uma atividade ponte que nos leva então diretamente do presente ao passado; nossa memória é produto de uma experiência, vivida, guardada e ressuscitada.

O fenômeno da memória, na variedade de suas ocorrências, não é transdisciplinar somente no fato de que não pode ser definido de maneira unívoca por nenhuma área: dentro de cada disciplina ele é contraditório e controverso. (ASSMANN, 2011, p.20)

Essencialmente, podemos compreender que existem tipos de memória, como por exemplo a memória formativa (que nos vincula a uma nação ou região específicas) e a memória de aprendizagem (uma memória técnica e cognitiva), “a memória cultural (que supera épocas e é guardada em textos normativos), e a memória comunicativa, que normalmente liga gerações consecutivas e se baseia nas lembranças legadas oralmente” (ASSMANN, 2011, p. 17). Entendo, portanto, à medida em que avanço no tema aqui tratado, que a memória é algo que se dá tanto coletiva como individualmente, está ligada à história, à ciência, ao indivíduo, à cultura, à subjetividade, à saúde, ao todo e a cada uma das partes, na sociedade e nas criaturas. Posso compreender então que a memória cultural interage com a memória individual de cada um. Diz Assmann, mais adiante:

Porém, cabe abrir novos caminhos para o tema da memória, caminhos que não se podem compreender com base em uma organização topológica do conhecimento. Isso tem a ver particularmente com o nexo entre recordação e identidade [...] com atos culturais da recordação, da rememoração, da eternização, da remissão, da projeção e, por último, mas não menos importante, do esquecer, sempre embutido em todos estes atos. (ASSMANN, 2011, p.32)

Pois que a memória é armazenamento e resgate, mecanismo altamente complexo; a memória compreende “todo o procedimento mecânico que objetiva a identidade entre o depósito e a recuperação de informações” (ASSMANN, 2011, p.33). É influenciada, manipulada, “paralisada e superada” na recordação. A fórmula da memória e suas variáveis componentes “acentuam o caráter construtivista da recordação, seu carácter assegurador de identidade” (ASSMANN, 2011, p. 146). Em

sua obra *Espaços da recordação*, a autora apresenta uma teoria classificadora da memória, dividindo-a em duas categorias: a memória habitada e a inabitada. A autora explica que ambas as categorias da memória “pertencem a portadores vivos com perspectivas parciais” (ASSMANN, 2011, p.146), isto é, fazem parte de nós homens e nossas diferentes formas de ver e interpretar a realidade, diferenciando-nos uns dos outros, ao mesmo tempo em que constituímos e somos constituintes da sociedade. Atendo-me à primeira definição – a da memória habitada –, pois que se refere a uma memória que “estabelece uma ponte entre passado, presente e futuro; procede de modo seletivo (recorda uma coisa e esquece outra) e intermedeia valores dos quais resultam um perfil identitário e normas de ação” (ASSMANN, 2011, p.146). Ressalto aqui a expressão “perfil identitário”, pois defendo a compreensão da memória como “força imanente” do ser humano, bem como o resultado desta força que emana em lembranças e ações constituintes da subjetividade e seu carácter individualizante. Podemos ainda afirmar que no plano da memória consciente, “as lembranças e as experiências são mantidas à disposição, à medida em que se situam em determinada configuração de sentido” (2011, p.147). Assmann explica tal configuração:

uma configuração de sentido como essa equivale à autointerpretação e à autodeterminação do indivíduo. Indica o quanto uma pessoa individual sabe de si mesma, qual sua autoestima e como lida com suas próprias experiências. Dessa configuração da memória para o indivíduo depende o quadro de oportunidades futuras à disposição do indivíduo e quais delas estão excluídas de seu horizonte. (ASSMANN, 2011, p. 147)

Jürgen Trabant (apud ASSMANN) descreve a memória como: “o início do pensamento humano e da cultura humana como um todo” (2011, p.36). F.G. Jürger, por sua vez, elaborou o seu entendimento ao equiparar memória com coisas pensadas e a recordação com experiências pessoais; ele escreve (apud ASSMANN): “os conteúdos da memória, eu tanto posso adquirir sozinho quanto eles podem ser ministrados. Mas as recordações, não posso nem aprender por mim mesmo nem ninguém pode me ensinar” (2011, p.33). Complemento com uma exposição de Assmann:

A recordação procede basicamente de forma reconstrutiva: sempre começa no presente e avança inevitavelmente para um deslocamento, uma deformação, uma distorção, uma reavaliação e uma renovação do que foi lembrado até o momento da sua recuperação. [...] Porém ela também pode ser controlada pela inteligência, pela vontade ou por uma

nova situação de necessidade, e proporcionar uma nova disposição das lembranças. (ASSMANN, 2011, p. 34)

Então temos a memória como força, entendida como recuperação da informação e as lembranças como processo de transformação identitária. Assmann brinda-nos ainda com uma questão diferencial da recordação: “O ato de recordação, por sua vez, acontece dentro do tempo, que participa ativamente do processo” (2011, p. 34); processo este que abarca as questões aqui abordadas, isto é, memória e lembrança. Entendo então que as recordações perfazem forças efetivas na constituição da identidade pessoal. A memória, então, potencializa diferentes capacidades humanas, todas elas intrínsecas à identidade, “trata-se de habilidades cognitivas ou ‘faculdades do espírito’ que dão continuidade ao processamento das informações repassadas pelos sentidos externos”. (ASSMANN, 2011, p. 35).

Quando me perguntam sobre minha infância, de quando morei no exterior, em países como Holanda e Inglaterra, a pergunta é inevitável: “Tu te lembras de alguma coisa?”. A primeira oração da minha resposta é automática: “De tudo tudo, não. Mas de muitas coisas”. Minha memória informativa me traz imediatamente à mente imagens e paisagens, o rosto de pessoas de meu convívio e seus traços, a dimensão dos espaços, os antigos edifícios, os parques espaçosos, as escolas e os pátios, os jardins, os museus, os castelos, as estradas, o carro. Já se a conversa se estende, e eu mergulho em mim, as lembranças me embargam: os risos e as vozes das pessoas de meu convívio, seus cheiros, suas companhias e personalidades – alguns mais severos, outros mais carinhosos, os amigos, as cuidadoras; me enchem a alma as lembranças do meu pranto e pânico quando íamos aos espetáculos de fogos de artifício, de quando encontrávamos uns vizinhos de porta que eram gêmeos e muito amigos nossos, jogávamos no jardim do edifício, andávamos de bicicleta no verão, brincávamos de guerra de bolas de neve no inverno. Me recordo de adorar receber visitas de familiares, de extasiar-me com as cartas que chegavam do Brasil de amigos da família com caixas cheias de novidades, inclusive com fitas K7 que guardo até hoje. Minha memória não é lá muito boa, confundo datas, mas para isso consulto álbuns e livros e material escolar da época. Mas minha lembrança cada vez é mais viva e colorida, e recordo do dia em que o barulho da chuva em um passeio pelo interior do Rio Grande do Sul me emocionou profundamente, pois era o mesmo barulho,

reproduzindo a mesma intensidade da chuva que caía quando acampamos – eu, meus irmãos e pais – na Grécia. Minha mãe diz que foi no morro San Michel, eu apenas recordo das brincadeiras para passar o tempo, do martírio de passar 10 dias abaixo d'água encerrados na barraca e o triunfo de nos mudarmos para um trailer.

Entendo então que damos sentido e direção aos fatos e marcas da memória, nos direcionamos a elas quando queremos alcançar um registro organizado e mantido pelo cérebro. Pratico exercícios de memória, mantenho o pensamento ativo e informado. Mas a riqueza da evocação de uma lembrança é quase indescritível, é um encontro inesperado, uma surpresa com alguém ou algo, secreta e instintivamente ávido dentro de nós. Recordado, tramado, pela sabedoria da própria vida, amarrado por nossa rede identitária retrospectiva e reconstrutiva.

## 5 CAROLA SAAVEDRA E A LITERATURA

Carola Saavedra é natural do Chile mas, por motivos empregatícios paternos, veio para o Brasil com a família aos três anos de idade.

Em entrevista concedida a José Eduardo Gonçalves<sup>5</sup> a autora fala de si, relata um pouco se sua biografia e nos mostra abertamente seus pensamentos e ideologias com respeito à leitura e à escritura. A romancista foi alfabetizada em português: “Porque a língua portuguesa é minha pátria” (SAAVEDRA, 2014, p.161). Mais tarde, já adulta, tendo viajado e morado em outros países (europeus) devido à sua formação acadêmica, aferrou-se à língua lusa e nela encontrou seu fundamento identitário: “Era ela [a língua] que me dava sustentação” (SAAVEDRA, 2014, p.161). Na necessidade subjetiva de uma afirmação pessoal e também de comunicação, na relação íntima com o idioma, começou a escrever: “começamos a escrever no momento em que nascemos. Afinal, escrever é uma maneira de olhar para o mundo ao nosso redor” (SAAVEDRA, 2014, p.162). Carola declara aqui sua afinidade e entrega à língua e à linguagem, como sendo ferramentas diretamente ligadas à emoção, expressão e razão de sua subjetividade, sua essência. Declara que o escrever é um fundamento existencial. É assim e coerentemente que se dedica profissionalmente à escrita, produzindo no idioma de alfabetização contos e romances. Compreende em sua escritura, no seu fazer literário profissional, ao qual se entrega inteiramente, uma forma de compartilhar não só sua visão de mundo – devido às diferentes culturas que experimentou em sua formação e experiência de vida – mas também seu olhar, sua percepção e perspectivas vitais. Ela defende que a narrativa é um contar uma história, mas muito mais além, é construção, no sentido de alcançar um outro, o outro. Pois que se toda e cada pessoa tem um ponto de vista, aos poucos os pontos e as linhas entre escritor e leitor vão se justificando e conectando. Por vezes essa interação se dá repentinamente – em uma imagem, uma frase, um susto narrativo; outra vezes esse espaço é ocupado e conquistado pouco a pouco, passo a passo, obra a obra. Por meio desse jogo imaginativo e interpretativo, subjetivo, existe uma verdade que

---

<sup>5</sup> O Organizador José Eduardo Gonçalves, no intuito de apresentar os pensamentos sobre o ato de escrever e sobre como veem a Literatura Brasileira, organizou o livro intitulado *Ofício da Palavra*. Nesta obra podemos ver atais assuntos explorados desde a perspectiva de diversos autores nacionais e internacionais.

se desloca, que se transloca entre pessoas, entre corpos, entre ideias, entre referências.

Saavedra afirma que *Flores azuis* é uma narrativa epistolar (SAAVEDRA, 2014, p. 163), uma história de amor; enquanto que *Paisagem com dromedário* é uma história trágica de reconstrução, de busca na compreensão de si. Ambas as obras contam em seus enredos com triângulos amorosos e reflexões com relação às artes. Saavedra diz que objetiva em sua escrita esse explorar da proliferação de ideias, esse diálogo que contempla as infinitas personalidades e possibilidades. “Eu acredito que as palavras têm uma força especial. [...] independente da forma, as palavras possuem um poder de criação” (SAAVEDRA, 2014, p.165). Saavedra faz referência aqui às diferentes formas “escolhidas” por suas personagens como meio de expressão: em *Flores azuis*, A. escolhe redigir cartas; em *Paisagem com dromedário*, Érika faz registros em suas gravações. Ela é cruel, corajosa e sonhadora. Demasiadamente humana. Já A. é romântica, ingênua e tóxica.

Reafirma uma e outra vez que o importante na literatura é o olhar, é ter um olhar. E transmitir esse olhar. “Cada personagem tem sua humanidade” (SAAVEDRA, 2014, p.171). Carola confessa que a experiência de conviver em diferentes lugares, rodeada de diferentes pessoas e suas personalidades, permitir-se assumir outras culturas e encarar realidades diversas é de extrema e inexorável importância na percepção de mundo, nas formas transformadoras de ver o mundo. Deslocar-se é aceitar e tentar compreender o outro, é questionar-se constantemente sobre os próprios valores e balançar as atitudes petrificadas. Desequilibrar a comodidade moral é uma arte de colocar-se no lugar do outro, ou diante do outro. É um exercício de alteridade e de construção que engloba o si e o próximo, o ser e o ambiente. Afinal existir é fazer parte de algo: “É preciso, então, um exercício de compreensão. Um respeito por aquilo que não é meu, mas poderia ser”. (SAAVEDRA, 2014, p.171)

A respeito da Literatura Brasileira e sobre a escrita dos escritores brasileiros, Carola Saavedra faz a seguinte declaração em sua entrevista:

Os grandes nomes da nossa literatura não deixam raízes que se desdobram em autores reconhecidamente influenciados por suas obras, eles reinam isoladamente, são ilhas. Eles se esgotam em si mesmos e não deixam uma tradição. Então, a cada vez o autor brasileiro tem que se reinventar aqui. Não que isso não aconteça em outros

lugares, mas eu acho que essa é uma característica marcante da literatura brasileira. (SAAVEDRA, 2014, p.168)

Em analisando a questão do viajar como meio para o desenvolvimento da individuação, da viagem ser uma procura e um encontro de uma jornada subjetiva, entender a literatura e o escritor brasileiro como um ser isolado, que a cada construção de si deve alcançar um lugar insólito, solitário e incomparável, é bastante desconcertante. Em pensando que, como ente e como entidade nacional, o artista das palavras e narrador nacional é um ermitão, ou melhor dizendo, vindo desde uma perspectiva mais esperançosamente inspiradora, é um soberano. Absoluto nas características que o definem, inigualável e imediatamente reconhecível em estilo e linguagem. Que tipo de viajante é, portanto, esse ser, o escritor e leitor brasileiro? Quem representa seus personagens? Suas histórias contam com que tipo de subjetividade? Que expressão alcançam? O que comunicam? “É preciso que exista uma reflexão sobre o fazer literário, para que a literatura tome outra dimensão” (SAAVEDRA, 2014, p.168), diz Saavedra. Fato é que a literatura brasileira é reconhecida e traduzida mundialmente, seu ritmo lusófono conta com uma voz de alto e distinto alcance. Através dela, então, voltemos à análise, na tentativa de entender a viagem, o viajar e o viajante para muito mais além das palavras e seus tramados.

## 6 O TEMA DA VIAGEM NA LITERATURA DE CAROLA SAAVEDRA

O tema da viagem é amplo e rico, nele encontramos diversas questões que podem ser exploradas, inquiridas, averiguadas, questões que estão sendo levantadas e apontadas neste trabalho. O deslocamento então parece ser o mais evidente, pois viajar exige deslocar-se, afastar-se de onde se está em direção a outro lugar. Mudar de lugar é alterar um espaço que pode ser físico, geográfico, contudo também podemos nos deslocar no campo emocional, no mundo psíquico. O deslocamento então se dá em uma esfera que afeta o corpo e interage com a mente.

Uma das questões que acompanham a viagem é a memória. É na memória que guardamos as inscrições das experiências vivenciadas. Da vivência de viajar, dos momentos de distanciamento, de apreensão de sentido, de perder-se neles, de percorrer caminhos traçados ou imprevistos, construímos nosso mosaico interno de memórias, nosso calidoscópio de recordações. As lembranças, as lembrancinhas, os diários, os perfumes e as fragrâncias, as colagens mentais de significação, os *insights*, as perdas, os desdobramentos, os arrependimentos, os retornos, os aprimoramentos. Todos estão e são impressos em nossa carne e em nossa alma. Testemunhos e cúmplices são as ligações feitas, os recados enviados ou gravados, as mensagens, os torpedos, as fotos, os cartões postais, as cartas.

Destarte, nesta dissertação, a partir do tema principal viagem, assuntos como o corpo e a mente neste processo de descolamento estão confirmados, bem como a memória e o cuidado de si, companhias intrínsecas de uma jornada. A construção de uma subjetividade e o processo de individuação andam de mãos dadas e podem, por meio de um registro íntimo, ilustrar a necessidade inerente de comunicação do viajante, seja ele feito através das cartas, dos áudios, por fotos ou em vídeos.

Os livros *Paisagem com dromedário* e *Flores azuis*, de Carola Saavedra, serão foco deste trabalho para ilustrar as questões aqui abordadas e recém descritas a partir do tema viagem: o deslocamento do corpo e da mente, a memória e o registro de uma subjetividade em construção. Os temas viagem, deslocamento e despaisamento compreendem e estão expressos em ambas as obras de forma extremamente bela, e de maneira surpreendentemente reveladora e expressiva aparecem como metáforas do processo de individuação do ser na transformação e experiência de sua subjetividade, por meio das personagens e suas vivências, em seus registros

mnemônicos que nos são brindados. Na primeira obra, o registro da personagem Érika aparece no formato de gravações de áudio, e na segunda obra, são os registros epistolares de A. os testemunhos de sua jornada e o convite para a nossa.

De acordo com Brito, “Quem escreve é ao mesmo tempo exemplo e intérprete, fonte e sequência, começo e continuidade, convergência e expansão, emissor e destinatário”. E completa: “Escreve-se para dar sentido à vida” (2007, p. 10).

## 6.1 PAISAGEM COM DROMEDÁRIO

O livro começa apresentando-nos o lugar onde se encontra a personagem principal Érika, uma ilha, local para onde viajou para viver a melancolia do rompimento de uma relação amorosa. A ínsula é seu refúgio físico, sim. Mas, preciosamente, podemos perceber, já de entrada no texto narrativo da obra, a metáfora do isolamento. Uma viagem física, de despaisamento, consequência da necessidade e do desejo da personagem de interromper suas conexões comportamentais e pessoais ordinárias. Outra, a viagem metafórica, de deslocamento interno. Uma quebra na sucessão temporal e espacial de seus atos diários, dos pensamentos comuns, visando a uma recuperação, a um restabelecimento subjetivo. Érika buscou fora de sua casa o arrimo em casa de amigos, encontra-se, pois, distante de seu “habitat natural”. Existem, então, nesse romance, fundamentalmente, dois deslocamentos por parte da protagonista. Por um lado, a viagem física para outra localidade, longe de sua casa; por outro, a viagem sentimental à procura de uma restauração interna, o afastamento de seus hábitos na busca do encontro de si:

Estou no extremo sul da ilha. Se eu nadasse numa linha reta, imagino que em algum momento chegaria ao Antártico. Terras austrais. [...] O mar, em compensação, parece inesgotável. Assustador. O mar aqui é um mar que não foi domesticado. Nunca lhe foi imposto limite algum. (SAAVEDRA, 2010, p.9)

Temos aqui a descrição geográfica de onde está Érika; e também a explanação de sua interioridade. A ilha, assim como seu corpo, tem limites, segue linhas – coordenadas –, está delineada e é concreta. Porém sua subjetividade é inexaurível, sua identidade, infindável, fonte inesgotável de apreensão de sentido: o mar. A água, fonte de vida. Em sua viagem física a simultaneidade com a viagem simbólica; a

extinção de sua rotina e construção de sua subjetividade. O arremate fica por conta do tempo: “Faz uma ou duas semanas que estou aqui. Talvez sejam apenas alguns dias, não sei. Alex, os dias passam de modo incomum neste lugar” (SAAVEDRA, 2010, p.10). O tempo cronológico não importa, nem o ponteiro nem o calendário fazem diferença para alguém que vive a experiência da renovação. O tempo interno se reinventa e a experiência tem valor de grandeza imponente. Em detalhe nos revela o nome de seu antigo relacionamento, motivo para o desejo de despaisamento, bem como razão de sua ressignificação identitária.

Em seguida nos traz uma recordação, uma imagem mental de quando ainda era ligada ao rapaz: “Não sei mais qual era o motivo, mas lembro que naquele instante tudo me parecia tão suave, tão perfeito” (SAAVEDRA, 2010, p.10). A memória como gatilho no reviver uma experiência antiga e acolhedora, agora que ela vive profunda crise. Carola Saavedra adentra o tema da memória e através da personagem declara que as lembranças se desvanecem com o tempo, que se confundem os cenários, as pessoas e suas roupas, seus perfumes. O disparo da memória retido em um objeto, e nele, as lembranças. E junto às lembranças nos surge a recordação de quem uma vez fomos em determinado momento, em tal acontecimento, em determinada época. “Me lembro das pessoas e das fases da minha vida de acordo com as imagens que as acompanhavam. Não necessariamente relacionadas com os acontecimentos em si, aliás quase nunca. Em geral, algo arbitrário, mas que ficou associado” (SAAVEDRA, 2010, p.10). Esse reviver conscientizando-nos de que tudo cambia, tudo se dilui, tudo se transforma, se transporta. Que a lembrança cruza o tempo passado, presente e futuro, numa relação inconciliável. O tempo revigora:

Penso agora, as imagens poderiam ser isso, um ponto de intersecção do tempo, para o qual tudo conflui. O presente, o passado, o futuro, a criança que fui um dia, a velha que vou ser, a pessoa que sou agora. Todas essas possibilidades (SAAVEDRA, 2010, p.11).

Érika também traz a questão do olhar do viajante: “o problema não são os erros, o problema é o teu olhar. [...] O problema é você, que não é capaz de dar-lhes outros significados” (SAAVEDRA, 2010, p.13). O olhar que penetra, que ilumina um aprender, farol de um cuidado para si. O tempo penetrando uma dimensão interna, percorrendo esse espaço que somos nós, vivos em memórias e lembranças,

permitindo-nos viajar dentro de nossas próprias perspectivas e possibilidades subjetivas.

Se faz imprescindível aqui dizer que Érika escolhe uma forma um tanto particular para expressar-se e comunicar-se com Alex; ela encontra no áudio a forma de dizer o que sente, de descrever o processo pelo qual passa, de narrar onde está, o que vê e o que vivencia: um gravador. Érika grava pensamentos e também alguns ruídos da casa (o rádio ou a chaleira), da praia (o barulho das ondas ou do vento), da cidade (as conversas de transeuntes, turistas ou residentes, e o trânsito). Interessante notar que a personagem criada por Carola Saavedra não apenas sente a necessidade de registrar sua experiência, mas também de dar-lhe uma voz, um ânimo sonoro. Uma voz narrativa dentro da narrativa da obra. De fato, os capítulos estão nomeados da seguinte forma: Gravação 1, Gravação 2, Gravação 3, e assim sucessivamente. “Talvez cada cidade tenha seus próprios sons, [...] E também o barulho do idioma, a musicalidade do idioma, das pessoas” (SAAVEDRA, 2010, p.11). Cuidadosamente, a escritora nos mostra como as localidades têm suas próprias vozes, suas características, suas mensagens; bem como seus habitantes. E o indivíduo declara-se também, dono de sua voz, de sua história, de seu ritmo; o ser no “descontrole” de sua interioridade, controla sua expressividade: “cada lugar teria sua própria sinfonia, sua própria partitura” (SAAVEDRA, 2010, p.12). Com muita elegância nos diz que todos e tudo possui um tom, uma forma sonora de estar e de comover, o som como forma de interligar o ambiente e o seu vivente. Em prestando atenção, é incrível como um som ou um ruído penetram e influenciam nossas experiências. Quando estamos extasiados há barulho, alguma “música para os nossos ouvidos”, o bater as roupas perfumadas na limpeza da casa, o batucar das panelas cheirando a hora de comer, a música animada de uma festa ou de um espetáculo, o roçar da caneta no papel ao escrever uma carta, um poema, ou o canto de uma nota só. O som da voz que nos chama, o clamar de algo que desejamos. Da respiração ofegante, do compasso reconfortante. E falando em viagem, que tranquilidade é ouvir o capitão da aeronave avisando do clima local, depois de um pouso macio, agradecendo nossa escolha, seja a serviço ou em turismo: “Já percebeu que a música de fundo funciona como uma espécie de seta que aponta por qual caminho seguir?” (SAAVEDRA, 2010, p.34). Cada indivíduo maestro de seu próprio caminho e de sua subjetividade rítmica. O

fundo musical como seta vibrante de nosso destino, dando sonoridade à nossa direção.

As gravações parecem contar uma história subjacente. Em cada capítulo existem intersecções em itálico que descrevem um cenário, uma paisagem, um tanto surreal, atos e reações de Érika, ou até mesmo de objetos que se movem, que são movidos, que entoam ruídos ou se partem. Estas aparições descritivas das gravações parecem fazer referência a rubricas teatrais.

O que importa é que o silêncio não existe e, ainda que eu fique aqui e não diga nada, há sempre algo acontecendo e fazendo barulho. Ininterruptamente. Por isso, o silêncio, ou o não silêncio ou o quase silêncio, como você preferir chamá-lo, nunca é igual. Agora, por exemplo, ainda que eu não diga nada e mantenha o gravador funcionando, há sempre algo que ficará gravado. E sempre algo diferente (SAAVEDRA, 2010, p.37).

De fato existem muitos registros de passos, respiração ofegante, ondas, barulho do mar e do vento; músicas alegres e melancólicas, sendo cantadas, assobiadas e entoadas no rádio ou por uma pessoa; ruídos não identificáveis, murmúrios incompreensíveis e vozes inaudíveis, há relatos de ações como o cair de pedras penhasco abaixo, o estrondo seco de sua queda, de seu encontro com o solo. Inclusive, existe uma ideia sugestiva, proposta por ponderações da personagem, de que a pedra poderia ser um homem em queda livre. A problemática do suicídio? O questionamento de um tabu social? Justamente nesta parte do romance tem-se a leitura de indagações a respeito de enfrentamentos éticos, de questões como o estranhamento e os conflitos internos: “É estranho como o medo aproxima, assim como a tristeza, a infelicidade, o ódio, o rancor.” (SAAVEDRA, 2010, p.39).

Essas “rubricas do romance” descrevem uma movimentação à parte, quase subliminal. No sentido de que os movimentos, os gestos, as ações; as indicações do que falam personagens partícipes deste contexto, o lugar e o momento destas descrições estão absolutamente, assertiva e indubitavelmente conectados com o que acontece na história “em primeiro plano”. Isto é, a montagem do romance com estas rubricas, o vínculo escrito criativo pensado e realizado pela escritora Carola Saavedra é fascinante porque é como se acompanhássemos as histórias desde diferentes pontos de vista: somos leitores espectadores e atores coadjuvantes ao mesmo tempo. (Ou seríamos leitores coadjuvantes e atores espectadores?). Somos, na e para a obra

literária, viajantes turistas e imigrantes concomitantemente. Bem como ocorre no teatro, com a quebra da quarta parede – muro invisível existente entre artista(s) e público –, estamos na plateia e no palco. Vale salientar que estas rubricas gravadas aparecem desde o início e seguem ao longo de toda a primeira terça parte da obra, em cada página – há, no mínimo, um registro por página, quando não dois. E faz muito sentido existir uma entrada descritiva a cada pouco, porque estamos sendo convidados a adentrar a viagem metafórica de Érika igualmente aos poucos, em pequenos atos descritivos consequenciais: a interferência radial, uma gaveta que fecha, uma janela que abre, uma porta que bate, um liquidificador que perturba. No avançar do folhear das páginas, as cenas nestas rubricas vão se tornando menos descritivas e mais ativas: uma visita ao cemitério, o dançar de um tango, os bips de uma secretária eletrônica (somos receptores de mensagens eletrônicas!). Até que estas rubricas se desdobram, se agrádam, vão tomando espaço, ocupando um parágrafo, treze linhas, vinte e uma linhas, até que no meio do livro (que podemos entender como sendo o marco da curva dramática da obra literária) lê-se a ocorrência de uma rubrica gravada de três páginas: a transcrição de uma entrevista em um programa de televisão. Assim, vamos ingressando no enredo aos poucos, emaranhando-nos sem darmos conta do nosso envolvimento. Exatamente como quando viajamos, vamos adentrando terreno e adaptando-nos vagarosamente às novas, e nossas, exigências, necessidades e possibilidades desbravadas.

É então que nos deparamos com uma enorme interrupção – de dez páginas entre uma rubrica e a próxima – e pois que faço aqui a seguinte observação: não é que tomamos distância – ou somos distanciados, seja da história seja da personagem, induzidos pelo vocábulo estagnante, muito pelo contrário. É esta “*Longa pausa.*” (SAAVEDRA, 2010, p. 133) que nos direciona e dirige para o fim do romance; atingimos o ponto limite, o fundo pessoal subjetivo paralisado de Érika, seus sentimentos, sua vivência, sua história, sua reação suspensa. Porque depois de mais dez longas páginas sem nenhum registro escrito de gravação, somos induzidos a tomar fôlego e conduzidos para o desfecho da trama dramática. É no encerramento que Érika nos conta como encontrou o gravador:

A sala é espaçosa. Uma janela, uma porta fechada. A sala está vazia, quase na penumbra. Há apenas uma mesa de madeira e sobre ela um gravador. No canto esquerdo do gravador, pisca uma luz amarela que ilumina tenuamente o cômodo. Ouve-se uma voz que diz: Como te dizia,

fiz a minha mala, me despedi de Pilar. Ruído. Interrupção (SAAVEDRA, 2010, p. 167).

Assim finda o livro, em sua última página, seu último parágrafo, tudo se fecha, e o esvaziamento se concretiza: o destino, o retorno para casa, a interrupção do objeto revelando a continuidade infinita do sujeito.

Surge também o cartão postal: já no primeiro dia em terra firme e longínqua, a protagonista sente a necessidade de expressar-se também por outros meios – além do da gravação, no caso, por meio da imagem e da escrita. Rememoro, lendo o romance, épocas em que o cartão postal era uma garantia de que a viagem fora bem-sucedida, uma certeza do bem chegar do viajante por parte do que fica, e a partir da data de postagem a contagem regressiva do precioso retorno. O viajante chegara bem ao destino: a foto, o selo, a mensagem, o abraço enviado. Um pequeno cartão, com espaço suficiente para descrever o bom sucesso. Depois, com o surgimento do telefone, e sua massiva distribuição pela vizinhança e nos lares, cartões postais tornaram-se *souvenirs*. Eu mesma comprei muitos cartões postais sem escrever neles, sem enviá-los. Guardei-os como papéis de carta de uma coleção, relíquias de lugares por onde estive mas não vivi. Parece ser que quando viajamos nos afastamos para enfrentar algo íntimo, tumultuar a constância, ao mesmo tempo que queremos algo que nos assegure, que nos contenha. Queremos reter algo que acomode e garanta (física e ludicamente) nossa volta para casa, ou nos remeta a um porto seguro. “Trouxe alguns [pincéis], e também tintas e ferramentas, o suficiente para trabalhar algumas semanas” (SAAVEDRA, 2010, p.55). Érika é artista plástica e declara aqui a sua inseparabilidade para com algo muito íntimo: sua habilidade e essência expressiva artística; seu trabalho, suas ferramentas laborais, seus meios de comunicabilidade com o mundo, sua ânima artística viaja com ela. Porém: “Na verdade não tenho feito nada. Até aquele trabalho das esculturas, deixei de lado. Não tenho mais vontade de continuar” (SAAVEDRA, 2010, p.55). Vemos aqui explicitada sua incapacidade produtiva, física; ela não está realizando nada concreto. Sua melancolia não lhe permite a fabricação de nada palpável. Segue o parágrafo de seu testemunho: “Hoje acordei pensando em algo novo e, quando fui pegar a caixa com os pincéis, não achei. Talvez eu nem tenha trazido, não sei. Mas às vezes é assim, a gente perde as coisas pelo prazer de encontrá-las depois” (SAAVEDRA, 2010, p.55).

Pergunto: ao viajar para um local outro, distante de onde mora, levando consigo materiais tão específicos seus (suas tintas e seus pincéis), e perdendo-os; o que pode ser interpretado desta passagem? A simples e apenas existência de um deslocamento físico e a perda de ferramentas manuais? Ou a menção a apetrechos manipuláveis configurando a manipulação de uma consciência de si. Ou ainda ocorrências superficiais trazendo à tona questões transcendentais. O que compreender da indagação da personagem quando fala do prazer da perda e do encontro a posteriori? A metáfora de interioridade e do encontro com o Si-mesmo é bastante pulsante: Érika fala desde seu mundo imerso, a partir de uma voz interna, que, apesar de não ter vontade, de estar perdida, distante e despaisada, desprovida de certezas, titubeante, deleita-se com a possibilidade de futura reunião consigo mesma, na firmeza de sua identidade: o prazer do encontro. Ainda: “O quarto onde estou é praticamente um quarto vazio. Apenas a cama de solteiro, um armário antigo e uma mesa de cabeceira” (SAAVEDRA, 2010, p.63). O espaço físico individual também delata o momento íntimo: a separação na cama individual, um móvel para roupas e algo para guardar e apoiar pertences. O esvaziamento de posses e de posturas no preenchimento do saber e do cuidado de si. A protagonista nos diz: “Nem sei onde pus os meus pincéis, mas trouxe tuas fotos comigo” (SAAVEDRA, 2010, p.63). E também nos esclarece: “Eu as trouxe [as fotos] comigo. Uma das poucas coisas que coloquei na mala. E agora elas estão aqui nesta ilha, num quarto sem móveis, num quarto espaço-em-branco” (SAAVEDRA, 2010, p.65). Érika, destituída de si, estabelecida em uma quebra temporal e espacial, numa interrupção de vivências, pensamento e acontecimentos rotineiros, na pacatez do isolamento, objetiva o preencher de sua interioridade folha-em-branco, o provimento de sua subjetividade através do despaisamento. Na viagem física, uma longa jornada subjetiva.

No relato de sua viagem a protagonista pinta, para nós leitores, um retrato tão descritivo quanto simbolicamente significativo: a perda ou o desconhecimento de onde estão localizados objetos relacionados a sua produtividade, o perder de vista objetos pessoais para produção, comunicação e expressão; o isolamento; o quarto *single*; o falar através de ruídos externos gravados em um gravador; a perda da noção do tempo, o pensamento perdido em lembranças; o reter fotos de alguém com quem já não existe relação, as falhas e brechas no contato consigo mesma. Detalhes na narrativa vão surgindo gravação a gravação, e os sucessivos enlaces portadores de

sinais de esvaziamento, estranhamentos singulares, nos descrevem uma situação propiciada por um deslocamento físico.

A casa onde se encontra – perdida – nossa protagonista é casa de amigos. Amigos que viajam muito a trabalho e em uma dessas “idas e vindas” insistem para que Érika também viaje e passe um tempo na ilha, “na casa da ilha” (SAAVEDRA, 2010, p.60). Eles insistem e Érika resiste, diz que preferiria ficar onde estava, eles dizem que lhe fará bem viajar, “mudar de ares”. Érika acaba aceitando o convite à translocação e acaba por aplacar-se no lugar. Uma alteração de espaço, uma mudança de hábitos, requer sacrifício, desconforto. O aceite em desacomodar-se. E só o tempo dirá quanto tempo é necessário para reacomodar-se. O corpo e a mente não são reajustáveis como os ponteiros do relógio, e o ritmo, como já verificamos, é pessoal e subjetivo.

O tempo e as experiências que se alocam dentro de Érika, “talvez a nossa existência, a nossa história já tenha se iniciado assim, em movimento, essa circularidade” (SAAVEDRA, 2010, p.16). A personagem trazendo questões pensadas aqui neste trabalho: o tempo e a subjetividade em um movimento contínuo e sucessivo. Vivendo na constância do que somos, no que comemos, onde habitamos, nas conversas que trocamos, no que dizemos, no que ouvimos; até que, em certo momento, um ruído, uma voz interna solicita um tumulto, uma novidade. A necessidade de movimento braveja na alma arquetípica do viajante. Carola conta-nos em sua narrativa o passo a passo da viajante a desenrolar-se: o deslocamento, o encontro, o confronto com o silêncio, o expressar dessa solidão, o Si-mesmo em contínua e constante resignificação. “O incômodo de estar presente nessa volta ao mundo” (SAAVEDRA, 2010, p.17). O despaisamento no enfrentamento de si, o esvaziamento a caminho do preenchimento de algo que desejamos que se transforme dentro de nós, surpreendentemente:

Surpresos de não termos percebido aquilo antes, tudo tão óbvio, apenas a nossa incapacidade. Alex, é tão reconfortante saber que, seja como for, tudo fará sentido no final. E não só esses ruídos, essa música que a gente não ouve, esse murmúrio silencioso e a constante sensação de que estamos perdendo alguma coisa (SAAVEDRA, 2010, p.19).

Brevemente tratei de demonstrar até aqui, neste capítulo, que a obra *Paisagem com dromedário*, de Carola Saavedra, contém em seu enredo todas as questões

abordadas neste trabalho: a viagem, em sua ampla abrangência de deslocamento tanto físico quanto metafórico; a individuação como processo subjetivo vivido através da experiência de viagem tanto concreta quanto simbolicamente, o viver absoluto aprofundado na procura e no encontro com o Si-mesmo; a construção identitária na vivência e no registro deste processo por meio da troca, da expressão de sensações e sentimentos e da atividade mnemônica produzindo algo visível e manipulável, como são as gravações neste romance.

Voltemos à análise literária e à comprovação de seus aspectos físicos de deslocamento.

A nossa protagonista, Érika, faz alguns passeios pela ilha na qual agora habita. “Estar aqui é como estar na lua. E, ao chegar, lá em cima, será possível ver a paisagem e também a cratera do vulcão” (SAAVEDRA, 2010, p.27). Nesta passagem ela descreve um passeio por montanhas e também descreve uma visita a um tal vulcão da ilha. Vemos aqui o seu distanciamento, seu corpo e mente abertos e dispostos à variação. E por meio dessa experiência, desse afastamento físico, ela se propõe novos caminhos e neles uma outra perspectiva, um olhar melhor: “lá de cima ver paisagem e cratera” – o vasto e o profundo. Ela percorre a turística trilha ecológica, solitária, observando a paisagem e as outras pessoas ao seu redor. Fala da luz do dia, do céu nublado, das cores que penetram a vegetação, suas nuances e texturas; na paisagem, vê uma fila indiana de dromedários carregados de turistas inseguros, que balançam em suas corcovas – creio vir daqui o título da obra, deste trecho. Tocada por aquele ambiente, pelo seu entorno, confessa-nos que tão importante quanto ver é refletir, importante é também sentir o lugar, e então declara: “A cratera do vulcão é muito diferente do que eu imaginava, ao menos desde aqui. [...] As coisas são sempre melhores na nossa imaginação. E, se eu não soubesse que isso é um vulcão, talvez nem percebesse” (SAAVEDRA, 2010, p.30). Isto é, sua saída de casa tornou possível a comprovação de que as coisas são diferentes quando encaradas na realidade e que comprovar é conhecer essa outra possibilidade, conhecer de perto é conhecer melhor. Sair e passear permite-nos ter a consciência do que está acontecendo dentro e fora de nós. Ressalto que a passagem parte de um distanciamento para uma aproximação. Assim, o movimento físico de afastar-se de seu alojamento e de aproximar-se de uma realidade até então desconhecida por ela, somente visível em sua imaginação, fez com que Érika compreendesse, ou pelo

menos refletisse, sobre questões tanto externas e estéticas quando internas e identitárias dela mesma.

Em um outro passeio, agora pela praia, sem turismo, sem roteiro, sem turistas. O tempo chuvoso, muito vento. Érika caminha distraidamente e carrega consigo o gravador que registra o barulho das ondas arrebatando na beira do cais, grava variações do clima e do meio. Seu plano é justamente esse registro, essa captura da acústica do ambiente, os sons dos movimentos, de algo que ela experimenta em concreto. O espaço de fato e seus ruídos. Mais uma vez o caminhar e a ilha erupcionam na personagem questões íntimas. Está explicitada a caminhada objetiva, com objetivos concretos. Neste trecho da obra há descrição meteorológica, o local e suas características físicas: vento oeste, a orla de areia fina, a lava dos vulcões. “Você caminha por ali e sente a temperatura elevada do solo” (SAAVEDRA, 2010, p.112). Eis que começam a surgir questões internas a partir da admiração do mar: “E o mar, eu penso, a forma como as ondas chegam à terra, podem te dar pistas desse mundo invisível, revelar essa misteriosa geografia. Eu te daria o contorno da ilha, e dentro dele talvez surgisse algo que a revelasse”. (SAAVEDRA, 2010, p.112). O quadro descrito faz surgir uma reflexão sobre o existir das coisas. Uma ilha jovem, morada temporária de nossa jovem protagonista; erupções e acontecimentos recentes, terras submersas. O mistério da geografia local, símbolo do corpo (o contorno) e da mente (dentro dele) de Érika e de tudo que ela sente querer revelar.

Também há relatos de quando ela fica em casa, e o tempo parece deslocar-se: “E eu, quanto tempo faz que estou nessa ilha? Uma semana, um mês, não sei ao certo” (SAAVEDRA, 2010, p.41). Fechada então entre as quatro paredes da casa, declara-se confusa e desorientada: “uma mistura de alívio e tristeza. É uma sensação estranha ficar sozinha nesta casa” (SAAVEDRA, 2010, p.120). Érika vive uma experiência solitária, de total e profunda transformação. Experimenta uma mudança radical de seu cotidiano, em seus costumes e hábitos. Perde-se verdadeiramente no sentido de borrar registros internos, de desconstrução daquilo que até então lhe assegurava uma identidade. Autoexilada em uma ilha remota no meio do oceano, sem conhecer ninguém, desconhecida para os outros. Como consequência do término de uma relação, decide afastar-se de tudo e, por que não dizer, de si mesma – à primeira vista. Em um arquipélago, rodeada por água e sal, morando em uma casa que não é sua, encarando uma rotina incerta à procura de respostas:

Tenho muito medo de como vai ser [...] Como eram nossos dias, nossas dúvidas, os nossos problemas? Como era a nossa vida? Sabe que eu não me lembro, não consigo me lembrar. Talvez não tivéssemos tão próximos. [...] O que foi que perdemos, Alex? Este tempo todo aqui procuro respostas para estas perguntas, e ao mesmo tempo tenho medo de encontrá-las. (SAAVEDRA, 2010, p.137)

A capacidade de esvaziamento da personagem, a profunda vontade por um verdadeiro reconhecimento de si, de seu mundo interno, de respostas que talvez sequer são possíveis. O desafiar desejos, medos, arrependimento, expectativas. Érika nos fala de como tem a impressão de viver dias cheios de acontecimentos, e sua incapacidade para compreendê-los. Fala de seu enorme esforço em desemaranhar os nós e os enredamentos de suas convicções tão fragilizadas. Diz que uma e outra vez, ela, nesse espaço inócuo, se transforma, se dilui em um corpo em contornos sentimentais. As experiências de vida que até então eram o firmamento de sua identidade, desapareceram: “Como alguém me tira algo tão íntimo, tão meu?” (SAAVEDRA, 2010, p.104). Em múltiplas passagens, declara sentir esse vazio, esse extirpamento de uma parte, de algo que era seu, devido à separação: “eu perdi alguém, alguma coisa. Eu não sei o quê, mas sei que perdi algo importante. Talvez um grande amor, como você diz. Eu não sei” (SAAVEDRA, 2010, p.100). Leio a cada Gravação uma exploração física, uma busca por vivências corpóreas, no anseio por preenchimento subjetivo. O fim da relação com Alex, o abandono de seu “porto seguro” (sua casa, sua cidade local, seus pertences e seus afetos conhecidos) visam uma revelação de um amor grande, o amor próprio. Ela propositalmente desvinculou-se do que lhe era familiar, para relacionar-se com aspectos íntimos tão e somente seus. Na vivência externa de coisas incomuns, experimentando novos passeios, novos locais, novas amizades, Érika busca reconstituir-se por dentro:

Durante o dia estou bem, me sinto disposta, faço minhas caminhadas, a paisagem aqui é quase sempre a mesma, a terra deserta, os vulcões, os turistas, os dromedários. E há o mar, por todos os lados. Mas eu gosto da monotonia, como se a monotonia exterior equilibrasse um desequilíbrio interno. (SAAVEDRA, 2010, p.109)

Érika fala de uma monotonia. De como essa mesmice externa afeta positivamente o seu reboiço interno. Se antes era tão ativa, produzindo arte, visitando museus, participando de exposições, comendo em restaurantes da moda, conhecendo empresários, dando entrevistas; só agora, agindo em favor de seu

despauamento pacato, pode dar-se conta de suas passadas complicações rotineiras mascaradas. Comenta notar as pessoas construindo suas vidas e passando seus dias criando possibilidades, preenchendo vazios com concretudes e objetos, como apólices de seguro e documentos salvos, sem olhar a fundo o que sustenta seus desejos e relacionamentos. Fala de uma coragem superficial em tomar decisões, como qual música ouvir, se comer pão com manteiga ou margarina, qual sessão de cinema assistir, que suco tomar, na perspectiva do que podemos observar, sem encararmos a nós mesmos; a nós, que estamos muitas vezes escondidos no olhar do outro. Que é possível e, mais ainda, necessário, percebermos a existência do outro para percebermos a nossa própria. Que a verdadeira coragem está em construir pontes e significados entre sujeitos e não nos objetos:

Claro que podemos criar espaços mais ou menos propícios, espaços sagrados, como galerias e museus. Lugares que apontam com uma seta e dizemos, aqui, olhe. Ou, aqui, olhe de tal forma. Mas na realidade trata-se de um movimento de quem observa, do sujeito, e não do objeto, ou efeito, ou acontecimento observado. (SAAVEDRA, 2010, p.145)

Fala de um mundo onde existam relações além das percepções e ilusões: “é necessário que o outro seja uma superfície lisa o suficiente para refletir. É necessário que o outro ao menos te escute” (SAAVEDRA, 2010, p.44). Por isso as gravações, como uma forma de controlar as emoções incógnitas, como forma de concretizar sentimentos impenetráveis. Érika revela que as gravações são sua forma de se ligar ao mundo, pela necessidade de diálogo, de contato com algo ou alguém. Ao estar em uma ilha e nada mais, adquiriu um aparelho gravador para poder se comunicar. Nas primeiras gravações aparecem muito mais registros destinados a estabelecer coordenadas, localização, comparecimento. Barulhos de passos, de pessoas falando, barulhos característicos de um local ou de um objeto, aparece também o procurar por uma estação de rádio. Muitas vezes a obra diz que o som da gravação é *Silêncio* ou *Interrupção*. De fato a Gravação 9 contém cinco registros de “*Silêncios*” consecutivos. Seguidos de “Batidas na porta”, “pausa”, “barulhos incompreensíveis”, “chiado de estação de rádio”. A determinada altura dos acontecimentos, Érika fala: “Eu tinha o aparelho, e de certa forma queria estar perto de você, poder te mostrar a ilha, os lugares, sem ter que te mostrar realmente a ilha, sem ter que tirar fotos, te mandar postais” (SAAVEDRA, 2010, p.108). Não esqueçamos que a protagonista é artista plástica, pois que então tem relação profunda, direta e intrínseca com a estética. Com

a expressividade estética. A escolha das gravações, então, não é de maneira nenhuma aleatória, improvisada, despropositada.

Pois que à medida que o tempo passa, à medida que Érika vai se “acostumando” a estar na ilha, ela vai adquirindo propriedade de si, se substanciando, fortalecendo sua identidade subjetiva. Através do contato com a natureza, com os exercícios físicos, nas conversas com Pilar – a senhora que trabalha na casa: “com o tempo, o que gravo passa a ter valor pessoal, um valor só meu, e que não interessa a ninguém” (SAAVEDRA, 2010, p.134). Em verdade, a princípio, suas reclamações, seu desejo de transformação e entendimento, giram em torno da separação, sua razão encontra desculpas no relacionamento passado e fracassado com Alex para esta situação de exílio na qual se encontra; ela se declara só e vazia. Diz que, antes da viagem para ilha, viveu períodos em outra dimensão, como se fosse outra pessoa, como se tivesse vivido outra existência: “Alex, não estaria eu todos esses anos vivendo uma vida que não é minha? Uma vida que é apenas tua?” (SAAVEDRA, 2010, p.133). Mas declara-se esperançosa, aventureira de si mesma, e no distanciamento físico declara a busca de uma reunião emocional: “eu procuro a todo custo algo que me entusiasme, que me traga de volta ao antigo vaivém de ideias e criações, e não encontro nada” (SAAVEDRA, 2010, p.133). Érika também, primeiramente, tenta exteriorizar suas forças em possíveis trabalhos para exposição, nas gravações, nestes escapes turísticos, nessas fugas paisagísticas. Ela grava as conversas que tem com moradores, as brigas e as discussões do casal de amigos, donos da casa. Procura em Pilar vivências e experiências alheias, histórias de outros para preencher curiosidades e tempos aleatórios seus. Todos estes atos são pequenas amostras de como ela procura responder às suas perguntas, em respostas prontas na história de outros, na experiência vivida por outros, ao invés de se deixar levar por um caminho seu, de autodescoberta. Ela confessa sentir ser um desdobramento das ambições e das vontades de seu ex, de que ela foi se constituindo como pessoa a partir do reflexo deste outro, de seu namorado. Comenta inclusive que, na ilha, moradores e vizinhos criaram-lhe um passado, “juntando pontos”, observando sua chegada à ilha e inventando enlaces do porquê de sua presença local. Ela não desmente nem se incomoda, no começo, com as fofocas e boatos a seu respeito, ela até se diverte com isso. Entra no jogo e inventa uma personagem, diz ser professora para um doutor que conhece, por exemplo. “E com o tempo eu seria cada vez mais professora, e em algum

momento eu seria apenas professora. E todo meu passado também, o meu passado seria o que eu bem quisesse” (SAAVEDRA, 2010, p.139). Mas a brincadeira não dura muito tempo. Não há como constituir algo real baseado em mentiras, fingimentos e ilusões. A vida real nos confronta a todo momento e a cada instante. Eis que Érika deixa-se liberar pela tentação de se revelar verdadeiramente. Diz que tudo que vinha fazendo também vai se desmontando em seguida: “estava adquirindo algumas certezas, certa tranquilidade, eu me sentia tão bem, contente, otimista. E agora, não sei porque isso está se desfazendo” (SAAVEDRA, 2010, p.149). Ela vive um jogo lúdico de cura de si, de montar e desconstruir, de teste, de provas, de autoinvestigação. “Deve haver outra saída dentro da esfera do humano” (SAAVEDRA, 2010, p.149). Ela diz perder-se em lugares, no tempo, na ilha, perder oportunidades de trabalho, deixa-se levar por caminhos e trilhas sem um destino visado, e na dúvida da própria existência, da certeza da incerteza, insiste em se refazer. “Essa pessoa que eu seria nunca vai existir. Mesmo que eu me esconda numa ilha ou pegue o primeiro avião” (SAAVEDRA, 2010, p.157). Érika, no decorrer das semanas, no transcorrer das horas, com o passar dos dias, depara-se, passo a passo, no final das contas e por fim, consigo mesma, vê-se imersa numa situação extrema, onde existe apenas ela mesma, subjetiva. Ela insistentemente propicia à sua identidade um deslocar-se construtivo (SAAVEDRA, 2010, p.157). Volta a sair, agora vai até o aeroporto. “Ver um avião chegando numa ilha no meio do oceano é reconfortante. Como se enfim alguém estivesse chegando para nos salvar. Como se alguém nos jogasse uma corda” (SAAVEDRA, 2010, p.153). Notemos aqui a metáfora da chegada já “com pé na saída”. Entendo que mesmo tendo pousado em uma ilha isolada, exilando-se, reside nos pensamentos e no desejo de Érika um olhar em direção à salvação. Isto é, a protagonista sabe, porque sente, que sua situação é provisória, processual. Mas ela ainda projeta em algo externo, ainda espera que um objeto do lado de fora lhe traga a resposta para suas inquietações, que algo a salve, como se busca a cura para uma enfermidade. É exatamente a metáfora do romance no sentido de apresentar-nos uma viagem física, como sendo a fonte palpável do processo de restauração de seus sentimentos, rompidos pela desilusão amorosa. Como se a viagem até a ilha fosse o ato curativo de seu sofrimento. Preciosamente, vamos lendo e compreendendo, junto a Érika, que a viagem que cura, que revela, que ensina, é a viagem metafórica que nos permitimos viajar. A corda que tanto acreditamos ser a

saída, é um tramar interno da percepção e permissão de si. Somos nós, por meio dos objetos do mundo, laçados pelos sentidos e significados em nossa subjetividade, que realizamos a viagem. O aproveitamento e a sagacidade do viajar reside neste processo de individuação.

O romance de Carola Saavedra explora muito bem a via de mão dupla da viagem, sendo ela tanto física quanto metafórica. Ambas as viagens estão entrelaçadas, uma conduz e conflui a outra, num movimento simultâneo e perpendicular. Nos passeios e saídas da protagonista, lemos sua rotatória interna, sua movimentação e seu estancamento. E quando para, quando se aquieta, seu mundo interno voa. Por exemplo, quando, depois de muito andar, de muito conhecer e explorar a ilha, resolve ter um encontro com outro homem e o beija: um beijo como se fosse o primeiro beijo. Um novo pacto, um novo olhar. Diz dar-se conta de que não importam os museus, os cartazes, os filmes, as esculturas e as pinturas, e sua vida dinâmica e agitada, em vernissages, visitas guiadas e as outras coisas banais; que esses acontecimentos não são verdadeiramente grandiosos. De que os acontecimentos são magnânimos quando instigam, investem, translocam afetos, sentimentos, sensações, quando estremecem espaços internos não palpáveis porém atingíveis. “O meu corpo faz seus próprios horários. Como se o meu corpo estivesse se adaptando. Se adaptando a quê? Eu mesma não sei” (SAAVEDRA, 2010, p.110). A ideia de adaptação, de experimentar, de sair em busca de seu destino mais do que de aparições, roteiros e passagens. “Acontece que há um caminho a seguir. Um caminho já trilhado antes de nós. [...], sentimos apenas o que nos foi dito que era possível antes de sentir, fazemos apenas o que se vislumbra como uma possibilidade” (SAAVEDRA, 2010, p.66). Depois de muito trilhar, visitar, conhecer, ela definitivamente entende que o translocamento está dentro dela. É preciso um esvaziamento de si, de crenças e certezas, para o preenchimento de si. É no esgotamento de tudo, no vazio, onde habita a capacidade do suplemento individual.

Para que o vazio exista, é necessário que algo o delimite, que algo delimite o seu espaço. É esse contorno que vai dar significado e criar um discurso. Como um quarto fechado, onde não se pode entrar mas que está lá, presente, uma negação presente inserida na nossa história, queiramos ou não. (SAAVEDRA, 2010, p.156).

A vida nos oferece as oportunidades de esvaziamento, bem como as ferramentas para completude de nossa subjetividade.

Nada simples. Queremos a inscrição de algo, estarmos inscritos em alguém, em algum lugar. Nossa busca é por algo concreto, mas que só podemos encontrar na inconcretude de nossa essência. Nos objetos traçados no sem fim das curvas de nossa subjetividade. Muitas vezes embarca-se em uma viagem que flutua e abarca uma preexistência, vislumbrando certezas e controles para um percurso previslumbrado. Comumente quer-se, no trilhar do caminho, que tudo esteja arrematado, certificado, carimbado; saímos em busca de locais com promessas seguras, esperando compreender uma fórmula, apreender algo pré-manipulado (como o são os horários agendados e as visitas programadas). Todavia “não estamos inscritos em lugar nenhum” (SAAVEDRA, 2010, p.141). Se penetrarmos a literatura com postura viajante, quem gostaria de ler um livro sabendo como termina a história? Quando encaramos uma obra de arte não sabemos onde nos levará, que sentimentos despertará. Uma mesma obra pode gerar diferentes confrontamentos e conclusões segundo cada personalidade; cada pessoa pode ter e seguramente terá sua própria experiência neste conflito estético. Então por que não nos encaramos como nossa própria arte inspiradora? “O fato de criarmos esse espaço, de colocarmos setas, indicarmos formas de leitura, nada disso significa que a recepção pode ser realmente manipulada” (SAAVEDRA, 2010, p.147).

Existem também no romance algumas passagens oníricas. Érika diz: “Não há nada mais desesperador do que estar numa ilha no meio do nada, [...] Costumo acordar no meio da noite, por causa dos pesadelos” (SAAVEDRA, 2010, p.42). Pesadelos que vão se transformando e transtornando a personagem. No primeiro sonho descrito na obra ela não consegue embarcar em um avião, sem saber o motivo, talvez por causa de uma guerra. Mas ela perde o último avião que sairia da ilha e fica lá para sempre, sem nunca mais poder sair dali. O seu sonho revela um medo, um medo da estagnação. Um pânico em nunca mais conseguir sair, de nunca mais poder sair da situação em que se encontra, em não compreender-se, em não decodificar-se. Nunca mais o pouso, a aeronave no pátio. Nunca mais ter os pés no chão, nunca mais o encontro consigo. Um pesadelo deveras. Já mais adiante, um segundo sonho, de que mora com seu ex-namorado Alex dentro da cratera de um vulcão, deitados os

dois sobre a cama de casal, vestindo pijamas e toucas na cabeça; outra estagnação, mas agora com o ex-parceiro. Em um último sonho, Érika pare um filho:

No sonho, a criança, numa travessura, havia perdido alguns pássaros no meu cabelo, os pássaros se debatiam, tentando voar para longe, mas não conseguiam, acho que eram pombos, os pés enredados no meu cabelo. Eu me desesperava, o filho-monstro ria. Eu tinha vontade de castigá-lo, de espancá-lo até. Mas ao mesmo tempo, pensava, tenho que compreendê-lo, é só uma criança. Mas alguma coisa me dizia que não era só uma criança. E havia algo aterrorizante nisso. Acordei suando frio. (SAAVEDRA, 2010, p.103).

Encontro nesta passagem da viagem onírica o símbolo da viagem metafórica, a ressignificação da viagem física. É fabuloso. No sonho aparecem pássaros, pássaros na cabeça, presos aos fios de cabelo da protagonista. Quão metaforicamente longe foi a escritora ao proporcionar-nos tamanha viagem! O pássaro, um animal que revoa, deslocando-se com asas, que migra. Que viaja tanto por prazer como por instinto de sobrevivência, em períodos reprodutivos, para manutenção de sua existência. A personagem tem a cabeça confusa, querendo arejar e não conseguindo, querendo compreender os problemas pelos quais passa apesar da culpa, da autopunição. Quer compreender-se porque, afinal, já não é mais criança. Também podemos interpretar esse filho como sendo Alex, já que se trata de uma criatura do gênero masculino. Mas isso é uma outra possibilidade. Uma outra visão dessa viagem onírica ressignificadora. A questão trazida, fundamentalmente, é o quão aterrorizante é enfrentar-se a si, a própria condição de crescimento interno frente às dificuldades, às impossibilidades.

Concluo esta análise trazendo um último trecho muito significativo para explanação do estorvo que por vezes é crescer, modificar, transformar-se, e, também, quão imprescindível e até mesmo irrefreável:

Curioso isso, as pessoas saem de férias, viajam, gastam tempo, dinheiro, e escolhem um lugar onde possam comer as mesmas coisas de sempre, falar as mesmas coisas de sempre, ouvir o mesmo idioma. De novo, apenas uma paisagem de cartão-postal. Às vezes, nem mesmo a paisagem. Mas talvez seja a única possibilidade. [...] por mais que a gente se esforce e condene com fervor os preconceitos e domine o idioma, por mais que a gente chegue sorridente e coma sem perguntar o que tem no prato, e sorria com satisfação, e se cubra com os mesmos panos, e imite os gestos minuciosamente. Por mais que a gente tente se adaptar e ser igual, a gente nunca vai ser igual, sempre haverá algo que nos delata, um gesto, um olhar (SAAVEDRA, 2010, p.15).

## 6. 2 FLORES AZUIS

Doravante, tomarei o romance *Flores azuis*, também de Carola Saavedra, como fonte de análise literária para tratar os temas propostos nesta dissertação.

Em *Flores azuis* a separação de uma mulher, sua vivência externa e real da ruptura afetiva, seus conflitos a partir desta experiência, são matéria para a produção de cartas que relatam não só um fato – os motivos e as minúcias do como se deu a separação, mas também narram todo o sentimento e as sensações, o dia a dia concreto e a construção subjetiva experimentada por ela a partir deste acontecimento irruptivo. De acordo com Ítalo Calvino (apud ASSMANN), “O passado sempre é novo. Ele se altera constantemente, assim como a vida segue em frente” (2011, p.21). Transcrevo também o testemunho de Calvino (apud BRITO), seguindo o escritor e seu pensamento como referência do tema aqui em desenvolvimento – o registro memorialístico como parte e estímulo do processo de individuação:

De certo modo, acho que escrevemos sobre algo que não conhecemos, escrevemos para dar ao mundo não escrito uma oportunidade de expressar-se através de nós. [...], chego quase a entender que além das palavras há algo que as palavras poderiam significar. (BRITO, 2007, pg.110)

Sabemos, a partir do anteriormente lido, no pequeno texto sobre a autora chilena naturalizada brasileira, que, para ela, palavras são dispositivos poderosos de expressão. As palavras existem para que nos comuniquemos, sim. Mas, antes disso e mais importante, Carola exprime que as palavras são responsáveis pela revelação de nossa linguagem interior no encontro com o mundo exterior concreto, as palavras são a capacidade e a habilidade de nosso indivíduo sensível e subjetivo desenvolvidas no e para o contato com a intensa realidade que nos circunda. Isto é, por meio das palavras nos comunicamos com outras pessoas, mas especialmente comunicamos aquilo que sentimos, aquilo que sensivelmente pensamos e vivemos. Somos sujeitos de discurso, de linguagem, não tão somente emissores de sons. As palavras e nossa linguagem: são elas que revelam nosso olhar a respeito da vida que levamos dentro e, devidamente direcionadas, conduzem tudo aquilo que vivenciamos fora. Através das palavras cria-se um tecido de relações; a partir dos objetos (pessoas e lugares e coisas e fatos) tecemos nossa subjetividade, constante e infinitamente em construção.

Deslocamo-nos no mundo físico impulsionados e estimulados por uma expressiva jornada interna.

A protagonista de *Flores Azuis*, identificada como A., embarca, e nos leva pela mão – a punho e letra e reflexão, por uma viagem absolutamente metafórica e subjetiva. Viajamos com ela palavra a palavra, linha por linha; somos transportados, guiados e conduzidos pelas declarações aportadas em suas cartas de amor. A. escreve cartas ao seu ex e as envia ao endereço do antigo apartamento, local onde morava o casal agora afastado. O conteúdo das missivas decorre do passado recente de A., das questões do porquê do afastamento e das consequências afetivas – por parte dela – desta separação conjugal. As cartas registram uma busca de sentido da personagem para a experiência vivida, possibilitando-lhe dar novas significações àquela vivência experimentada e marcadamente sentida.

Imersa na leitura do romance, mergulhada neste “tempo epistolar” tão peculiar, encontro e levanto questões referentes à viagem e ao viajar, ao deslocamento e ao despaisamento emocionais, relacionando memória e registro – todos temas de interesse tratados na presente dissertação. Nesta narrativa, as palavras memorialísticas de A., datilografadas nas missivas, são catalisadoras de uma construção identitária subjetiva. Através das nove cartas escritas, enviadas diariamente a contar de um período de nove dias no tempo cronológico, somos remetidos a um tempo subjetivo de viagem interior. Relaciono este movimento, de deslocamento em uma viagem do calendário, ao desejo e necessidade de movimento contínuo na busca de subjetividade e individuação pessoal de A.: nove dias contados, nove cartas enviadas, uma incalculável e imensurável transformação subjetiva testemunhada por nós leitores neste precioso romance epistolar.

“Depois da separação, [...] havia também a solidão e outras possibilidades” (SAAVEDRA, 2008, p.67). As cartas são postadas pelo correio diariamente, durante dois fins de semana e seu entremeio. Estas epístolas afetam o presente desde o passado, estimulam a construção da identidade a partir da memória e da recordação. De acordo com Calvino (apud ASSMANN), “Só influenciam no presente aquelas partes do passado que tenham a capacidade de esclarecê-lo ou obscurecê-lo” (2011, p.21) e de transformar-nos.

Pensemos assim a experiência como algo que não só nos afeta fisicamente em um certo espaço delimitado e em determinado momento, mas que a vivência desta experiência, contextualizada no tempo demarcado no “agora” – no exato instante vivido – fará parte de nós, de agora em diante, a cada momento futuro do qual olharmos para este passado, expresso e registrado na memória, afetando-nos emocionalmente através de sua lembrança. Como nos diz A., “muito tempo depois ainda ostensiva, como se a cada instante aquele gesto se renovasse, e se renovasse agora, agora, neste momento em que te escrevo” (SAAVEDRA, 2008, p.77), o passado presente na escrita. Assim, para que todo este percurso exista, para que esta trilha se forje e se ilumine, e somente se iluminará, se algo outro, em um novo momento, nos desperte a perplexidade daquele longínquo antigo momento. No caso, a palavra, as cartas. Uma nova experiência “já” é a chispa responsável pelo arder daquela antiga marca “aqui”. Esse trilhar é nossa cartografia identitária. Pessoal e intransferível, desenhando-se. Cito:

A experiência concreta, em que aquilo que viemos ver sempre está diluído no que podemos ver por toda parte, em que somos afetados do presente por um futuro ansioso e em que nossa apreciação de elementos estéticos permanece à mercê de exigências físicas e psicológicas que nos deixam perplexos (BOTTON, 2007, p.36).

Neste trecho entendo que a “experiência concreta” pode ser interpretada como a separação vivida por A.; e aquilo “visto e diluído, vivido em uma apreciação estética” é a produção e o envio das cartas. A experiência estética da epístola proporcionando o deslocamento psíquico em uma jornada de produção subjetiva. Quando nos situamos no acontecimento da escritura, “O corpo se abre à experiência, registra e armazena o difuso, o diverso”, diz Onfray (2009, p.51). E ainda: “sentir violentamente o corpo existir na doçura de um instante vivido no modo mágico, mirífico e magnífico” (2009, p.51). Movendo todo esse entendimento ao romance, entendo e interpreto que a existência da doçura de um instante vivido também se dá no instante da leitura destas produções missivas da obra literária de Carola Saavedra. A narrativa de *Flores azuis* proporciona-nos um encontro perplexo e estético com a literatura, na possibilidade de perplexidades reflexivas.

O romance *Flores azuis* já em primeira página, na primeira linha, apresenta-nos a situação vivida pela remetente: “Meu querido, Dizem que a separação nunca é

um núcleo, uma urgência. Dizem que ela começa em seu avesso” (SAAVEDRA, 2008, p.7). É a separação de dois indivíduos, dois corpos antes juntos, agora distanciados. A separação como meio para o despaisamento de si, o bilhete de passagem para a viagem da subjetividade; um desacomodar-se para voltar a reconhecer-se dentro do tempo e do espaço do qual fazemos parte e no qual existimos. O avesso é o deslocamento, é ver desde outro ponto de vista, é “revirar-se” para restaurar-se; remexer, revirar, revistar uma fissura interna que deve ser restabelecida. Uma viagem de restauração de si que testemunharemos nas cartas de A. (identidade assumida e assinada da personagem).

Segundo Assmann (2011), a escrita tende a fazer ligações, intermediando, através dos registros escritos (e portanto, da memória), lembranças e experiências. As recordações registradas possibilitam acusar, justificar, “curar” distorções, fazendo, assim, parte essencial da identidade do indivíduo, bem como de sua identidade cultural como ente histórico que é.

Entendo que as cartas escritas pela personagem protagonista da obra, são ferramentas para vivificação de sua memória, ao mesmo tempo que constroem sua identidade, registrando a própria existência de ser que vai se construindo a cada página, se desenvolvendo pelos capítulos, se revelando a partir de nossa leitura. Na escrita, na memória e nas lembranças, há o reconhecimento dos afetos que nos tocam, nos mancham, nos marcam, nos transformam ao escrever. A mente é revisitada pelo coração. Nossa memória é máquina informativa, afetada pela lembrança, pelas recordações acesas e ativadas pela e na escritura. A individuação permite-se existir nos envelopes que se abrem dia após dia em tempo presente na vida do personagem leitor Marcos – receptor e leitor das cartas, contudo não o destinatário – e ao mesmo tempo deixa-se narrar pela experiência de um passado recente na separação de uma relação amorosa pulsante. A recordação gera tanto conflitos quanto identificação e, em ambos, ela é estopim na construção da subjetividade.

Na trama de *Flores azuis* efetua-se uma transcendência no tempo, onde passado e presente se complementam e, juntos, contam história. Segundo Assmann (2011), construímos o passado refletido no presente; o presente é determinado de tal maneira pelo passado que escapa à disponibilidade subjetiva: a subjetividade permeia

o tempo. Como diz Günter Grass (apud BRITO), “Escrevo contra a passagem natural do tempo. Jogo o passado na direção do presente para fazê-lo tropeçar” (2007, p. 103).

Fazendo um *link* com o tema desta dissertação penso que, no momento em que decidimos viajar, criamos essa ponte, de nós mesmos com o que virá a ser, de nossa *persona*<sup>6</sup> com o lugar que lá está. Este processo de viajar gerado por um bilhete, uma passagem. Como amante das letras e delas formando palavras, valho-me da simbologia que estas palavras podem carregar em si mesmas, seus significados: o bilhete que é uma passagem, objeto que representa um processo, um movimento em direção a algo que desejo, quero, adquiero e agora possuo. A vontade de mudança, de colocar-me em trânsito, tendo esse objetivo em mente, me levando a tomar outras decisões: para onde, quando, com quem, para ver o que, instalar-me onde, em que hemisfério, em que condições, gastando quanto, por quanto tempo. Tomo aqui o tempo definido por Modernell para o viajante: “... um fluxo psicológico, que é algo pessoal e intransferível, uma experiência que faz o indivíduo, mesmo em vigília, viver as emoções da vida como nuances que se assemelham aos sonhos” (MODERNELL, 2011, p.50).

O trecho a seguir descreve um momento de mudança interna vivida pelo personagem Marcos, representado no ambiente físico de seu apartamento. “Desde a mudança. As malas, as caixas empilhadas, muitas das quais ele não abrira, as estantes vazias, a casa inteira por terminar, como se faltasse alguma coisa, algo que lhe permitisse habitar aquele apartamento, para que ele enfim se tornasse seu. É necessário tempo para chegar a algum lugar, pensou” (SAAVEDRA, 2008, p.122). Entendo o cenário do apartamento como a representação simbólica do espaço interno de Marcos, disposto e desejoso de mudanças. Na bagunça das caixas e malas, nas prateleiras desocupadas e com tudo por arrumar, Marcos vive a possibilidade do preenchimento de si. Habitar o apartamento exige a construção/organização de sua própria morada, sua identidade.

---

<sup>6</sup> Jung define: “A persona... é o sistema de adaptação ou a maneira porque se dá a comunicação com o mundo. Cada estado ou cada profissão, por exemplo, possui uma persona característica... O perigo está, no entanto, na identificação com a persona; o professor com seu manual, o tenor com sua voz... Pode-se dizer, sem exagero, que a persona é aquilo que não é verdadeiramente, mas o que nós mesmos e outros pensam que somos.” (JUNG, 1961, p. 357)

Uma carta é encontrada pela personagem Marcos, este que mora sozinho e tem uma filha, que vem ficar com ele nos finais de semana. Durante uma destas estadias, Marcos encontra em sua caixa de correio uma epístola que ele recebe e da qual apropria-se, como se fosse para ele mesmo. “Claro que não deveria abrir uma carta que não era para ele. Mas poderia ser algo importante, pensou. Por certo algo importante” (SAAVEDRA, 2008, p. 22). Contendo o seu endereço registrado a punho no destinatário – pois que é o atual locatário, as cartas são redigidas por uma mulher que assina A., sem destinatário especificado, mas o endereço é o apartamento alugado por Marcos. “[...] ainda um pouco confuso, a verdade é que acabara de ler uma carta destinada a outra pessoa, [...]” (SAAVEDRA, 2008, p.17). Através dessas cartas, que continuam chegando pelo correio, inicia-se um interessante e entrelaçado processo de construção: acompanhamos a história desta mulher por meio das leituras de suas cartas e em paralelo o dia a dia de Marcos vai ganhando vida. “[...] acabara de ter acesso à intimidade de outra pessoa, sentia-se incomodado e ao mesmo tempo atraído, a correspondência que não lhe pertencia”. (SAAVEDRA, 2008, p.17). Através da tinta impressa e da memória expressa de A., somos instigados a uma dupla jornada: a de A. e o relato memorialístico de uma relação amorosa que findou e a descrição do presente transformador desse homem inanimado – até então. “Ideia que jamais lhe passara pela cabeça, abrir correspondência que não fosse sua, e agora aquela indiscrição, curiosidade” (SAAVEDRA, 2008, p.18). A curiosidade e o mistério que nos movem, que nos fazem experimentar, que nos instigam à mudança, ao crescimento, ao deslocamento, à novidade. O ânimo humano do movimento; remetente e destinatário, feminino e masculino, leitor e escritor.

“Escrevo para que me escutem – quem? Um ouvido anônimo e amigo perdido na distância do tempo e das idades”, testemunha Lúcio Cardoso (apud BRITO, 2007, p. 142). A leitura nos captura e somos guiados a uma jornada no tempo e pelo espaço, nós, leitores de todas as idades. Acredito ser pertinente equiparar o testemunho de um escritor real e de profissão com A., pois que ambos usam das palavras e do papel para a expressão de sua interioridade, seja ela ficcional ou não. As cartas redigidas no romance são um testemunho, um registro íntimo vivido, pensado, expresso e real para a personagem. A obra ficcional recria a vida comum e corrente, e a vida fortifica-se na arte criativa, uma não existe sem a outra. O mundo ficcional e a realidade estão conectados por uma ponte indestrutível, inquestionavelmente forte, resistente e

inabalável. O escritor indubitavelmente exerce sua escrita apelando ao leitor para que ele faça passar à existência objetiva o descobrimento que ele empreende por meio da linguagem, no caso, literária. A. é, na vida ficcional, tão real quando nós somos reais para o livro. Atenho-me, pois, à história da personagem epistolar, pois ela é o retrato da viagem subjetiva que experimentamos neste romance. Afinal, se o objetivo deste trabalho é perceber e entender o viajar desde uma nova perspectiva, abrangendo o imenso e profundo mundo interno das pessoas – reais ou fictícias –, percorremos em *Flores azuis*, através de A., o percurso construtivo subjetivo da personagem na expressão de suas inquietações e ponderações, no testemunho missivo de seus deslocamentos internos, da memória revisitada, no registro de lembranças de uma vivência. A individuação da protagonista é o processo que vivenciamos. Nas viagens pode haver tropeços, encruzilhadas, possibilidades. Toda essa potência imaginativa viva metaboliza-se para a realização de um desejo, uma ânsia efetiva e afetiva, da vivência de um processo de deslocamento; uma jornada progressiva em direção à experimentação. Aqui a memória é o meio de transporte de A., meio no qual pegamos carona. No texto, a personagem A. nos confessa: “a memória costuma enganar, a memória e o tempo e o desejo de que as coisas sejam do jeito que achamos que foram” (SAAVEDRA, 2008, p.76). Também se lê:

Será que esqueço algo importante?, talvez, sempre suspeitei que tendemos a esquecer o mais importante, talvez por ser um alvo em constante transformação, o mais importante é sempre outra coisa, algo que nos escapa. Como o espaço que te falei, aquele entre o que eu escrevo e o que você lê. Algo que incomoda, sem nunca tomar corpo. (SAAVEDRA, 2008, p.11)

Este espaço somos nós mesmos? Está em nós? Vive em nós? Existe e é inerente a nós, este espaço, este lugar transicional. Este espaço pelo qual transitamos, entretanto nele nunca estamos, entre o lá e o cá. O Espaço Transicional na obra de Winnicott é aquele que é e existe entre a própria existência – o mundo interno – e a vivência – o mundo externo –, entre o subjetivo e o objetivo. No romance, quem faz essa ponte, quem torna possível esse diálogo é a memória, que toma corpo e se concretiza no registro epistolar. “Ao tomar corpo, as palavras encadeadas e as fibras imperceptíveis do papel, que perigo poderia haver?” (SAAVEDRA, 2008, p.11). Vimos que o ato da escrita transforma aquilo que sentimos em concreto, palpável, real. “E toda essa força dessa tua ausência, dessa tua distância” (SAAVEDRA, 2008,

p.129), um espaço potente de vivência de sentimentos, de produção de sentido. Os espaços como potências, pois que justamente na ausência, e somente no espaço vazio é que existe a possibilidade de preenchimento. Segundo Winnicott não existem fronteiras rígidas que demarquem a condição humana, o processo transicional dura toda a vida, criando e destruindo significados e significações na busca do conhecimento de si e do mundo. No espaço onde há o vazio e a ausência de algo – para o bebê a ausência da mãe e para A. a ausência do ex-companheiro – cria-se algo símbolo de preenchimento, algo que surge para curar aquela falta, dando sentido à existência. Por isso a imaginação e a criatividade, por um lado, e os comportamentos e exemplos culturais e sociais, de outro, são tão importantes, peças de incomensurável valor para a subjetividade que se constitui em cada indivíduo da sociedade como ente que é, dentro de seu tempo e portador da história civilizatória.

E eu então te digo que sempre há algo que resta, mesmo depois do fim, algo que resta, e insiste e retorna, em algum lugar [...] neste espaço que crio, entre o que digo e o que você lê, uma espera, esse algo que nos transforma. Quando pensávamos que tudo havia se perdido, quando pensávamos que tudo se havia acabado, quando nunca mais algo que nos alcance, surge isso, o ensejo de recuperar o irrecuperável, e o que vem depois. (SAAVEDRA, 2008, p.149)

O pediatra e psicanalista inglês Donald Winnicott é considerado o psicanalista do gerúndio, pois para ele tudo está sendo, a vida é o vivendo, somos seres operantes, sempre “atuando”, interagindo no tal espaço do Fenômeno Transicional. É este o local da viagem desde o qual a personagem A. se comunica e nos fala, desde um espaço de lembrança e experiência. Podemos ler e reviver sua história, e nos conectarmos com ela, tornando-nos também pertences e partícipes de uma viagem. A memória de um passado recente desta não mais amada e seu amante, transformador de vidas presentes, de identidades em construção. A. e Marcos vivendo uma jornada individual subjetiva, cúmplices deste processo, interatuantes e interinfluenciadores, cada um responsável por si como indivíduo e pelo outro como ente social que é. Winnicott é também o Teórico das Transições, pois traz o conceito de espaço potencial, “Uma zona que não é objeto de nenhum desafio, porque não se lhe apresentam exigências, [...] lugar de descanso para o indivíduo dedicado à tarefa perpétua de manter separadas e, ao mesmo tempo inter-relacionadas, a realidade interna e a externa” (WINNICOTT, 1975, p.46). Esses espaços vazios surgem perpetuamente, e à medida

que vamos vivendo, à medida que transitamos pelo mundo, e cabe a nós visitá-los para fazermos-nos grandes. É na atuação dentro deste espaço que nos surpreendemos com situações como a de esvaziamento. Diz A.:

Haverá um espaço máximo, ou será que é algo que continua acontecendo, ininterruptamente, à medida que o tempo passa? No início, a ausência e tudo o que significa essa ausência, a dor e a alegria, e, quem sabe, até o cansaço, depois apenas um nome, uma imagem, e um dia nem isso, nem sequer o esquecimento, essa suspeita, esse espaço vazio. Haverá algo capaz de limitar um espaço vazio? (SAAVEDRA, 2008, p.42).

Deparamo-nos constantemente com esses vazios, desde a sensação de fome ou sede, até uma resposta que esperamos e não chega; por vezes devemos preencher um luto ou simplesmente uma falta, “havia algo que me escapava. Sempre é possível perder o que não se tem, sempre é possível afastar-se mais ainda, a possibilidade ilimitada da falta” (SAAVEDRA, 2008, p.45). De tempos em tempos algo nos escapa ao controle, uma brecha no entendimento de algo, algo que não chegamos a entender por completo; damos um passo atrás, nos afastamos para compreender melhor. Como, por exemplo, um quadro que de tão próximos que nos encontramos, não alcançamos vê-lo e entendê-lo, mas basta que nos afastemos um pouco e tudo parece encaixar-se em seu lugar, logramos a apreensão total do sentido da figura. Então, é o espaço gerado em um passo que nos faz capturar o que faltava no nosso entendimento, mas esse espaço transicional, “a ideia do espaço virtual ou potencial implica um espaço que se vai gerando à medida que vai sendo ocupado” (WINNICOTT, 1975, p.46). A. também nos brinda com esta comprovação: “talvez seja mesmo assim, um dia os gestos que não são meus, aqueles mesmos gestos, e um intervalo entre eles, algo em que me reconheço, finalmente eu me reconheço” (SAAVEDRA, 2008, p.96). Aqui o espaço intermediário potencial é o próprio tempo, o tempo que passa e nós mudando dentro dele, e voltamos a preencher com a potência da compreensão de nós mesmos, com nossas outras atitudes, nossos novos entendimentos, do que somos e do que é o mundo ao nosso redor. E sempre, “e talvez houvesse espaço para outros” (SAAVEDRA, 2008, p.72) deslocamentos e outras descobertas. Nosso cotidiano é palco de novas peças, novas encenações, embora, sem nos darmos conta, muitas vezes, deixemos que a mesma obra permaneça em cartaz por tempo indeterminado, a apresentação e os movimentos provisórios convertem-se em permanentes. Nada muda de repente, mas quando vemos, já

mudou, sem que nos déssemos conta. “[...] coisas óbvias, coisas cotidianas, e de repente uma palavra em falso, algo que eu disse, ou que deixei de dizer, como eu saberia, e de repente nada mais é como fora” (SAAVEDRA, 2008, p.77).

Marcos, também recentemente separado – transeunte do espaço potencial da ausência e da falta –, liberta-se no processo transicional aberto nas cartas, no diálogo com o imprevisto, “algo muito desgastante, procurar um apartamento, fazer a mudança, criar uma nova rotina.” (SAAVEDRA, 2008, p.51). E mais adiante, é A. quem, imersa na jornada, revela o sentimento de ambos: “Sentindo que essa mudança, esse acontecimento tão simples, poderia significar algo muito mais complexo. [...] é impossível dizer que não tenha significado, sempre o mais profundo” (SAAVEDRA, 2008, p.115). A brecha e o espaço, o feminino permitindo que a subjetividade exista e seja expressa, o masculino permitindo que a subjetividade se concretize e funcione. O peso do desconhecido, das mudanças, as transações de sentido, revelando significados para ambos. Arremato aqui com mais um trecho do romance:

Talvez esteja justamente nessa contradição, nesse espaço que surge entre o que afirmo e o que nego, entre o teu sofrimento e a tua crueldade, entre o meu sofrimento e a minha crueldade, entre meu corpo e o teu, justamente nessa incoerência a única forma de comunicação. Não será esse hiato, esse intervalo, o único lugar possível para o nosso encontro? (SAAVEDRA, 2008, p.100).

E trago mais uma concepção de Winnicott na justificativa teórica do expresso literariamente. Diz o estudioso que “a capacidade criadora se desenvolve como uma transação entre duas necessidades”, estas que são, em minhas palavras, a de sustentar as viagens do pensamento, reformulações das sensações e dos sentimentos vividos na experiência marcante; e a de preencher o vazio deixado pela frustração de uma realidade imposta, traumática e transformadora. E, como venho reafirmando, tudo acontece porque nos permitimos a viagem e aceitamos adentrar na aventura subjetiva, porque nada acontece sem a presença – real e concreta, ou imaginária e metafórica – de um outro, encontrado em um espaço ponte potencial, construído entre os mundos de cada um, inserido no contexto da realidade.

Valho-me de mais um depoimento na obra de Brito, *Por que escrevo?*, no qual Hilda Hilst confessa que escreve pela “necessidade de comunicar aquilo para outro, de alguma maneira” (BRITO, 2007, p. 104).

O registro epistolar como testemunho da mudança interna de A. é consequência de sua separação. No romance, a existência de um envelope azul-claro em uma caixa de correio, nos dias atuais um espaço às vezes vazio e quase nunca cheio, ao alcance do vivente habitante do tal espaço mobiliário mal mobiliado. Eis que ler estas cartas e deixar-se invadir por seu conteúdo transformará a vida do receptor e leitor Marcos. “Pegou o envelope. Examinou-o de novo, o envelope pesado, a carta devia ser longa, pensou.” (SAAVEDRA, 2008, p.21). Mesmo que “Não era para ele, mas de certa forma poderia ser.” (SAAVEDRA, 2008, p.120). Uma densa história, digo eu. Seu endereço atual, escrito à mão em letras redondas e caprichadas, consta clarissimamente no envelope, sem destinatário. Nos papéis de carta, traços arredondados delineados nas folhas de papel, trazendo palavras plenas de significado, íntimas, endereçadas corretamente e propositalmente sem remetente, e “na parte de cima um selo comemorativo de algo indistinguível, carimbo do correio, a data do dia anterior, no lugar do remente apenas a letra A.” (SAAVEDRA, 2008, p. 21) – é a identidade que temos.

Ele abriu o envelope com cuidado. Papel branco, cinco páginas escritas no computador, sem demora procurou a assinatura, também digitada, apenas a inicial, achou estranho que a carta não fosse escrita à mão, afinal para que alguém se daria o trabalho de ir até o correio mandar uma carta que não fosse por essa intimidade, a própria letra, as pequenas revelações, como no envelope, pensou sentindo-se estranhamente ludibriado, uma confiança lhe negavam, a letra redonda. A mesma que escrevera o seu endereço, e aquele nome que não era o seu. A tinta negra sobre o envelope azul, tinta de caneta tinteiro, percebia-se, não de esferográfica, talvez fosse isso, esse detalhe, reconheceu de imediato, a caneta tinteiro, os dedos que acabavam invariavelmente manchados, talvez daí sua curiosidade. Deveria ter escrito à mão, pensou meio decepcionado. Iniciou a leitura, a carta se dirigia a alguém chamando-o de meu querido. Era uma carta de amor. (SAAVEDRA, 2008, p.24)

Acredito ser este o trecho chave de toda a obra, a tranca e a abertura da fechadura do mundo criado e criativo desta literatura. Aqui encontramos, a meu ver, a passagem, o convite, a imagem poética, o sentido e o valor de toda esta história. Com o romance em mãos, abrimos o envelope, aceitamos participar da jornada, somos

apresentados: escritor – leitor – narrativa, e aos poucos, de oração em oração, vamos reconhecendo terreno. O contexto, as personagens, o enredo. Frente à página e suas sentenças, narrada a paisagem, desenhado o quadro no qual iremos imergir, Carola Saavedra nos pinta a letras a essência desta trama: as relações internas e externas – pessoais e interpessoais – que se darão; que tipo de caminho iremos percorrer – sensível, profundo, arduo, as características da viagem e da caminhada – a subjetividade e o destino da viagem/percurso: a individuação. O amor como alicerce da vida, o registro como sustentação da memória, a troca como fundamento das experiências afetivas vividas, o corpo como base sólida da existência e potência de todos estes elementos ativos, ferramentas da construção de nossa subjetividade, de indivíduos que somos, construtores e viajantes. Dinamicamente mutantes no tempo e no espaço.

Marcos percebe “que ansiara o dia inteiro por este instante, quando a porta se fechasse e ele finalmente estivesse sozinho em casa. Enfim o tempo, o espaço necessário. A carta.” (SAAVEDRA, 2008, p. 38). Enfim o poder estar só, consigo mesmo, com seus sentimentos conectados à carta. “E, durante a leitura, era como se o mundo estivesse em suspenso, antes de ser criado, durante a leitura tudo ainda era possível, a leitura era o instante que ainda não chegara.” (SAAVEDRA, 2008, p. 161). O permitir-se viajar para dentro de si, deslocar-se no tempo e no espaço, transitar entre o real e penetrar no subjetivo, mesmo que através da escrita de outro, porém em sua própria leitura. “E, se fosse possível, um texto que não só explicasse as palavras, mas também guiasse a tua leitura. Ali, onde havia palavras simples, banais, lia algo extremamente belo, algo inesperado [...]” (SAAVEDRA, 2008, p.76). Marcos, a partir da carta, transporta-se para o seu mundo interno, experimenta um terremoto de sensações, deixando-se levar por emoções, fazendo dessa experiência epistolar uma vivência ao mesmo tempo simbólica e concreta, mas, antes de mais nada e acima de tudo, sua.

Quanto ao importante aspecto do deslocamento presente na viagem, encontrei também em Elena Palmero González (2012) o suporte teórico para a metáfora que proponho neste trabalho. Para a autora, a noção de deslocamento é fundamental e, embora ela desenvolva a ideia de deslocalização e realocação no campo da identidade social e cultural, penso ser possível entender que as personagens A. (que escreve) e Marcos (que a lê), justamente, se deslocam e se relocalizam a partir das

epístolas. Suas identidades e personalidades estão imersas nesse oceano narrativo epistolar. Ambos personagens, aceitando, entregando-se a essa viagem subjetiva e metafórica, embarcam em uma troca invisível porém potente, de muita força e capaz de profundas transformações: enquanto A. narra todo o acontecimento de sua separação – os últimos dias de convivência e a noite em que seu ex sai de casa –, Marcos sente-se absolutamente tocado por esta persona remetente e tem sua vida revirada a partir destas narrativas em formato missivo. A partir desta compreensão, a metáfora de viagem interior diz respeito ao perder-nos e encontrarmo-nos com o nosso “outro”, o viajante, na fluidez das palavras da obra, no flunar pela história e vida das personagens. As personagens, no processo de escrever-ler/viajar estão “deixando-se levar” ao local escolhido como destino da viagem, qual seja, o conhecimento de si mesmo, o conhecimento de sua identidade. Mais uma vez, estão entrelaçados corpo, memória e escrita. Diz A: “e eu que me perdia e me reencontrava, em você, como agora, como se tudo em mim fosse água, fosse céu. [...] o meu nome, o teu querer, e eu me agitava e me desfazia,” (SAAVEDRA, 2008, p.11).

Winnicott defendia que o ser humano necessita constituir a própria subjetividade a partir da externalização do mundo, mas salienta que essa realidade deve ser compartilhada para que de fato se estabeleça (PARENTE, [2004?], p. 25). Novamente a questão da ponte que se estabelece entre os mundos interno e externo, do eu e do outro. “[...] o último dia, a última noite, é um instante que se repete, a cada espera, a cada volta [...] Eu acredito que, ao te chamar [...] você se vire e olhe, e, sem perceber, estenda entre nós um atalho, uma ponte” (SAAVEDRA, 2008, p.7). Na troca comunicativa e expressiva entre pessoas, a existência e a possibilidade em um espaço transicional, transformador de subjetividade. Ainda no mesmo artigo e na mesma página da revista que tem como tema as teorias winnicottianas, temos: “Toda e qualquer função psíquica só se desenvolve na presença do outro, o que aponta para a importância do sentimento de continuidade do ser que permite o acesso a várias dimensões do ser devido a sustentações” externas (PARENTE, [2004?], p. 25). Isto é a constituição do ser, é autodescoberta para o sentimento de existir, a subjetividade está atrelada ao cuidado de si à medida da percepção de que, inseridos no mundo, na realidade externa, lidamos constantemente com outros; estes que serão ameaça ou afeição neste processo construtivo. “Eu tinha tirado tudo de cima daquela mesa para você, e eu teria arrumado a casa inteira para você, a minha casa [...] qualquer

coisa que você quisesse, e até a mim, até a mim eu teria reinventado” (SAAVEDRA, 2008, p.96). Aqui podemos captar a metáfora da casa como o corpo da personagem, sua mente até, sua inteligência e suas emoções acomodando-se conforme aquele outro que ela quer que habite o seu interior. Mas claro o outro não é ela, “apesar de todo esforço, algo que me revelava e me traía” (SAAVEDRA, 2008, p.97).

Surpreendente é a constatação de nossa força interna potente, que grita, e arrebatada nossa própria traição de “facilitarmos” a exteriorização de algo que deve ser vivido internamente. O não-eu presente é elemento que pode de fato ameaçar nosso desenvolvimento, sufocando-nos, distraíndo-nos de nossa verdadeira capacidade potencial evolutiva de subjetividade. Por isso a importância incomensuravelmente dos espaços, o espaço potencial, o espaço transicional, o espaço criativo. Espaços fundamentais e imprescindíveis para nossa transitoriedade, para a diferenciação das individualizações. Marcos, de maneira igualmente atilada, nos conta: “a sensação de que algo acontecia, algo mais, [...] algo que continuava acontecendo até agora.” (SAAVEDRA, 2008, p.142) O gerúndio e a transição de Winnicott, a individualização de Jung: “E pouco a pouco o corpo foi se esgotando, até que perdeu finalmente as forças, parou, olhou em volta e já não reconheceu o lugar onde estava, olhou para si e não sabia mais quem era, ele, ali, apenas um homem no meio da noite, no meio da rua” (SAAVEDRA, 2008, p.142). Marcos também vive o esvaziamento de si, perdendo-se para encontrar-se, tendo como bússola si mesmo perdido em um oceano revolto e tempestuoso. Como bilhete de passagem as cartas de uma desconhecida que sabe o sabor de seu caldo, de seu afogamento, de sua revolta. Transcrevo o trecho da força potente vital dessa viagem subjetiva:

então, o que mais queria era dizer algo, qualquer coisa, mesmo que fosse para pedir ajuda ou apenas para ouvir a própria voz, mesmo que uma voz primitiva, gutural, mesmo que uma primeira voz que sai e cujo tom ainda não se sabe, a qual não se controla, mesmo que uma voz inesperada, mas a própria voz que não saía, desaparecera, em algum lugar na garganta. (SAAVEDRA, 2008, p.143)

Podemos constatar, através da angústia e experiência sentida e narrada de ambos os personagens, a insistência impregnada e intrínseca de um reconhecimento interior, de uma constituição de suas subjetividades, na fuga em realidades e ambientes externos, na exteriorização desse processo em justificativas e sensações

no lado de fora; a distância no espaço transicional, a aproximação na cumplicidade da experiência humana: “A distância deveria imediatamente impor um tom mais solene, ou menos íntimo, afinal há distância” (SAAVEDRA, 2008, p.8). No lado de dentro, nas cartas e por meio dessa convivência epistolar metafórica a ferramenta importante “para estabelecer entre nós um elo, um elo impossível, que eu só estabeleço porque estou aqui, por que há essa distância entre o que eu escrevo e o que você lê” (SAAVEDRA, 2008, p.31). Uma diluição do tempo e do espaço, no encontro em outra dimensão possível, criadora e criativa: produzida e realizada pela personagem feminina que existe, e aceita e formulada pelo personagem masculino que vive. A diluição de extremos, em uma apreensão e compreensão fazendo-os evoluir (e nós junto a eles participando através da viagem literária).

Pergunta A.: “Será que você me leu? [...], o que terá acontecido? Será que você me ouviu? Será que você compreendeu, até o mais inesperado, será que você compreendeu? Será que nos aproximou?” (SAAVEDRA, 2008, p.25). Nas questões colocadas pela personagem, penso que está suposto, ainda, um convite de deslocamento ao leitor. Carola Saavedra ilustra tal entendimento de deslocamento das personagens e também do leitor. Quando aceitamos e adentramos o processo de transformação redigido nas missivas, deslocando-nos na escrita e na leitura das personagens desde suas diferentes perspectivas, desde o nosso lugar de leitor, desde o espaço transicional e vigoroso nosso; somos partícipes, e também nos podemos permitir esse viajar literário, como se desaparecêramos, ou nos diluíssemos em uma jornada para nosso interior.

Alguns trechos das cartas sugerem que a personagem A., em certo momento, explora o amor e a genética do corpo, de que existe algo dentro de nosso corpo: “que vive e que pulsa e que escorre [...] uma vida independente dentro do corpo, uma vida secreta, como um corpo estranho.” (SAAVEDRA, 2008, p.58); de que nosso corpo é constituído de células, de fluidos e tecidos ao mesmo tempo que esconde algo de dogmática e enredada decifração. “Há algo de misterioso dentro do corpo, você não acha? E a violência, a violência nada mais é do que aproximar-se desse mistério, deste conteúdo inimaginável” (SAAVEDRA, 2008, p.58). Refletindo sobre este trecho podemos ver novamente corpo e mente trabalhando juntos, de maneira intensa, violenta. Sentir o corpo é viver algo implacável, quase indecifrável, quase impenetrável, algo que nos exige tomar desvios, penetrar outros acessos, desde outra

perspectiva, desde uma outra superfície, a criativa e a capaz de simbolização. O corpo decodificado e traduzido em palavras e testemunhado por elas. O processo de transformação, de individuação, a experiência corpórea, intelectual, sensitiva e emocionante é uma renovação a cada experiência, exige movimento, exige tempo, é necessário dar tempo ao tempo: “todo aquele tempo que se estendia e nos afastava, e rapidamente te transformava em algo distante e desconhecido.” (SAAVEDRA, 2008, p.128). A distância e o tempo novamente surgem, na sensação do corpo que vive essa dimensão e esses intervalos. O tempo que se estende, a distância que se realoca, os corpos deslocando-se em um espaço experimentado do mistério da mente. Mistérios sentidos por meio do corpo e resguardados em diálogos por meio de papéis de carta, “Te digo que foi antes, mas pode ter sido antes, qualquer outro dia depois da tua ausência, [...] Te digo isso quase em segredo,” (SAAVEDRA, 2008, p.27). As confissões e as experiências de ambas as personagens – de A. e Marcos –, a experiência de separação conjugal de cada um deles, e o afastamento aéreo entre eles. Outro deslocamento corporal, testemunho da viagem subjetiva de A., pode ser lido neste trecho:

O corpo que se abre, o corpo escancarado e a dor que acompanha. Virá o mistério acompanhado da dor? A dor física que infligimos ao outro, da mais sutil à mais insuportável, será a dor física uma forma de espanto? Uma forma de estar vivo, uma forma de prazer? Uma forma profunda de amor? O amor de quem entrega o corpo às maiores violências, às maiores atrocidades, de quem o deita aberto, suave, dócil sobre qualquer superfície, sobre uma mesa de cirurgia, sobre uma cama, sobre um altar. (SAAVEDRA, 2008, p.59)

Neste trecho explora-se o corpo, não a carne, mas a alma que habita este templo humano. O corpo e as violências descritas por A. são, de fato, situações muito mais de ordem social cultural do que momentos relacionados a algia, como por exemplo a picada de uma abelha africana, ou uma dor de dente. As violências das quais nos fala a personagem, sentidas no corpo, são em verdade pesares da mente, miserabilidades do ânima. Condoimentos sociais, desprazeres e penas humanas, consternações e abnegações culturais, incômodos desgostosos e aos quais nossa matéria é exposta ou subjugada, submetida pelo contexto social, pela situação civilizatória, em determinado tempo ou época, e que se mantêm e se repetem através da história. “As pessoas quando perdem o medo são assim, incisivas e ao mesmo tempo doces.” (SAAVEDRA, 2008, p.88) é uma afirmativa deveras intrigante se

pensarmos que precisamos desvelar o sofrimento com doçura; somente enfrentando medos é que enaltecemos a coragem. Pode-se exprimir aqui o significado da individuação também como consciência social, no forjamento de caracteres frágeis porém resistentes, na constituição de uma sociedade igualmente mutante em seus valores e leis.

O cidadão Marcos é descrito como alguém que não é “nem dinâmico nem bem relacionado” (SAAVEDRA, 2008, p.37). Porém extremamente valente. Contudo, a autora delimita um retrato deleitoso de seu deslocamento corajoso: “havia algo especial que ele procurava, sim, algo que estava acontecendo ali, tão perto, ali, na sua própria vida talvez.” (SAAVEDRA, 2008, p.124). Levamos dentro a força desbravadora e aventureira do arquétipo viajante, mas quiçá isso não baste. Porventura fragilizarmo-nos seja a atitude mais sensata: “aos poucos estava criando coragem. Mas coragem pra quê? para o que estava por vir? [...] E tinha medo, medo de descobrir que era ele, algo que ele escondia.” (SAAVEDRA, 2008, p.124). Marcos vaga pela cidade, flana pelas paisagens, passeia por entre carros e pessoas, exercitando o seu olhar, estirando possibilidades, revigorando corpo e mente: “E os pensamentos pareciam-lhe estranhos, já fazia alguns dias que os pensamentos lhe pareciam estranhos, como se fossem seus e, ao mesmo tempo, tivessem sido seus desde sempre, pensou, cada vez mais surpreso” (SAAVEDRA, 2008, p.125). Um amadurecimento em que “talvez ainda houvesse espaço para outros” (SAAVEDRA, 2008, p.172) no sentido de compartilhamento, já que Marcos transita no espaço coletivo e público à mercê de sua experiência moral e ética.

Segundo Assmann a história é um passado recordado, uma consciência que se mantém viva ou é revivificada no tempo. Diz-nos a autora: “a história tornou-se força mobilizadora, uma diluição do passado e origem – deu lugar à questão da identidade” (2011, p.69). Ligando a história da sociedade humana com a história individual, afirma:

O ser humano orientado por seus interesses em agir jamais dispõe por completo da soma das lembranças. O acervo de sua recordação só fica acessível em partes; e isso perfaz a limitação fundamental, mas também a versatilidade e capacidade de aprender dos seres humanos. (ASSMANN, 2011, p. 71)

Assim, entendo que a história a que se refere Assmann pode ser tanto a história da sociedade como a do próprio indivíduo, pois que o “ser” e o “somos” encontram-se

diluídos, inseparáveis, um constitui o outro em suas particulares identidades. Nós somos também o nosso entorno.

Luiz Barros Montez, sobre o refletir acerca de nós mesmos a partir de um acontecimento, escreve: “... esta reflexão só tem sentido sob a premissa antropológica fundamental que conceitua o homem como um ser aberto à mudança, à troca, à transformação permanente de suas condições...” (2012, p.7). E é o que também nos ilustra a obra literária através da personagem Marcos, de que algo o impulsiona, o acende na leitura da segunda carta: “Dessa vez abra o envelope imediatamente, sem a relutância do dia anterior, abra ainda no elevador. Algo o impulsionava, impaciência, curiosidade [...] O envelope aberto sem muito cuidado, aberto numa espécie de ânsia.” (SAAVEDRA, 2008, p.38). O personagem nos mostra aqui a importância do desejo, da abertura, do permitir-se a viagem que, como já mencionado no início deste trabalho, é o primeiro e essencial passo para o deslocamento de si, o fundamento para a transformação a caminho do desenvolvimento pessoal. “Porque fazemos o que desejamos, porque desejamos o que fazemos!”, escreve Comte Sponville (2012, p.48). É a potência do desejo como fonte principal de nossa própria descoberta. E é também o que nos mostra A. “Escrevo para que você me leia” (SAAVEDRA, 2008, p.42). Isto é, o escritor escreve com este intuito, este desejo, o de comunicar-se, de registrar sua transformação afetando um outro. E se, alguma vez, a dúvida de por que escrever surgir, A. nos esclarece: “Eu te respondo que não sei, mas talvez a necessidade de recuperar alguma coisa, algo irrecuperável, que outra razão poderia haver?” (SAAVEDRA, 2008, p.8).

Neste sentido, Eduardo Galeano (apud BRITO, 2007) brinda-nos com a seguinte confissão:

A gente escreve a partir da necessidade de comunicação e de comunhão com os demais, para denunciar o que dói e compartilhar o que dá alegria. A gente escreve contra a própria solidão e a dos outros. A gente supõe que a literatura transmite conhecimento e atua sobre a linguagem e a conduta de quem a recebe; que ajuda a nos conhecermos para nos salvarmos juntos... (2007, p.76)

A escrita como salvação, como cura? É provável que a comunicação e a memória sejam de fato atos de recuperação, de restabelecimento. De apaziguamento do pensamento que insiste em lembrar, do passado que insiste em fazer-se presente:

“Talvez tudo seja irrecuperável, tudo, não o passado, o que se perde na memória, mas o presente, o agora que parece tão vivo, tão exato” (SAAVEDRA, 2008, p.8). No encontro do que já foi com o que é neste momento, aqui reside o amadurecimento. E neste confronto do corpo com o tempo, a exigência da tolerância da realidade no agora, de enfrentarmos no que nos transformamos desde aquele então lembrado instante ou sentimento, concretizados aqui, no texto, ou no espelho, na linguagem do encontro com alguém – um outro sujeito – ou em algo – em um similar objeto. O aceite e o peregrinar apesar das mudanças do tempo, da história que passou e que permanece viva no mapa da nossa memória e, quem sabe, em alguma marca de nosso corpo: “A nossa geografia imaginária. O teu corpo junto ao meu. A força da tua existência” (SAAVEDRA, 2008, p.11), escreve A. ao indagar sobre como o presente é tão disperso e distante, mesmo que de uma lembrança recente. Ela insiste em um resgate: “lembranças, o resgate de algo nosso, algo que volta a existir, ou será que sou apenas eu, eu tudo, o desejo, a escrita, a leitura” (SAAVEDRA, 2008, p.26).

O desejar, o permitir-se pode apresentar-se nas mais diversas formas. Marcos passa pela seguinte situação: “Mudara-se não fazia um mês e ainda não conhecia bem o comércio do bairro, mas lembrou-se da locadora ali perto que vira outro dia, quando se desviara do roteiro habitual...” (SAAVEDRA, 2008, p. 51). Isto é, não basta estar em um processo de mudança, é essencial que a mudança siga em pequenos detalhes, no dia a dia, potencializando uma transformação ainda mais profunda; um passo de cada vez e um depois do outro; permitir-se e dar continuidade à permissão, essa é a magia da viagem: deixar-se levar por um deslocamento constante, deixando-se viajar como um processo dinâmico, vivo e perene. Fato mostrado na obra é que, muitas vezes, este permitir-se mudar é algo tão intrínseco ao ser, tão inerente ao homem que a vida mesma se encarrega de que soframos tais mudanças: “As coisas aconteciam sem que ele tivesse o menor controle, pensou”. E ainda: “Os últimos anos tinham sido assim, um desdobramento de fatos à sua revelia” (SAAVEDRA, 2008, p. 53). A subjetividade mutante está além de nosso controle em prol de nosso desenvolvimento: “Acordara pela manhã pensando nisso, e sentia que algo havia mudado, sem que ele percebesse, e sentia-se alegre” (SAAVEDRA, 2008, p.53). A mudança é uma turbulência de sensações: “[...] tudo se tornara urgente, então. Um temor de que as coisas pudessem fugir ao controle mais uma vez [...] em silêncio, percebia que, pela primeira vez em muito tempo, algo realmente o atingia, o

alcançava.” (SAAVEDRA, 2008, p.55). O câmbio não se dá quando escolhemos o caminho, quando optamos por tomar certa atitude ou seguir tal pensamento ou intuição – a instintividade provocando a razão –, fato é que mudamos no depois e logo após, no passo seguinte à decisão, enquanto (inter)agimos, ou quando realizamos o pensamento e vemos concretizar-se aquilo que intuímos. Pôr a marcha não provoca alteração, é o seguir e a velocidade em conjunto, essa é a fórmula do progredir, a própria formulação do processo e não o seu resultado que provoca a efetiva mudança. “Ele que se transformava, algo nele se transformava, e surgia, outra imagem. O seu rosto” (SAAVEDRA, 2008, p.155). Crescer é confuso, sofrido, árduo e inevitável.

Nossa missão em uma jornada rumo à individuação encontra-se na exploração e na aventura por uma tomada de consciência, em verdade, sequer precisamos sair do lugar para tal deslocamento: “Eu apenas fechei os olhos e fiquei aqui” (SAAVEDRA, 2008, p.31). Na formação de um ser real, o indivíduo “Somente pode responder com o que é e sua coragem de ser. [...] o indivíduo portador de espírito criativo e do sentido de individuação” (FRANZ, 1984, p. 14). Completo a citação:

O processo de individuação, *per definitionem*, é algo que só pode ocorrer *num* só ser humano e que sempre tem uma forma única. No entanto, a despeito de constituir evento único, num único ser humano, existem certos aspectos típicos coincidentes que se repetem e se assemelham em todo processo de individuação. (FRANZ, 1984, p. 273).

No deslocar de nossa subjetividade em busca de autoconhecimento, não adiantam as normas e as regras e as leis, as sinalizações ou as advertências. Não são as placas de “siga”, “curva sinuosa”, “na dúvida não ultrapasse”, “área protegida”, “dê a preferência”, “sentido proibido”, “parada obrigatória”, “pista escorregadia”, “rua sem saída”, “pista dividida”; as indicações de uma identificação garantida, de uma lapidação de sucesso. Renovar, ressignificar são sinônimos de amadurecimento, e nada disso pode ser apontado ou regulamentado. Diz Von Franz, ao trazer os pensamentos de Jung, que a individuação não é um estado, mas um processo que se vai aprofundando e que sempre pode ser aprofundado e completado. Ela afirma que renovar é a atitude de amadurecimento, no sentido de extrair significados de maneira moral e ética de nossas ações, pensamentos, sensações e sentimentos. É a ânsia que nos projeta e incita a viajar, ação que é “antes de mais nada, assumir a sua própria condição humana tal qual se apresenta, e vivê-la com todas as suas implicações e

riquezas,” (FRANZ, 1984, p. 15). Nós mesmos é que somos nosso centro, e ao mesmo tempo, também nosso próprio objetivo e a própria vida sendo subjetividade. “Eu achava que algo ia acontecer. Eu sempre achava que algo ia acontecer. Muitas vezes eu me enganava e o dia passava incólume, outras vezes as coisas mais espantosas. Mas a imaginação sempre fica aquém da realidade” (SAAVEDRA, 2008, p.93). Saavedra traz, inserida no tempo da subjetividade, na objetividade diária, a questão da imaginação, questão que Jung, em sua obra, dizia ser essencial para a vida humana. Afirmou ele que deixar-nos levar pelo imaginário faz parte dessa construção interna. Entendo que a imaginação mora e se forma naquele espaço transicional teorizado por Winnicott, entre a realidade externa e a internalidade, permitindo o diálogo de nossas indagações e imagens mentais (ilusórias) com nossa ética, e nossa moral reais. Espaço de comunicação criativa no confronto de nossas ações e emoções. E a escrita é externalização que se realiza com o fim de corporificar, consubstanciando, tornando visível e palpável toda essa transformação, esse processo; vitalizando esse deslocamento temporal numa existência espacial: “quem sabe, algum dia, um deslize, um descuido, um movimento impensado, e esta carta que se abre e todo o mundo dentro dela que se abre. Te dizendo a todo instante: Lembra?” (SAAVEDRA, 2008, p.26).

Penso que, na passagem do texto de Saavedra, a autora nos mostra a importância da mudança e do imprevisível no percurso em direção à nossa individuação:

Como todos nós, a nossa vida e o desenrolar da nossa vida, o tédio do cotidiano e das coisas óbvias do cotidiano, acordar, dormir, trabalhar, comer, amar, ouvir, perdoar, fazer compras, sempre em segurança, sempre tudo tão suave e lento e triste, a vida que tão fragilmente construímos, a vida comum, a vida passível de ser vivida, mas junto com isso sempre uma sombra, esse desequilíbrio, essa possibilidade. O caos está sempre à nossa espreita, a qualquer instante, porque somos nós que o carregamos, sempre à espera, a esperança secreta de que algo finalmente aconteça e nos impulsione, em direção a quê?, ao que ansiávamos, ao que temíamos, o que nunca tivemos coragem de pronunciar. (SAAVEDRA, 2008, p.61)

Aqui a escritora A. simplesmente lança voo, decola. Ao nos dizer que corpo e mente são inseparáveis em nossa subjetividade, “comer, amar, ouvir, perdoar”, atuamos, sentimos; somos reflexo de nossos atos, em nossas ações e em nosso

carácter está carimbada nossa subjetividade; o que fazemos e como reagimos ao lidar com outros, ao conviver, ao existir, ao narrar, ao escrever. A partir dessa ilustração faço uma ponte com a voz narrativa e cito novamente Montez: "... trata-se de saber em que medida eles (*os textos históricos ou ficcionais*) estabelecem homologias com a história no interior da qual foram produzidas como práticas discursivas específicas" (2012, p. 7). Entendo, aqui, que a produção textual fala de uma voz discursiva surgida a partir de um intersubjetivo e desde um mnemônico e essa voz é consequência, é resultado de nosso processo em constructo. Somos nós que damos sentido às coisas, no diálogo que se dá entre o mundo externo e nosso universo interior; somos os responsáveis pela inteligibilidade das coisas que presenciamos e sentimos. Para tanto, trago mais uma vez as ideias de Winnicott, e a afirmação de que o entorno dá sentido à existência da relação entre o eu e o mundo (FORLENZA, [2004?], p.21). E somos nós que damos sentido à leitura – seja ela física ou emocional, somos nós que aportamos valor à experiência da troca. Retomando a obra ficcional e sua personagem de sentimentos tão reais, exemplifico o aqui analisado: "É. Eu sou assim, só existe o que sou capaz de perceber" (SAAVEDRA, 2008, p.10). A. fala das reticências da vida, de tudo que existe e depende de nosso olhar significativo e complementar para que aquilo também exista – um objeto, um sentimento; das reticências de coisas que poderiam significar alguma coisa, de que tudo que experimentamos segue depois de nós, resignificando-se em outro alguém em outro lugar "há coisas que demoram em começar a existir." (SAAVEDRA, 2008, p.10). A personagem igualmente expressa preciosamente a questão do diálogo necessário, dessa voz interior do homem e sua leitura de mundo possível: "Talvez você não queira toda essa revelação, toda essa intimidade. Esse excesso de palavras" (SAAVEDRA, 2008, p.12). A revelação de uma intimidade e as palavras como metáfora dos acontecimentos em nossas vidas é inevitável. Muito do que experimentamos, pode ser que não entendamos, ou que o mal interpretemos, ou ainda que capturemos uma vivência, uma leitura, um experimento, uma referência, um desejo ou uma ansiedade de maneira que, a princípio, parece não importar, mas que afetará profundamente a nossa memória, o nosso corpo, a nossa identidade. Ou, até, justamente o contrário; há vezes em que damos muita importância a algo – um sentimento ou um momento – que não nos afeta mais do que superficialmente. Algo circunstancial e passageiro.

Na transcrição abaixo a escritora nos mostra o quanto não chegamos a entender totalmente tudo aquilo que experimentamos:

Será que há realmente algo importante a dizer?, você deve estar se perguntando. Uma revelação, um segredo? Eu te respondo que sim, que há coisas que você não sabe, sempre há coisas que a gente não sabe, por mais transparente que o outro seja. Por mais dócil, há sempre algo inesperado, algo que talvez te surpreenda e te faça sorrir ou sofrer. (SAAVEDRA, 2008, p.27)

A personagem A. traz a questão "... será que a gente percebe quando as coisas acontecem?" (SAAVEDRA, 2008, p.95). Escrevendo e lembrando, ela nos brinda com a seguinte perspectiva: "Ou será que elas só acontecem depois? Horas, dias, anos depois, quando pensamos sobre elas, quando as sentimos, quando as narramos. Ou estão elas eternamente num outro instante?" (SAAVEDRA, 2008, p.95). O tempo e o espaço também aparecem na escrita da autora: "Um instante inalcançável. Porque elas acontecem agora, novamente, à medida que escrevo, e sinto novamente a mesma angústia, o mesmo medo..." (SAAVEDRA, 2008, p.95). O passado tomando corpo através da escrita presente, nosso corpo a recordar e a textualizar as experiências anteriores em um ato vivo e no agora. Vejo nestas questões o tempo/espaço do calendário a mover-se no deslocamento da viagem interna, aqui a morada da memória é revisitada pela possibilidade de um novo traçar, um novo olhar reanimado pela escrita, pela criatividade dando sentido e ressignificando algo em outro momento, através da forma, de uma outra forma. Um novo plano de viagem e um distinto deslocamento ocorre na nossa viagem para o interior de nós mesmos. Cito Sonia Parente, que nos brinda com o pensamento do pediatra inglês Winnicott: "É o colorido dado pela maneira pessoal de apreender a realidade externa, devido ao processo de apercepção criativa, que organizará, até mesmo a capacidade de perceber o que será, posteriormente, a externalidade do mundo" (PARENTE, [2004?], p. 24). Winnicott fundou suas bases de pensamento no ato de criar, a partir de um espaço potencial; pois tanto a realidade quanto a subjetividade são frutos da compreensão individual, impregnada do social histórico cultural. O psicanalista defendia que a inteligência psíquica e artística andam pé com pé, na capacidade de formar símbolos, no como a realidade da experiência é sentida e a representação acontece. É o sentido e o significado de realidade da experiência que a tornam importante para o indivíduo. Então é na constituição de nossa subjetividade, do

desenvolver do Eu mundo interno interagindo com o Não-eu mundo externo, nas relações dos espaços destas convivências – com suas ausências e vivências –, que reconhecemos nossas capacidades e fazemos funcionar nossas habilidades em prol do autoconhecimento e no porvir de nossa contínua evolução perceptiva e produtiva. A. joga-se, expressa nas letras um acontecimento passado, trazendo-o para um presente pulsante, numa continuidade expressiva e criadora; na escrita ela se reinventa, se desfaz e reconstrói, cresce e existe. A tessitura epistolar é a garantia de seu crescimento, de sua existência, de sua individuação.

Andrea Giuseppe Lombardi escreve que a principal função do texto – no caso, uma epístola – é garantir sua própria continuidade, sua história, sua função; defende que o texto não é um instrumento neutro, mas que

Existe uma continuidade da história que percorre a escrita, por meio de sua etimologia, de sua aura, de seu estilo. A relação que estabelecemos com o mundo, e que é determinada pela linguagem, realiza-se por meio da escrita, e, portanto, é na escrita que teremos que buscar os instrumentos de compreensão, pinçar elementos de análise, coletar instrumentos de leitura “do mundo”, ou melhor: das representações do mundo. (LOMBARDI, 2012, p. 45)

Completando a explanação de Lombardi, entendo que a escrita é uma forma de narrar nossas experiências, caracterizada por nosso caráter identitário em nosso estilo narrativo e interpretativo, informando ao mundo nosso entendimento, nosso conhecimento, nossa perspectiva, nosso testemunho como viajantes no percurso da vida. Quem escreve, escreve para ser lido, e quem lê, é leitor e ao mesmo tempo escritor de sua própria narrativa histórica. Isto é, a escrita informa e é referência formadora para uns, ao mesmo tempo que a leitura é tessitura da subjetividade de outros. Escrever como ato de transformação, de registro de algo que une o mundo inter-relacional do qual somos constituídos com o mundo externo no qual vivemos. “Ao tomar corpo as palavras encadeadas e as fibras imperceptíveis do papel, que perigo poderia haver?” (SAAVEDRA, 2008, p.11). O perigo de nos conectarmos a nós mesmos e nos entendermos, e de sermos plenos na busca de nosso “inteiro”? É perigoso sermos tão responsáveis por nós mesmos. “E, como sou eu que escrevo, sou eu que escolho e te digo como foi, e foi assim” (p. 12). A coragem de tomarmos nossa própria vida em nossas mãos e escrevermos nossa história a próprio punho.

Sobre o escrever e o tempo, trago aqui em meu objeto de estudo mais um trecho de Saavedra: “O tempo que se interpõe entre as palavras e suas voltas e seus retornos. Entre esta e a primeira carta há todo um desencadear de fatos e consequências e lembranças, entre esta e a primeira leitura, todo um desencadear preenchendo...” (SAAVEDRA, 2008, p.92). A personagem engrena em um processo, na fabricação de sua subjetividade a partir da distância entre presente e passado, registrando todas as emoções sentidas na tessitura da carta: “as letras, as palavras que eu escolho, o encadeamento das palavras, o encadeamento que sempre é outro, calcado pelo tempo, por este constante envelhecer” (SAAVEDRA, 2008, p. 9). A personagem A. joga com sua própria vivência enquanto escreve, em um tempo espiral, revivendo uma experiência externa em sua internalidade. “Como ultrapassar essa distância que nos separa? Esse intervalo entre o que eu digo e o que você lê, esse momento que nunca chega, que nunca é” (SAAVEDRA, 2008, p. 9). Aqui conferimos o lembrar, o registro de uma experiência, a memória irregular. A vivência de uma separação encerra questões referentes ao existir no tempo. “...no momento em que as coisas acontecem, as coisas nunca assumem a importância que deveriam ter. Só depois, quando o tempo passou e a vida passou e tudo passou” (SAAVEDRA, 2008, p.48). O coroamento das vivências se dá à medida que as experimentamos e as internalizamos; no momento, o fato; na lembrança, o afeto; somos afetados com o passar do tempo, ao lembrar: “...na memória junto àquele gesto, àquele amor, lembra?” (SAAVEDRA, 2008, p.60). Contudo, a viagem interna não obedece a um roteiro pré-determinado, escolhido, pensado e sabido; quando damos a partida e arremetemos, não levamos dentro um guia turístico, um catálogo organizado em ordem alfabética ou por ordem de importância, não temos identificados os principais e mais interessantes pontos de visita com um simples clique no emaranhado guia de ruas, cidades, estados e países, (des)atualizado GPS baixado no aparelho móvel. O que nos mobiliza e nos faz voar, aquilo que nos faz passageiro que segue e permanece flanando são as emoções, as marcas, os *insights*. O que nos conduz não é uma lanterna ou uma bússola, mas sim um plasma interno, uma chama mental que acende a memória e faz chispar as lembranças. Somos primordialmente viajantes em busca de recordações. Recordar é lembrar com o coração. Contudo se lembrar é recordar, lembrar é também esquecer. Isto é, para termos a memória de algo, antes é

preciso que esqueçamos o ocorrido para então reavivá-lo. Recordar o passado como lembrança no presente.

Mas se a memória depende da capacidade de nossos sentidos, poderemos confiar em nossa memória? Nossas lembranças são confiáveis? “As lembranças se confundiam em sua memória” (SAAVEDRA, 2008, p.52), diz a narrativa. As recordações ludibriam nossa memória. Lembramos o que queremos lembrar, construímos essa recordação individual e intransferível, pois nossa memória é parte de nossa identidade. A memória como processo “porque me lembrava disso agora, pensava, lembrava pela metade, sempre algo que faltava, e a memória somente uma pergunta que insistia” (SAAVEDRA, 2008, p.145). A. levanta a intriga, insiste no questionamento, e dá-nos uma resposta e nos ilumina a inquietação:

Então é isso, você sabe do que eu estou falando, mesmo que eu não o diga, mesmo que eu não chegue realmente a falar, e fique apenas a música e os contornos da música, e eu te perguntando a cada instante, lembra? Mesmo que apenas eu pergunte e apenas eu responda, e somente a minha voz lembro, lembro, um sorriso e a certeza de quem está resgatando algo. (SAAVEDRA, 2008, p. 60)

Retomando Onfray, resgato neste trecho a questão do objetivo da viagem: “A destinação de uma viagem não cessa de coincidir com o núcleo do ser e da identidade, impossível de romper” (2009, p.79). Acredito que nossa procura ao viajar existe e envolve também o retornar, visamos o retorno em algum momento, ou seja, metaforicamente, objetivamos afinal o encontro com nós mesmos; na memória, na lembrança, na escrita “se ocultam inacreditáveis variações sobre o tema da subjetividade” (ONFRAY, 2009, p.79). E é preciso coragem para embarcar nesta empreitada, “... a coragem, era preciso coragem para permitir que a memória surgisse e se instalasse” (SAAVEDRA, 2008, p.144). A coragem de desejar, de sair a rastreio, de permitir a possibilidade do registrar pensamentos e vivências em palavras, no deslocamento físico e emocional, numa viagem psíquica e transformadora que tem como destino nossa conexão com nós mesmos, afetando, quem sabe e possivelmente, outros. Escrever mostra a coragem para o registro e, simultaneamente, representa uma tentativa de eternizar-nos via palavras escritas. Ainda no início do romance lemos que A. sente-se “levada por uma força incompreensível” (SAAVEDRA, 2008, p. 14), enquanto nós adentramos pé por pé sua narrativa, curiosos e corajosos pelas declarações que percorreremos nesta história de

ruptura, salvação, amor e falta: “[...] como eu poderia ter dito algo sem dizer? Como eu poderia ter revelado qualquer coisa? E haveria realmente algo a revelar?” (SAAVEDRA, 2008, p. 14).

O que nos mostra a personagem é o longo e complexo percurso do encontro de sua subjetividade e a externalização de um relacionamento rompido, findo. Em sua arte de escrever, nos conduz a essa viagem individualizante. Uma memória como espaço potente de revitalização e amadurecimento, um espaço usufruído para comunicação. Winnicott, segundo Parente, declarava que no processo de transição, quando imersos nesta transitoriedade subjetiva em desenvolvimento, o objeto no qual depositamos nosso processo – uma viagem ou uma carta por exemplo, são espaços transicionais que devem ser explorados ao máximo, segundo nossa capacidade psíquica e habilidades pessoais. É o uso que se faz do objeto – não o objeto em si – que nos transforma, nos transcende, e nos permite o crescimento. É no caminho, não no destino, onde adquirimos consciência e responsabilidades. É o uso que A. fez das folhas de papel e não a posse deles o importante para o alcance ininterrupto de sua individuação; é o mergulho na leitura, suas reflexões a partir das cartas, que fez de Marcos um homem cheio de ressignificações, não a existência das cartas postadas em uma caixa de correio.

A. termina sua primeira carta dizendo: “Lembro, e estou lembrando novamente agora. Apesar da espera, do tempo, do intervalo que nos separa. Há sempre uma palavra que nos une” (SAAVEDRA, 2008, p. 15). As palavras são também ponte, o espaço e o Fenômeno Transicional, representantes da memória e das lembranças. A viagem é como fonte de conhecimento, nascida do encorajamento primitivo da mudança. Na jornada há o deslocamento, as imagens e os sentidos processados na memória do indivíduo estão imbricados em sua alma, e são elas as essências de suas recordações, constituindo e desenvolvendo o humano ser. Viajar é uma multiplicidade de eventos, que conspiram para a construção subjetiva. Escreve Assmann: “A memória produz sentido, e o sentido estabiliza a memória. É sempre questão de construção, uma significação que se constrói posteriormente” (2011, p. 149). A escrita, posteriormente, une e estrutura uma unidade. Dando sequência às ideias de Assmann sobre a ideia de memória habitada, escreve ela que: “o indivíduo agrega lembranças e experiências e as situa em uma estrutura que define sua vida como autoimagem formativa, além de conferir-lhe orientação para agir” (ASSMANN, 2011, p.148). Agir e

registrar, como faz a personagem A., é formar a própria imagem a partir de sua escrita. Nossas experiências fazem parte da construção de nossa subjetividade, mas nossa identidade é forjada nas letras: “Então, mesmo que você jogue fora, uma após a outra [as cartas], haverá sempre o envelope fechado e a expectativa do envelope fechado e o seu próprio idioma.” (SAAVEDRA, 2008, p.26).

O envelope fechado é uma metáfora para o nosso isolamento, como provocação da ideia de que nos encarceramos em nosso cotidiano enrijecido, em nossos hábitos petrificados, em nossa couraça, que com o tempo faz-se carcaça: “em pouco tempo o tempo passa rapidamente” (SAAVEDRA, 2008, p. 106). Com o passar do tempo e nosso enrijecimento nos tornamos arquivos ilegíveis e inacessíveis. Assim, por mais que joguemos longe a possibilidade da troca, é sábia a natureza e forte e insistente a vida, que está sempre presenteando-nos com novas chances, novas possibilidades de abertura e resgate. Existe perene em nós a necessidade da troca, bem como a da mudança. Experimentamos a vida para descobrir-nos, para conhecer outros mundos, outras culturas, outros povos, outras pessoas. Visamos a nós mesmos, mas tão essencial é, para que possamos nos encontrar, o olhar do outro, um abraço, um aceno, uma saudação, uma afirmação de que somos nós, porque não somos outro. Existimos, nossa personalidade é distinta, pois que há variações: “... bastava existir para significar outra coisa. Uma pequena vingança, uma confiança, porque o outro, por mais dócil, por mais transparente, traz em si sempre algo inesperado...” (SAAVEDRA, 2008, p.29).

Escrever é uma afirmação pessoal, o corpo do texto é como o lugar do desenvolvimento de si; assim, entendo que redigir é viver duas vezes: quando se vive e quando se escreve. Ler é também uma assertiva, o corpo do texto é como o lugar de referência para nossa ressignificação; na nutrição abundante de si, somos e vivemos o valor somatório dos dois lados da leitura: de quando se lê – o ato, então – e quando da ressimbolização da vida na leitura – a individuação, portanto. Assim sendo, Marcos, por sua parte, elabora em sua mente, mobilizado pelo desejo, levado pela sensação de que conhece desde sempre essa pessoa chegada e fiel confidente que lhe escreve, e de que igualmente esta estranha mulher o conhece intimamente, uma nova potente formulação da existência, uma ressignificação existencial simbólica. Levado e orientando-se pelo ânima que o compõe, por ideias e espíritos graciosos e vívidos, o leitor Marcos cresce atravessado pelo relato da viagem metafórica de A., é

a viagem na leitura peregrina e transformadora caucionada no bilhete de passagem literário. Laçados, pela escrita e na leitura, forja-se um vínculo a quatro punhos, a dois partidos corações que se restauram no diálogo e no amor das folhas e das frases: “[...] recebera as cartas, [...] havia algo nelas, naquela entrega, naquela intimidade, que o atingia, mesmo que ele ainda não compreendesse.” (SAAVEDRA, 2008, p.104). Marcos sonha em um encontro com A. – o que faria, o que falaria? “Diria que havia algo nele que se transformava, ou que sempre estivera ali, diria que a compreendia, ele tão diferente, tão distante, ele, um estranho, a compreendia. Diria isso e muito mais, imaginou” (SAAVEDRA, 2008, p.104). Aqui, neste trecho, encontramos o relato de uma viagem subjetiva, o passo a passo desta esplêndida e magnânima trajetória pessoal: a ilusão do que poderia vir a ser real, a fantasia de um futuro do pretérito, o desejo de que se realizasse, o aceite e a abertura do recebimento das cartas, a entrega na escrita e a receptividade na leitura, a fala e a escuta, a distância, o desconhecido, o mistério e a imaginação – suas essências comunicativas; a entrega afetiva e o ímpeto ansioso da desenvoltura, mesmo que incompreensível, mesmo que impalpável, efetivamente comprovado na sensação de que algo ocorre, existe e é vivo, no sentido da força potente que é a vida, dentro e fora de nós. O tempo agora, único e presente: “Mesmo que tentássemos reproduzir cada detalhe, como num teatro, você recebendo eternamente a primeira carta, eu repetindo eternamente as mesmas palavras, cada vez o resultado seria outro,” (SAAVEDRA, 2008, p.92). A visão de que a vida é dinâmica, ininterrupta, eterna e efêmera. Uma perspectiva da continuidade do ser e da existência, do movimento da criação infinita do mundo em função do cuidado se si, os corpos vivendo para o outro e apesar do outro. E conclui A.: “Por mais que o esforço e o propósito e a vontade, há sempre algo que surpreende e que assusta” (SAAVEDRA, 2008, p.92).

Então, para que tudo isso? Para onde tudo isso? Por que tudo isso?

Agora penso que talvez seja esse o único motivo para estas cartas, não as palavras, o que te digo, o que invento, o que escondo e tudo o mais que eu poderia ter te dito das mais variadas formas, não as palavras, mas apenas a saliva e a língua deslizando pelo envelope e o gosto que fica por muito tempo depois. Apenas isso, agora penso, como se pensasse algo completamente novo. Então te digo: esta é a última carta que te escrevo. Uma despedida? Talvez. Enfim, algo completamente novo. (SAAVEDRA, 2008, p.127).

Depois de uma longa viagem, o retorno; após a jornada exaustiva, profunda, transformadora, a volta para casa. Feita a travessia para outro lugar, realizado o deslocamento físico e emocional, vivida a experiência do despaisamento, retomamos tudo aquilo que já não é o mesmo. Mais que o retorno, um reencontro. É extremamente árduo o conflito, o confronto, a batalha da mudança, do crescimento, nos exige coragem, esforço físico, força anímica, espírito e corpo bravo. A. desabafa: “como era possível aquilo, aquela violência e aquele fascínio, aquela invasão e aquela distância. Como era possível? E eu me segurava ao vaso de flores azuis como se ele também se segurasse a alguém.” (SAAVEDRA, 2008, p.135). Neste trecho podemos ver como fragilidade e firmeza se complementam, se precisam, e nos contêm no momento em que nos debatemos encurralados em nossas próprias paredes e muralhas inconscientes, concretizadas em situações de vigor objetivo. O vaso de flores, a água – fonte da vida –, nutriente de algo tão delicado e transitório como o são as flores; e sua sazonalidade, sua transitoriedade elegante e efêmera. Um corpo que segura outro corpo: o vaso, substantivo masculino, como símbolo do corpo dessa mulher, ao qual ela se agarra, no qual ela se equilibra. Enquanto o objeto também se prende ao ser feminal, tão cheio de possibilidades, de potência, de nutrientes, de vida. Tão leviana, tão instável, tão entregue, tão fortaleza. “Seria eu bela o suficiente para estar assim, assim tão nua? Seria eu forte o suficiente? Seria eu rude o suficiente? Ou seria apenas medo o que me mantinha assim, feito presa, feito caça?” (SAAVEDRA, 2008, p.132). Para cada mulher que sente o desejo e a potência da vida em seu útero úmido, em suas entranhas férteis, em sua coragem de ter medo, um homem vive a alegria e o frenesi de sua força caçadora, de seu vigor procriador essencial. Em ambos a potência de vida, em sua complementariedade o nascimento dela. Ambos personagens fazem ressurgir de dentro de si uma nova semente animada, uma nova vida nunca sonhada. Contudo, é preciso despir-se da rudeza, e temos aqui a descrição desta revelada atuação:

E agora penso, estar nua não era simplesmente estar sem roupa, estar nua era algo muito mais árduo, estar nua era antes de tudo um confronto, uma batalha. A nudez de quem se desfaz de um amuleto, a nudez que me conferia o salto das sandálias, a nudez que me conferia o teu olhar, e também a nudez que roçava em teu corpo vestido, sentado no sofá. E eu pensava que a nudez diante de um corpo vestido é um encontro insensato, um gesto extremo. (SAAVEDRA, 2008, p.131).

Interpreto que o desnudar-se, aqui nesta obra, nesta viagem literária, é o permitir-se ser absolutamente transparente com seus sentimentos, ter a capacidade de desvelar e até relatar e descrever as suas – as nossas – verdades internas. Escrever tudo que se guarda nas entranhas da alma, nos recônditos da subjetividade. As cartas são a nudez de A., as palavras sinceras as sandálias femininas, o equilíbrio emocional simbolizado pelo salto alto. Afinal, sabemos, são cartas de amor, e sobre o amor lemos: “pois o amor era isso, quando, finalmente, se perde o medo, o medo que nos paralisa, o medo que nos detém, se é capaz das coisas mais belas e espantosas, como amar e construir uma ponte para outro corpo” (SAAVEDRA, 2008, p.136). Amor é então aceitar-se, enfrentar as incertezas, arriscar-se e, principalmente, o amor é compartilhar experiência, é repartir, é a troca: “o amor esse vínculo que nos une e nos destrói, [...] o amor deve ser isso, estender uma ponte e atravessá-la e destruí-la, para do outro lado, em outro corpo, a descoberta de algo” (SAAVEDRA, 2008, p.136). É preciso, portanto, tomar distância para crescer, desmontar para refazer, desistir para conquistar, recuar para abranger: “E eu que parecia ter desaprendido a andar, fui me movendo lentamente, um passo após o outro, como os primeiros que alguém dá, passos inseguros [...] Tudo em mim era novo.” (SAAVEDRA, 2008, p.132). A individuação, nossa gestação escolhida, nosso livre arbítrio encorajado e terno, a punhos corados e fibrosos no registro dessa experiência. A subjetividade nossa, fonte de vida, de risco, de paradigma. A contingência da alma no desfrute da expectativa. O jogo da viagem, “essa possibilidade constante, essa liberdade” (SAAVEDRA, 2008, p.132). É de tudo isso que fala esta obra, cabe a nós a decisão de subir a bordo.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação focou o tema viagem e propõe a abrangência de seu significado através da literatura, escrita e leitura. Abarcando o viajar como processo de deslocamento e despaisamento, busquei em dois romances da escritora Carola Saavedra a justificativa e a inspiração para o entender da viagem como metáfora do percurso de uma construção da individualização do ser, na transformação e experiência de sua própria subjetividade por meio do registro memorialístico. Registro este que é ferramenta para vivificação, corporificação e voz, de um assumir responsabilidade ético pessoal e social para consigo mesmo e para com os outros.

Para tanto trouxe conceitos fixados e retirados de dicionários atuais brasileiros, e destarte parti para a descrição de alguns poucos romances de estilo relato de viagem. Pude notar que as literaturas de viagem começaram por resguardar um estilo narrativo descritivo com valor de documento para registro histórico, como a carta de Pero Vaz Caminha e o texto de Marco Polo, por exemplo. A obra de Alexandre Baguet também brinda a questão e é importante comprovação das expedições estrangeiras por nosso estado, bem como suas observações científicas a respeito de nosso habitat selvagem e as constatações que ele faz sobre os costumes da sociedade da época. Constato que a princípio as formas de relato eram autobiográficas e historiadadas, narrando experimentos e deslocamentos em direção a lugares estranhos e longínquos. E é só então, com o passar das épocas, que os relatos de viagem vêm a abrir-se às descobertas de um estilo literário próprio, incrementando as narrativas para algo mais íntimo, opinativo e – por que não dizer – poético. Xavier de Maistre e Laurence Sterne foram pioneiros desta escrita que explora os relatos de viagem desde uma perspectiva subjetiva e de cura – do físico e da ânima. Encerrei o capítulo VIAGEM citando Victor Guerra e seu entendimento sobre a importância da palavra como um sistema que organiza, simboliza e coroa nossa construção de identidade, como seres sociais que somos, no processo de nossa subjetivação.

No capítulo seguinte, VIAGEM COMO CONHECIMENTO DO MUNDO EXTERNO E COMO METÁFORA DE AUTOCONHECIMENTO, explorei o termo viagem desde essa perspectiva que proponho, do viajar como ato de reflexão sobre o entender de um deslocamento subjetivo e do olhar para uma identidade em construção e desenvolvimento. Isto é, defendendo a viagem como força motriz e

matriz para expressão de subjetividade. Apontei a viagem como ação de sair de uma cômoda zona moral, abraçando possibilidades; como uma tomada de decisão em ligar o motor interno rumo à expansão da consciência de si, dos outros e do mundo. Salientei a viagem e sua exigência em um arriscar-se profundo e psíquico no intuito de experiência e realização, no tempo e no espaço propiciado e propício, para a transformação do ser e o desabrochar de sua individuação, e de que está em nós aceitar o desafio, viver o conflito, e desejar o prazeroso encontro do centro de si, de autoconhecimento, fortalecendo-nos como unidade social. Apresentei a viagem como uma busca de sentido da vida e como processo do desenvolvimento do ser, do ente evoluído e em constante evolução interna no perceber o mundo como objeto subjetivo<sup>7</sup>. Viajar é ter na construção de identidade um olhar para a significação da existência.

Se viagem é deslocamento, é na distância que ela se potencializa. Assim, a partir das ideias de Sérgio Cardoso, destaquei esse espaço de translocação como um somatório de ligações, como uma linha continua que conecta perspectivas e dimensões. O homem viajante se desloca, pratica o despaisamento não com um fim, mas compreende ser ele mesmo um meio vivo de processo e de construção.

Na sequência, esmiucei a ideia do texto como um tecido, como registro memorialístico e tramado expressivo das experiências da vivência de viajar – física e metaforicamente, da escrita e da leitura como jornada potente e transformadora do indivíduo. O homem vivifica sua vivência e projeta seu conhecimento e sua memória no registro de sua experiência. Depreendi que os relatos de viagem – os registros memorialísticos ficcionais ou não ficcionais, metafóricos ou reais – são realização objetiva de construções identitárias concretizadas numa produção literária; e de que a arte e as palavras são ferramentas de possibilidade em um empreender viagem e no mobilizar a competência e habilidade do viajante entre homens (pelo mundo) ou dentro dele mesmo (em seu mundo interno). Evidenciei na leitura, tanto dos relatos de viagem quando dos romances, uma mesma abertura de si e intensa entrega na aventura por parte dos viajantes, tanto no despaisamento da viagem geográfica como

---

<sup>7</sup> A expressão objeto subjetivo tem sido usada na descrição do primeiro objeto, *o objeto ainda não repudiado como sendo um fenômeno não-eu*. [...], e a experiência disso prepara o caminho para o sujeito objetivo, isto é, a ideia de um *self*, e o sentimento do real que surge do senso de ter-se uma identidade. (WINNICOTT, 1994, p.140)

no deslocamento da viagem metafórica. Se viajamos no tempo e no espaço, igualmente o fazemos na ação de ler e escrever, na decifração de códigos e símbolos da experiência narrativa de incandescência expressiva. Finalizei o capítulo trazendo o conceito de Donald Winnicott de Espaço transicional, este que é ponte entre os fatos e afetos do mundo externo e interno do indivíduo.

Apoiada nos estudos acima levantados e descritos encontrei material, escasso mas tesouro, para minha dissertação de mestrado. Desde as escritas de relatos de viagem tanto geográficas quanto sentimentais, biográficas e metafóricas; com o entender de teorias abordadas pelos intelectuais da psique e a partir do estudo da antropóloga alemã Aleida Assmann, pude discernir a respeito do tema viagem e sobre o ato de viajar. Minha metodologia de estudo foi qualitativa associativa, capturando ideias e aprofundando conceitos à medida que lia e escrevia este trabalho.

Concluo que há material a respeito do assunto para seguir pesquisa e para o abranger da questão viagem como metáfora de um processo interno do indivíduo, do viajar como jornada de construção identitária. E de que sim, com certeza, a leitura e a escrita viabilizam a realização de um crescer e desenvolver da subjetividade do ser, de que a literatura é fonte de experiência de vida para uma viagem transcendental e transformadora dos seres e, sendo vivida e experimentada como troca comunicativa e expressiva, transformadora também da sociedade.

## REFERÊNCIAS

ABRAM, Jan. **A linguagem de Winnicott**: Dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott. Tradução Marcelo Del Grande da Silva. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução Paulo Soethe. Campinas: Unicamp, 2011.

BAGUET, Alexandre. **Viagem ao Rio Grande do Sul**: viajante belga do século XIX. Florianópolis: EDUSP, 1997.

BEATRIZ, Anna. **Dépaysement**. [S. l.], 30 set 2012. Disponível em: <https://annabeatrip.wordpress.com/2012/09/30/depaysement/>. Acesso em: 29 de maio de 2019.

BOTTON, Allan de. **A arte de viajar**. Tradução Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BRITO, José Domingos de (org). **Por que escrevo?** Vol. 1. São Paulo: Novera, 2007.

BRITO, José Domingos de (org). **Como escrevo?** Vol. 2. São Paulo: Novera, 2007.

CASTRO, Silvio. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Porto Alegre: L&PM, 1996.

CARDOSO, Sérgio. O olhar do viajante (do etnólogo). *In*: NOVAES, Adauto... [et al].

**O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.346-360.

COMTE-SPONVILLE, André. **A felicidade desesperadamente**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

DIANA, Daniela. **Pero Vaz de Caminha**. [S. l.], 05 dez 2018. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/pero-vaz-de-caminha/>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, Luisa. Despaísamento: sobre sair da zona de conforto. *In*: **Janelas Abertas**: Blog de Viagens para dentro e para fora. [S. l.], 04 ago. 2019. Disponível

em: <https://janelasabertas.com/2012/08/04/despaisamento/>. Acesso em: 31 de outubro de 2018

FORLENZA NETO, Orestes. Constituição do Si-mesmo e transicionalidade. *In*: Winnicott: Os sentidos da Realidade. **Viver Mente & Cérebro**, São Paulo, n. 5, p. 16-21, [2004?]. (Coleção Memória da Psicanálise).

FRANZ, Marie-Louise von. **Individuação nos contos de fada**. Tradução Eunice Katunda. São Paulo: Paulinas, 1984.

FREZ, Celia Iarosz. **Resumo da obra “Relato de um Certo Oriente”, de Milton Hatoum**. *In*: PET Letras, [S. l.], 23 ago. 2017. Disponível em: [https://www2.unicentro.br/pet-lettras/2017/08/23/resumo-da-obra-relato-de-um-certo-oriente-de-milton-hatoum/?doing\\_wp\\_cron=1558274535.5514259338378906250000](https://www2.unicentro.br/pet-lettras/2017/08/23/resumo-da-obra-relato-de-um-certo-oriente-de-milton-hatoum/?doing_wp_cron=1558274535.5514259338378906250000). Acesso em: 19 de maio de 2019.

GUERRA, Vitor. **Projeto original de Vitor Guerra. Realização audiovisual: Maximiliano Guerra**. Não publicado. [S. l.] (2014)

INSTITUTO ANTONIO HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. [Rio de Janeiro]; Objetiva, 2002. 1 CD-ROM.

INSTITUTO ANTONIO HOUAISS DE LEXICOGRAFIA. (org.). **Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2015.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do Inconsciente**. Tradução Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 1978.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos e reflexões**. Tradução Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

LIMA, Edvaldo Pereira. Prefácio. *In*: MODERNELL, Renato. **Em trânsito: um ensaio sobre narrativas de viagem**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011. p. 11.

MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. **Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura**. Lisboa: Presença, 2001.

MAISTRE, Xavier de. **Viagem ao redor do meu quarto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

MODERNELL, Renato. **Em trânsito: um ensaio sobre narrativas de viagem**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

MONTEZ, Luiz Barros (org.). **Viagens e deslocamentos: questões de identidade e representação em textos, documentos e coleções**. Rio de Janeiro: Móbile Editorial, 2012.

MÜLLER, Fernanda. **Ecos do Oriente: o relato de viagem na literatura brasileira contemporânea**. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010.

MÜLLER, Herta. **O rei se inclina e se mata**. Tradução Rosvitha Friesen Blume. São Paulo: Globo, 2013.

O LUGAR das lembranças. *In*: Uol, [S. l.], 21 de dezembro de 2011. Disponível em: [http://www2.uol.com.br/vivermente/noticias/o\\_lugar\\_das\\_lembrancas.html](http://www2.uol.com.br/vivermente/noticias/o_lugar_das_lembrancas.html). Acesso em: 22 de julho de 2019.

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem**: poética da geografia. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.

PARENTE, Sonia Maria B. A. A criação da externalidade do mundo. *In*: Winnicott: Os sentidos da Realidade. **Viver Mente & Cérebro**, São Paulo, n. 5, p. 22-27, [2004?]. (Coleção Memória da Psicanálise).

SAAVEDRA, Carola. **Flores azuis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SAAVEDRA, Carola. **Paisagem com dromedário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SAAVEDRA, Carola. **A voz da perfeição**. *In*: Gonçalves, José Eduardo (org.). *Ofício da palavra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p.160-173.

SCHEMES, Elisa Freitas. **A literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa**. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: ANPUH, 2015. Disponível em: [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439245917\\_ARQUIVO\\_2.ARTIGOANPUH2015Elisa-Final.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439245917_ARQUIVO_2.ARTIGOANPUH2015Elisa-Final.pdf). Acesso em: 20 maio 2019.

SILVEIRA, Nise da. **Jung**: vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

STERNE, Laurence. **Viaje sentimental**. Barcelona: Bruguera, 1967.

STERNE, Laurence. **A sentimental journey through France and Italy**. Indianapolis: Hackett, 2006.

STERNE, Laurence. **Viagem sentimental pela França e Itália**. Tradução Luana Ferreira de Freitas. São Paulo: Hedra, 2008.

TAVARES, Odorico. **Os caminhos de casa**: notas de viagem. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

VIAGEM. *In*: DICIONÁRIO online de Língua Portuguesa Houaiss. [S. l.: s. n.], c2019. Conteúdo revisto em março de 2019. Lexicógrafa responsável: Débora Ribeiro. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/viagem/>. Acesso em: 24 de maio de 2019.

VIAJAR. *In*: DICIONÁRIO online de Língua Portuguesa Houaiss. [S. l.: s. n., 2019?]. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/viajar/>. Acesso em: 24 de maio de 2019.

VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss**: sinônimos e antônimos. São Paulo: Publifolha, 2013.

WINNICOTT, Clare. **Explorações psicanalíticas**: D.W.Winnicott / Clare Winnicott, Ray Sheperd & Madeleine Davis. Tradução José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artmed, 1994.

WINNICOTT, Donald W. **O brincar & a realidade**. Tradução Imago Editora. Rio de Janeiro: Imago, 1975.